

RAÍZES PEDAGÓGICAS



GOVERNO
DOS AÇORES

SECRETARIA REGIONAL DA
JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO
PROFISSIONAL E EMPREGO



CENTRO DE ARTESANATO
E DESIGN DOS AÇORES





FICHA TÉCNICA

Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial - Centro Regional de Apoio ao Artesanato
2ª Edição Outubro 2020

Promotor do Projeto: **Centro Regional de Apoio ao Artesanato**
Conceção e Coordenação: **Sofia de Medeiros , Filomena Fragoso Rebelo**

PUBLICAÇÃO

Textos: **Alexandra Andrade, Rosa Machado , Filomena Fragoso Rebelo, Sofia de Medeiros, Alexandra Ávila Trindade**
Revisão Discursiva e Correção Linguística : **Rui Miguel Tavares de Faria, Alexandra Ávila Trindade**
Conceção e Coordenação Pedagógica: **Filomena Fragoso Rebelo, Isabel Silva Melo, Sofia de Medeiros, Alexandra Ávila Trindade, Joana Dias**
Design Gráfico: **Sara Schanderl**
Paginação 2ª edição: **Joana Dias**
Fotografia: **Álvaro Saraiva, Luísa Flores – Ofício, André Vieitas, Alexandra Ávila Trindade, Joana Dias, Sofia de Medeiros, Hugo Silva**
Imagens: **jb.utad.pt, siaram.azores.gov.pt**

Impressão: **Nova Gráfica, Lda**
Tiragem: **500 exemplares**
Depósito Legal: **474661/20**
ISBN: **978-989-54159-6-0**

VIDEO

Imagem e Som: **Roger Silva, António Fragata, Mário Roberto**
Montagem: **Mário Roberto, Jorge Soares**
Produção: **Mediaproducts**



<http://artesanato.azores.gov.pt>



[/centroregionaldeapoioaoartesanato](https://www.facebook.com/centroregionaldeapoioaoartesanato)



[craartesanato](https://www.instagram.com/craartesanato)



Nota do Editor – 2ª edição

Nesta 2ª edição do kit pedagógico Raízes, o CRAA procedeu a algumas alterações que resultaram da aplicação da 1ª edição do projeto em contexto pedagógico.

O projeto Raízes propõe, na área do artesanato, a inovação pedagógico-didática, dentro e fora das escolas, a partir de diversas fontes a que deve ter acesso não só a comunidade educativa, mas também o público em geral.

Está organizado segundo o Repertório de Atividades Artesanais que faz parte do Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal. Ser artesão profissional significa ter carta de artesão, dominar as técnicas e saberes com o devido sentido estético e perícia manual.

Este kit Raízes é um recurso pedagógico que percorre as atividades artesanais mais representativas dos Artesanato dos Açores. Nele, o educador encontra um conjunto alargado de propostas que se destina a todos os níveis de ensino, mediante o grau de dificuldade que se quiser aplicar, proporcionando experiências de aprendizagem variadas em diferentes contextos.

O contato com o artesanato desde a infância é um dos objetivos deste projeto, motivo pelo qual as propostas pedagógicas são acompanhadas de registos visuais exemplificativos e que podem ser o ponto de partida para outras abordagens.

O projeto ocupa-se essencialmente da atividade oficial, através da realização de experimentações plásticas que permitem o contacto com diferentes técnicas e matérias-primas artesanais, com anexos para apoio às práticas propostas.

Contudo, também são sugeridas visitas e caminhadas ativas, como no caso da Talha Barroca, dos Muros de Pedra Seca ou da Viola da Terra. Aqui, privilegia-se a ida aos locais para que haja um contato direto e a apreciação ao vivo do património, dos artesãos, das suas oficinas, do seu saber fazer e das suas peças.

A propósito desta 2ª edição, será, ainda, disponibilizada no sítio da internet *artesanato.azores.gov.pt* uma bibliografia específica relativa ao artesanato dos Açores, destacando-se as publicações do CRAA, no sentido de incentivar pesquisas sobre as várias áreas artesanais e promover o enriquecimento pessoal e profissional.

Pretende-se que este projeto, sendo um recurso para a promoção e divulgação das artes e ofícios dos Açores, seja encarado com liberdade criativa e imaginação, conduzindo à inovação.

Que esta 2ª edição do kit pedagógico Raízes potencie e incentive ainda mais o diálogo entre o artesanato e a educação, entre alunos, educadores e artesãos.

Sofia de Medeiros

Diretora do Centro Regional de Apoio ao Artesanato



Nota do Editor

O Centro Regional de Apoio ao Artesanato é um serviço da Vice-Presidência do Governo Regional dos Açores ao qual incumbe a concretização da política regional na área do artesanato.

O Centro Regional de Apoio ao Artesanato atua sobre quatro eixos fundamentais: investigação/certificação, formação, apoio ao artesão e promoção. O desenvolvimento destes eixos passa pela criação e implementação de projetos que conduzam a uma maior valorização do Artesanato dos Açores.

As Artes e Ofícios têm um papel muito importante na afirmação das identidades locais, mantendo e preservando um vasto espólio de memórias e património etnográfico e dando a conhecer, assim, a realidade social, cultural e económica de uma determinada região.

Numa época de cultura massificada e globalizada, as singularidades locais, traduzidas pelas artes tradicionais, têm um papel de diferenciação cultural cada vez mais relevante, que importa não só manter, mas acentuar.

A publicação que agora se apresenta é uma abordagem pedagógica ao Artesanato dos Açores, resultado da articulação das artes e ofícios açorianos com a educação. Com este projeto, pretende-se apresentar e reconhecer a especificidade do artesanato da Região para que a mesma possa ser tida em conta nas decisões sobre as aprendizagens a promover, sobretudo nas escolas açorianas.

Sendo o papel do Centro Regional de Apoio ao Artesanato valorizar as Artes e Ofícios dos Açores, deve promover situações de aprendizagem sobre o processo cultural, os seus produtos e manifestações, valorizando os saberes populares locais.

Contudo, o artesanato está sujeito à mudança através do aparecimento de novas matérias-primas, tecnologias, formas de expressão estética, assim como das novas preferências dos consumidores. Nesta perspetiva, a mudança passa por salvaguardar as raízes tradicionais explorando novas potencialidades através dos caminhos da inovação, criatividade e sustentabilidade o que se espera das novas gerações.

Sofia de Medeiros

Diretora do Centro Regional de Apoio ao Artesanato



Prefácio

Cada vez mais, as crianças e os jovens adquirem conhecimentos, constroem o seu universo de referência e a sua visão do mundo no contacto com estruturas formais, como a cultura escolar, mas também no convívio com as gentes da sua comunidade, incluindo os mais velhos, ouvindo as lendas e tradições que embalam estas infâncias remotas, ouvindo-os falar dos saberes seculares das artes e ofícios que desenvolveram e dos valores que cimentavam a comunidade.

O meio social e cultural onde nascem e crescem as nossas crianças e jovens é, por isso, também uma escola, no sentido etimológico do termo: na Grécia Clássica, esta palavra significava precisamente o lugar do ócio, o lugar para onde iam os que dispunham de tempo livre... para aprender e se abrir ao mundo, pelo conhecimento.

A arte de utilizar os materiais que a natureza nos põe à disposição é também ars, arte, engenho e conhecimento. Esses materiais – o vime, as escamas, o miolo de figueira, a barba de milho e outros tesouros em potência que crescem na terra, nas pedras e nas nossas águas – ao receberem a marca do homem, tornam-se artefactos, produtos culturais que dizem muito da nossa relação com o meio.

Este património, o do artesanato, é conhecimento, é arte, é tradição, logo, matéria privilegiada para a valorização dos Açores, podendo e devendo alimentar, em aliança com os tesouros da fauna, da flora, das danças, da religiosidade e de todas as manifestações culturais que moldam a identidade do ser açoriano, o desenvolvimento turístico da nossa região, mas também projetos educativos que permitam aos nossos alunos descobrir ou reatar os elos que, por vezes, vão perdendo com os saberes ancestrais do seu povo.

Fabricando os objetos de que precisavam para a lavoura, para a pesca, para o culto e para as folias, os homens dos ofícios imprimiam a sua marca na natureza, uma natureza agreste e generosa, que os alimentava de matérias, mas também de desafios e de provações.

Criando, estes homens e mulheres educavam-se e educavam os filhos e os netos, transmitindo-lhes o saber de experiências feitas.

Resgatar essas vocações, os saberes de gerações, estimulando a preservação da cultura local e a formação de uma mentalidade empreendedora, por meio da capacitação das comunidades e dos seus artesãos para a valorização económica dos seus produtos, onde a qualidade e a criatividade levam os produtos aquém e além-fronteiras, é também missão do Currículo Regional para a Educação Básica, cujo Referencial, publicado em 2011, se estrutura em dois temas transversais: a Açorianidade e o Desenvolvimento Sustentável.

Só a título de exemplo, no âmbito da competência social e de cidadania, o Currículo Regional propõe dar a conhecer ambientes de trabalho relacionados com atividades artísticas (oficinas de artistas, artesãos, estúdios de gravação, oficinas de construção de instrumentos, salas de ensaio, etc.) e com as suas problemáticas/especificidades (valores, atitudes, vocabulário específico).

São diversas as atividades que podem as nossas escolas desenvolver para que o artesanato e os saberes que o criaram sejam conhecidos e recriados na escola, nas oficinas de educação artística e tecnológica, mas também na exploração das variações lexicais que caracterizam os falares dos Açores e na experimentação de técnicas de fabrico de produtos locais/regionais.

O artesanato é, por isso, um recurso pedagógico de grande relevo, pois ligando a escola à sua comunidade, os conteúdos formais aos saberes informais, o trabalho ao saber, é também o passado e o presente que se unem nesta consciencialização que se pretende cultivar, para que os nossos alunos, também eles, guardem e propaguem as tradições, a herança cultural da sua comunidade. A sala de aula torna-se, assim, espaço social e de aprendizagem significativa, dando voz às especificidades do viver açoriano, em diálogo com as variadas outras vozes do mundo, cruzando identidades que enriquecem o sentir ilhéu.

Fabíola Jael de Sousa Cardoso

Diretora Regional da Educação



Introdução

Raízes Pedagógicas é um projeto do Centro Regional de Apoio ao Artesanato, que visa despertar nas crianças e jovens uma maior consciência sobre o significado e a importância do Artesanato dos Açores, enquanto património cultural e identitário da Região.

Este projeto, que se apresenta em forma de Kit, pretende transmitir conhecimentos sobre as Artes e Ofícios dos Açores e servir de suporte a atividades em contexto pedagógico. A sua finalidade é constituir um fio condutor na busca de novos caminhos e formas de abordagem do artesanato.

O Kit inclui material gráfico e audiovisual, que documenta vários ofícios artesanais típicos e representativos das ilhas, e uma série de propostas de trabalho exequíveis em contexto pedagógico.

O material gráfico encontra-se sob a forma de fichas pedagógicas agrupadas por áreas temáticas. Cada ficha está estruturada em duas partes intituladas de Aprende e Faz. O Aprende consiste numa breve contextualização histórico-etnográfica sobre os ofícios artesanais e imagens de objetos tradicionais. O Faz privilegia a abordagem prática, com propostas de atividades didáticas, articuladas com os ofícios descritos pela aproximação à técnica artesanal, às matérias-primas ou ao aspeto dos objetos. Estas propostas constituem um ponto de partida para futuras atividades a desenvolver individualmente ou em grupo.

O material audiovisual consiste numa série de breves entrevistas com artesãos açorianos sobre as diferentes áreas abordadas nas fichas pedagógicas, traduzindo um pouco da realidade a que pertencem.

Os recursos disponíveis não apresentam uma lógica sequencial, permitindo a flexibilidade de utilização e a adaptação de cada proposta às especificidades de diferentes contextos. Destinam-se, preferencialmente, a crianças e jovens com idades compreendidas entre os oito e os quinze anos.

Para que o Projeto se revele mais produtivo e enriquecedor, sob o ponto de vista pedagógico, deverá fomentar a relação com a comunidade envolvente, com os artesãos e com os centros de produção de artesanato, no sentido de intensificar a aproximação às matérias-primas, às técnicas e às tradições.

Filomena Fragoso Rebelo

Técnica Superior do Centro Regional de Apoio ao Artesanato



O Centro Regional de Apoio ao Artesanato agradece a todos aqueles que de forma direta ou indireta se envolveram neste projeto:

Abel Gonçalves, Aida Bairos, Ana Baptista, Ana Lúcia Almeida, Ana Pereira, António Fragata, Avó veio trabalhar, Cacilda Frontoura, Cerâmica Vieira, Casa de Artesanato da Fajã dos Vimes, Cooperativa de Tecelagem de Nossa Senhora da Encarnação, Cooperativa de Artesanato “Lagoa Vale a Pena”, Cooperativa de Artesanato do Ramo Grande do Cabo Praia, Cooperativa de Artesanato de Santa Maria CRL, Cooperativa de Artesanato Sr^a da Encarnação, Daniel Raposo, Diana Diegues, Dinis Botelho, Eduardo Câmara, Eduardo Furtado, Eduardo Medeiros, Eva Peixoto, Fábio Oliveira, Fátima Brasil, Helena Pimentel, Helena Henriques, Hugo Raposo, Humberto Silveira, Inês Inês, Inês Ribeiro, Isaura Rodrigues, João Andrade, João Carroça, João Dinis, João Pacheco de Melo, José de Inês, José Lima, Judite Pavão, Kairós - Cooperativa Incubação de Iniciativas de Economia Solidária CRL, Lara Costa, Maria de Jesus Costa, Maria Evangelho, Maria Fátima Correia, Maria Medeiros, Mário dos Reis Rodrigo, Manuel Gonçalves, Museu de Angra do Heroísmo, Narciso Lopes, Natividade Fontes Mota, Oficina Museu Capelas, Oldemira Aguiar, Ondina Vieira, Orlanda Faria, Rafael Carvalho, Ricardo Cunha, Rui Janeiro, Rui Teixeira, Sílvia Teixeira, Zsombi Keresztes.



Fichas

Artes e Ofícios Têxteis

APRENDE FAZ

Malhas Tradicionais	Cachecol de Malha
Boina de Lã do Corvo	Móbil com Mini Barretes
Preparação da Lã de Ovelha	Fiar Lã
Tingimento de Fibras Têxteis	Tingir Lã usando Líquenes
Bordado a Branco e a Crivo	Painel Artístico
Bordado a Matiz	Caderno em Fole Bordado
	Bordado sobre Fotografia
Bordado a Ouro	Estandarte do Espírito Santo
	Bandeira do Espírito Santo
Bordado a Palha	Separador de Livros
	Bordar um Desenho
Trajes das Cavalhadas	Caneco das Cavalhadas
Trajes de Danças e Bailinhos	Traje de Danças e Bailinhos
Retalhos	Moldura de Hexágonos
	Base ou Pega de Retalhos
	Estojo em Retalhos
	Flor de Seis Pétalas
	Capuchinhos
Rendas	Copo de Renda
	Pega de Renda
Tecelagem	Capa para Caderno
	Tear Artístico
	Outros Padrões de Tecelagem



Fichas

Artes e Ofícios da Cerâmica

APRENDE FAZ

- Azulejaria** Ímanes ou Pregadeiras
- Cerâmica Terceirense** Base para Quentes
- Cerâmica Figurativa** Casas e Bonecos Etnográficos
- Olaria** Taça Cerâmica
- Tarrinhos

Artes e Ofícios de Trabalhar Elementos Vegetais

APRENDE FAZ

- Fibras Vegetais** Bonecas em Folha de Milho
- Caixa com Empalhamento
- Arte de Trabalhar Miolo de Figueira e Similares** Ramo de Flores
- Capacharia** Base para Copos
- Capacho em Ráfia
- Cestaria** Cesta com Rolinhos de Jornal
- Cesta em Ráfia

Artes e Ofícios de Trabalhar Peles e Couros

APRENDE FAZ

- Arte de Trabalhar Peles e Couros** Bolsa



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar a Madeira e a Cortiça

APRENDE FAZ

Bote Baleeiro	Cena de Caça à Baleia em Pirogravura
Chavão	Carimbo
	Chavão Esculpido
Fechadura de Madeira	Fechadura
do Corvo	
Talha	Visita Ativa à Talha Barroca

Artes e Ofícios de Trabalhar o Metal

APRENDE FAZ

Artes e Ofícios	Palmatória
de Trabalhar o Metal	
Terço de Semente	Dezena de Sementes de Sabugueiro
de Sabugueiro	

Artes e Ofícios de Trabalhar a Pedra

APRENDE FAZ

Trabalho em Basalto	Anel em Pedra-Pomes
	Porta-Velas em Pedra-Pomes



Fichas

Artes e Ofícios ligados ao Papel e às Artes Gráficas

APRENDE FAZ

Recorte de Papel	Festão de Bailarinas
	Mosqueiro
Fabrico de Papel	Papel Reciclado
	Taça / Candeeiro
Artes Gráficas	Visita Ativa Tipografias Artesanais
	Encadernação Manual

Artes e Ofícios Ligados à Construção Tradicional

APRENDE FAZ

Telha Antiga	Telha de Canudo
Muros de Pedra Seca	Caminhada Ativa aos Muros de Pedra Seca

Produção e Confeção Artesanal de Bens Alimentares

APRENDE FAZ

Alfenim	Figuras em Pasta
Bolo Lêvedo	Bolos Lêvedos
Queijadas dos Açores	Queijadas de Queijo Fresco
Biscoitos de Orelha	Biscoitos
Espécies	Espécies
Chá	Filtro Infusor de Chá em Cana



Fichas

Outras Artes e Ofícios

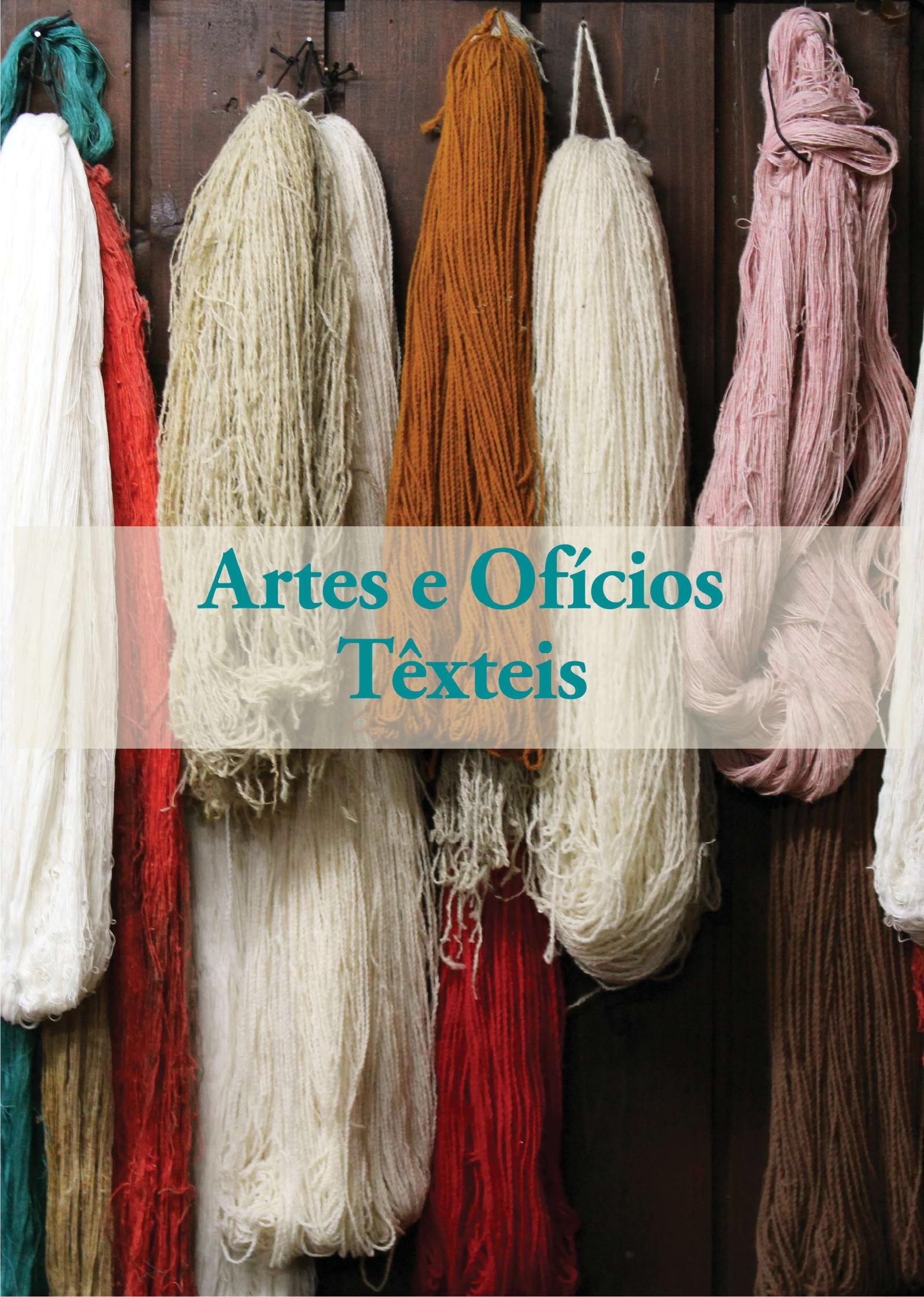
APRENDE FAZ

Arte de Trabalhar Escamas de Peixe
Fabrico de Brinquedos

Fabrico de Registos
do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Presépios de Lapinha
Figurado de Madeira
Osso e Dente de cachalote
Viola da Terra

Sabão
Arte de Bonecreiro
Flores Artificiais

Flores de Escama
Bola de Farelo
Boneco de Trapos
Cagarro Articulado
Pombinha
Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Lapinha
Escultura Criativa em Madeira
Trabalho Artístico em Gesso e Basalto
Cabaça de Ritmos
Visita Ativa – Viola da Terra
Sabão de Azeite
Fantoches de Sombra
Flores de Dragoeiro
Flores em Folha de Milho
Flores de Papel

A collection of colorful yarn skeins hanging on a wooden wall. The skeins are in various colors including white, cream, orange, pink, red, and teal. They are arranged in a row, with some skeins hanging from hooks and others from a string. The background is a dark wooden wall with vertical planks.

Artes e Ofícios Têxteis



Fichas

Artes e Ofícios Têxteis

APRENDE FAZ

Malhas Tradicionais	Cachecol de Malha
Boina de Lã do Corvo	Móbil com Mini Barretes
Preparação da Lã de Ovelha	Fiar Lã
Tingimento de Fibras Têxteis	Tingir Lã usando Líquenes
Bordado a Branco e a Crivo	Painel Artístico
Bordado a Matiz	Caderno em Fole Bordado
	Bordado sobre Fotografia
Bordado a Ouro	Estandarte do Espírito Santo
	Bandeira do Espírito Santo
Bordado a Palha	Separador de Livros
	Bordar um Desenho
Trajes das Cavalhadas	Caneco das Cavalhadas
Trajes de Danças e Bailinhos	Traje de Danças e Bailinhos
Retalhos	Moldura de Hexágonos
	Base ou Pega de Retalhos
	Estojo em Retalhos
	Flor de Seis Pétalas
	Capuchinhos
Rendas	Copo de Renda
	Pega de Renda
Tecelagem	Capa para Caderno
	Tear Artístico
	Outros Padrões de Tecelagem



Aprende e Faz





Aprende

Malhas Tradicionais

Confeção de Artigos de Malha

Na confeção de artigos de malha há um que se destaca no vestuário açoriano – a barreta. Embora o arquipélago dos Açores não seja das regiões mais frias do país, o uso da barreta está intimamente ligado quer à atividade agrícola, quer à piscatória. Gaspar Frutuoso referia que a barreta de lã ou carapuça era usada pelos menos abastados já no século XVI. Esta peça encontrava-se por todo o arquipélago.

Segundo Rosa Pomar, é nos Açores, e em particular na ilha do Corvo, que sobrevivem os exemplos mais curiosos e cujas características se mantiveram sem alterações, em alguns casos pelo menos durante mais de um século. Embora a boina do Corvo seja a mais conhecida, feita em lã azul escura, com uma faixa ornamentada a branco com as “gregas”, terminando com um pompom, as barretas de homem da Terceira e de São Miguel também ocuparam o seu lugar na indumentária açoriana. Com o formato cónico, as de São Miguel são decoradas no bordo com uma bainha de bicos e rematadas no topo por uma borla. As que sobreviveram até hoje são brancas, com desenhos a preto ou castanho escuro em bandas horizontais. As da Terceira são feitas com bandas alternadas, em malha de meia e liga, o que lhes confere uma textura ondulada, e terminam com um cordão de malha, rematado por uma borla de grande dimensão.

A camisola em lã grosseira, muito comum nas classes mais pobres em todo o país, nos Açores não adquiriu grande relevância no que diz respeito à sua forma. Contudo, é de notar que é no traje marítimo que a camisola de lã tem o seu papel mais predominante: em lã de ovelha e tricotada com agulhas, em tom natural, cinza ou castanho, sem nenhum desenho específico.



A lã de ovelha fiada sempre foi a fibra de eleição para este tipo de artigos de malha. Contudo, com o aparecimento das fibras sintéticas, começou a desvalorizar-se esta matéria prima. Atualmente, a maioria destas peças só é utilizada pelos ranchos folclóricos, mas ainda persiste quem faça à moda antiga, com a lã de ovelha oriunda das ilhas do Faial, Santa Maria e Terceira e usada para fazer mantas teadas, as malhas e trajes nas ilhas de São Miguel, Santa Maria e São Jorge.



Cachecol de Malha

Confeção de Artigos de Malha

Tricota um cachecol de malha com dois bolsos.

MATERIAL

- Agulhas de malha;
- Novelos de fios.

NOTA: Encontra no novelo a indicação do número da agulha adequado à espessura do fio.

PASSO A PASSO

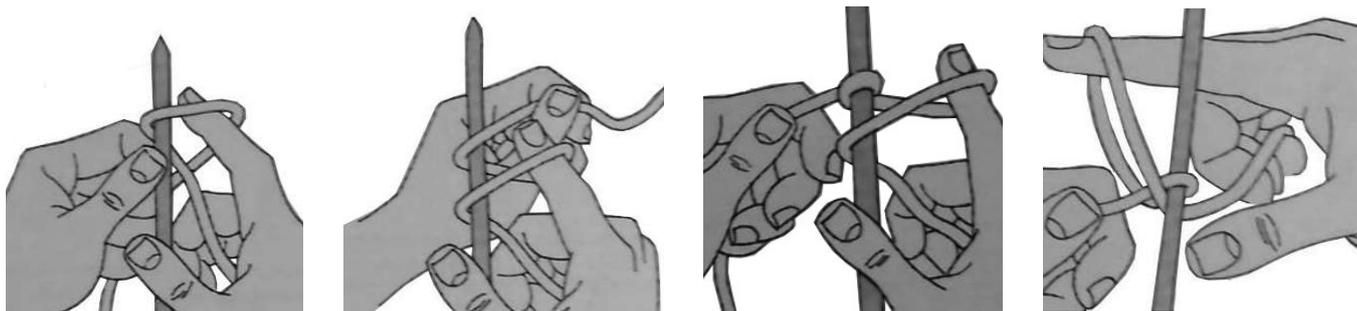
- Começa 30 malhas nas agulhas;
- Faz as primeiras cinco carreiras em ponto de meia;
- A partir da quarta carreira, pelo direito faz ponto de liga, pelo avesso ponto de meia;
- Quando obtiveres o comprimento desejado (cerca de um metro) faz novamente cinco carreiras em ponto de meia e finaliza;
- Para os bolsos, começa 20 pontos na agulha e faz cerca de 20 cm de malha; quando terminares cose-os ao cachecol pela extremidade.



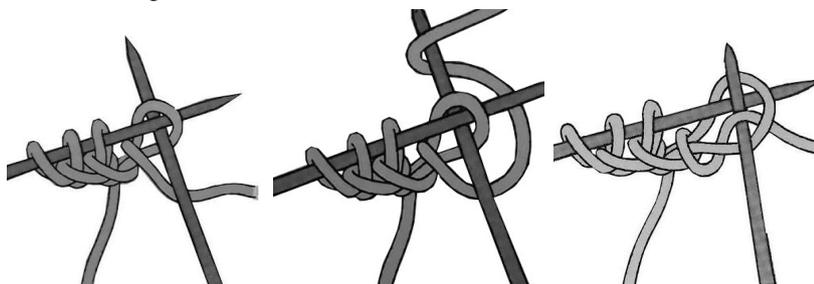


Anexo

Começar



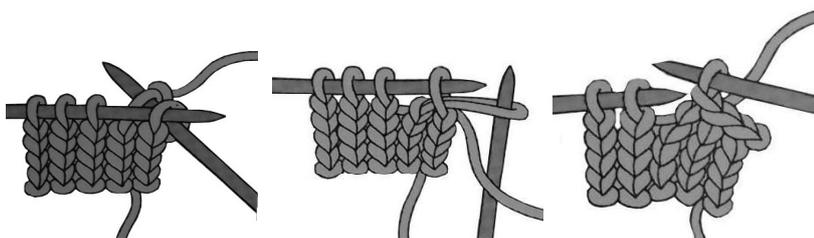
Ponto de liga



Ponto de meia



Terminar





Boina de Lã do Corvo

Confeção de Artigos de Malha

A boina do Corvo, uma das preciosidades das malhas açorianas, cuja origem se perde no tempo, mas a produção resiste até aos nossos dias, é feita em tricô, com um conjunto de 5 agulhas, originalmente em lã azul-escura, com uma barra estreita (grega), trabalhada com o tradicional branco natural.

Em alguns casos, na orla é aplicada uma pala feita também em malha e reforçada com tecido. No topo é colocado um pompom com uma dimensão única.

Segundo a história contada pela própria artesã, Rosa Mendonça, que na ilha do Corvo confecciona estas boinas como a sua mãe Inês Inês fazia, antigamente, quando os homens Corvinos faziam as suas viagens marítimas para os E.U.A. à procura de uma vida com melhores condições financeiras, aprenderam a tricotar estas boinas, passando a sua aprendizagem às suas mulheres quando regressavam ao Corvo, passando a usá-las continuamente.

A boina, usada no início do século XX, fazia parte do traje de baleeiros. Terá sido por influência dos pescadores escoceses que os corvinos aprenderam a fazê-las. Este mesmo tipo de boina foi produzido na Escócia desde o século XVI, época de que se conservam alguns exemplares e o seu modelo e método de confeção persiste inalterado desde então.

A sua origem é um pouco incerta, na medida em que está também documentada como boina escocesa trajada por Herbert Dabney, numa fotografia no jardim da sua residência, na ilha do Faial. Seja por esta via particular ou por influência da emigração açoriana para o continente americano, certo é que este modelo de boina nunca foi visto noutra local do País.

O Corvo é a única ilha dos Açores que tem este tipo de boina e o Rancho Folclórico utiliza-as como fazendo parte do traje tradicional desta ilha.

Em 2019, a boina do Corvo foi reconhecida oficialmente como uma das preciosidades das malhas açorianas e passou a ser um produto artesanal integrante da marca coletiva de origem Artesanato dos Açores.





Móbil com Mini Barretes

Confeção de Artigos de Malha

Elabora um móbil composto por vários Mini Barretes.

MATERIAL

- Tesoura;
- Rolos de cartão;
- Régua;
- Lápis;
- Fios coloridos com as cores da tua preferência;
- 2 paus de madeira.

PASSO A PASSO

- Num rolo de cartão mede, com auxílio da régua, 2 cm a partir da borda e risca com um lápis;
- Repete a mesma medida em todo o rolo de papel;
- Recorta o rolo pelas marcas do lápis para obteres várias argolas de papelão;
- Corta vários fios com comprimento de cerca de 15 cm e dobra-os ao meio;
- Pega num fio dobrado ao meio, passa por uma tirinha de rolo de cartão e dá uma laçada, passando as pontas por dentro da dobra; puxa a linha para ficar bem firme e rente ao papelão;
- Repete o procedimento anterior até cobrires toda a argola de papelão;
- Passa as pontas do fio para o lado oposto, enfiando-as por dentro da peça;
- Pega num fio solto e amarra um pouco acima da base de papelão, onde está a tirinha do rolo de papel;
- Na ponta oposta que sobrou dá outro nó, formando uma laçada para pendurar o barrete posteriormente;
- Para finalizar a peça, corta as pontas dos fios e arruma com os dedos, para formar um pompom.





Preparação da Lã de Ovelha

Preparação e Fiação de Fibras Têxteis

Antes do povoamento dos Açores, o Infante D. Henrique enviou, entre outras espécies, ovinos, que depois no século XVI vieram a beneficiar a população em termos de recursos (alimentação e matéria-prima). As ovelhas ditas da terra apresentam hoje características heterogêneas, resultado da introdução de outras raças, com destaque para as britânicas *Suffolk* e *Romney Marsh*.

Santa Maria é a ilha que tem o maior histórico na produção de ovelhas e, apesar de alguns altos e baixos, conseguiu até hoje manter essa tradição.

A sua produção permite e estimula o aproveitamento e a valorização de um recurso que, nos anos mais recentes, vem sendo desperdiçado, bem como a preservação e divulgação de saberes ancestrais relacionados com a transformação desta matéria-prima, outrora extremamente valorizada e essencial à indústria caseira de camisolas de lã, barretas e tecelagem, pelas quais as ilhas eram célebres.

A lã, como fibra animal, é obtida por um processo moroso e exigente.

Os rebanhos andavam, até há poucas gerações, soltos e, geralmente, duas vezes por ano (final de abril e outubro) as comunidades reuniam-se para juntar as ovelhas nos arroteios e fazer a tosquia, num dia que era também de festa. A tosquia foi, até ao século XX, um acontecimento social em que toda a comunidade se juntava para o conhecido dia da lã.

A tosquia da ovelha, atualmente feita com a máquina, era feita com tesoura. Depois de separada, a lã de qualidade é lavada, seca e vardascada (batida com uma vara) para retirar as impurezas. Antes de ser cardada por duas vezes, a lã é carmeada (abrir a lã com as mãos) e azeitada para amaciar. Pronta para ser fiada, usa-se a roca ou o fuso para o processo manual e a roda grande para o processo mecânico.



A chegada aos Açores da roda de fiar está documentada pelo menos desde o século XVI. Ao contrário do fuso, a roda era usada sobretudo pelas famílias mais abastadas.

Por fim, a lã é transformada em meadas, através do sarilho, e em novelo com a dobadoira.

Da fiação nasce o fio que pode ser utilizado na tecelagem, nas malhas, rendas e outras técnicas têxteis.

Há um tipo de fio, que ainda se produz, sobretudo nas ilhas de Santa Maria e São Jorge, que prima pela sua originalidade. Este é designado de fios, por ser composto de lã misturada com restos de retalhos já desfiados e cardados, adquirindo um tom salpicado de várias cores.



Fiar Lã

Preparação e Fiação de Fibras Têxteis

De um pedaço de lã já cardada, faz fio.

MATERIAL

- Lã Cardada;
- Fuso.

PASSO A PASSO

- Com a mão esquerda segura o pedaço de lã cardada;
- Faz girar o polegar e o dedo médio de forma a começar o fio;
- Enrola este pedaço de fio na ponta do fuso;
- Faz o fuso rodar com a outra mão, sem nunca perder o fio; este fio vai puxando as fibras e vai formar mais fio, até chegar ao fim do pedaço de lã cardada;
- Junta um novo pedaço quando chegares ao fim do primeiro, e assim sucessivamente.





Aprende

Tingimento de Fibras Têxteis

Preparação e Fiação de Fibras Têxteis

A tinturaria natural pode ser muito mais do que um ofício e atividade complementar da produção têxtil. É, por excelência, uma prática de (re)ligação à natureza, através da qual tantas disciplinas se cruzam. Da observação, busca e recolha de espécies botânicas ao seu cultivo, à obtenção das suas matérias corantes, todas as etapas são fascinantes e por vezes mágicas.

Guida Fonseca, Cores da Terra: A Tinturaria nas Ilhas

As primeiras experiências de tinturaria terão acontecido no período Neolítico, numa tentativa do homem de reproduzir as cores da natureza. No início, terá experimentado cores extraídas da terra e de pedras, pouco resistentes aos agentes atmosféricos, e depois cores extraídas de plantas que, ao contrário das primeiras, se revelaram muito resistentes, tendo alguns vestígios perdurado até aos nossos dias. A extração de corantes vegetais acompanhou, portanto, a história do homem e tornou-se em algumas culturas e civilizações uma atividade económica importante.

Os corantes eram extraídos de diferentes partes de plantas ou árvores (folhas, flores, raízes, frutos, troncos e sementes), utilizando processos como a maceração, a destilação, a fermentação, a decantação, a precipitação e a filtração, entre outros.

Nos Açores, o crescimento da indústria da tecelagem conduziu ao desenvolvimento da tinturaria. A produção de corantes era uma atividade doméstica e complementar da tecelagem e as tecedeiras experimentavam uma grande variedade de plantas, como as cascas de cebola, a erva azeda, a ruiva, a nogueira, o sanguinho, o espigo da corriola, a faia, o musgo e a urzela, entre outras. Os corantes que daqui resultavam tingiam a tecelagem de cores de grande beleza, que passaram a ser um traço distintivo das roupas, mantas e colchas elaboradas no arquipélago.



Com o povoamento das ilhas, foi introduzida a cultura do pastel-dos-tintureiros, cuja semente terá sido trazida da Flandres por um flamengo de nome português Guilherme da Silveira, em finais do século XV. Esta cultura, cujo desenvolvimento se deveu muito às características do clima e às propriedades dos terrenos, iniciou-se no Faial e estendeu-se a todas as ilhas dos Açores, à exceção das Flores, tendo-se tornado fundamental para o setor económico do arquipélago e uma fonte de riqueza para o reino, nos séculos XV e XVI.



Tingir Lã usando Líquenes

Preparação e fiação de Fibras Têxteis

Dá à lã de cor natural uma cor laranja/castanha.

MATERIAL

- Lã cardada ou fiada;
- Líquenes;
- Panela;
- Fogão;
- Garfo ou colher comprida para mexer no preparado (se for necessário);
- Balança.

PASSO A PASSO

- Pesa os líquenes, cobre-os com água e deixa-os de molho cerca de 24 horas;
- A este preparado, junta o mesmo peso em lã; deves pesar a lã em seco, demolhá-la e colocá-la dentro da panela;
- Leva ao lume brando, sem nunca ferver, durante duas a três horas; quanto mais tempo ficar, mais escura ficará a cor;
- Deixa arrefecer;
- Retira da água e coloca a secar à sombra, em local fresco e arejado.

OUTRA SUGESTÃO

Podes também usar flores de açafroa e obter um bonito tom amarelo.

Para tal usa-se o mesmo processo de tingimento.





Anexo

Plantas Tintureiras usadas nos Açores

1 – Musgo de parede / Líquenes

Castanhos / Alaranjados

2 – Espadana (folhas)

Castanhos claros



3 – Erva azeda (flor)

Amarelo giesta

4 – Lírio dos Campos / Lírio dos Tintureiros (flor)

Verde ou seca dá tonalidades diferentes de amarelo



5 – Anileira ou Pastel

Azul anil

6 – Urze (rama)

Verdes

7 – Eucalipto

Cinzentos

8 – Cedro

Cinzentos avermelhados

9 – Faia

Negros

10 – Pinheiro

Beges

11 – Nogueira (casca)

Verdes secos / acastanhados

12 – Cebola (cascas)

Amarelos / Dourados (Juntando chá preto obtém-se uma cor próxima do café com leite)



13 – Ruivinha (raíz)

Vermelhos

14 – Sanguinho (casca)

Castanhos / Avermelhados

15 – Tabaco (folhas)

Castanhos



16 – Urzela

Violetas / cor-de-vinho

17 – Sabugueiro (casca da raíz)

Castanhos café

19 – Castanheiro (casca)

Castanhos

20 – Fava (vagem)

Negros



21 - Açafroa

Amarelos



Aprende

Bordado a Branco e a Crivo

Confeção de Bordados

O bordado típico da ilha Terceira é conhecido pela combinação de pontos empregues com fios de algodão sobre tecido igualmente de algodão ou de linho, como ilhós, richelieu, crivo e caseados (também designados por pontos de recorte) que sempre caracterizaram o bordado inglês e o bordado da Madeira. Sendo um bordado genuinamente branco, a sua textura adquire maior importância.

Para este bordado recortado é imprescindível uma trama bem fechada, como é a da cambraia, a do algodão ou a do linho fino, que não desfia com facilidade. O desenho que o caracteriza é formado essencialmente por elementos florais geométricos e figurativos – corações, laços, flores e ramos estilizados em grinaldas ou isoladamente, molduras de monogramas – e delicadas composições geométricas em ilhós, das quais resultam, por exemplo, as interessantes cavacas e viúvas. A ilha do Faial, por exemplo, tem-se evidenciado pelos seus bordados de crivo, um dos pontos utilizados no bordado a branco da ilha Terceira, também designado por ponto arrendado ou ponto aberto: depois de tirados os fios “a contado” (tirando uns e deixando outros de intervalo), no sentido horizontal e vertical, e formado o crivo, tece-se então o bordado dos mais variados motivos (mais uma vez, contam-se os fios para tecer) com um ponto enlaçado, nesta rede circundada de recortes lineares ou em curvas harmoniosas que embelezam toda a roupa branca da casa, incluindo toalhas de mesa e naperons, e ornamentam as vestimentas eclesiásticas.

Não sendo uma produção exclusiva da nossa Região, uma vez que também faz parte da tradição dos países latinos do Mediterrâneo, como a Itália e a Espanha, pelo menos desde o século XVII, adquiriu na ilha do Faial características próprias e elevado nível de qualidade que permitem rivalizar com outros produtores nacionais ou estrangeiros. Mais uma vez, os motivos decorativos tradicionais, vegetalistas e simbólicos tipificam uma arte que, tal como tantas outras, há muito veio parar a esta encruzilhada do Atlântico Norte.



É de sublinhar que este bordado rendado se obtém desfiando-se o tecido de fundo e, a seguir, prendendo em grupos os fios restantes através de pontos de bordado para obter padrões regulares. É conhecido também como tecelagem de agulha, porque os pontos principais se executam introduzindo a agulha por baixo e por cima dos fios do tecido.

Quanto aos utensílios, para além da agulha e da tesoura de aço, a bordadeira necessita de um dedal de osso, prata ou outro metal niquelado, um furador para fazer os ilhós, normalmente de osso ou tradicionalmente os próprios picos bem secos da piteira e um bastidor que é utilizado para facilitar a tarefa de bordar certos pontos.



Painel Artístico

Confeção de Bordados

Cria um painel artístico, aplicando papel, rendas, bordados e materiais de costura.

MATERIAL

- Tela;
- Cartolina branca;
- Tesoura;
- X-ato;
- Cola;
- Agulha grossa;
- Linha de bordar branca;
- Rendas e tecidos;
- Fechos, colchetes e fitas brancas.

PASSO A PASSO

- Em pedaços de cartolina, desenha a lápis formas da tua preferência e, com ajuda de uma agulha, faz furos sobre o contorno; deixa uma margem e recorta as figuras;
- Em algumas das figuras, passa a agulha com linha ao longo do picotado de forma a bordar o contorno; podes ainda bordar de dentro para fora, preenchendo a borda do papel;
- Recorta tiras de papel e cose, com agulha e linha, tiras de renda ou tecido, não esquecendo que tens de fazer primeiro os furos no papel;
- Na tela, desenha e recorta, com a tesoura ou com um x-ato, formas, como círculos, gotas, flores, etc.;
- Por trás da tela, cola nas zonas abertas, pedaços de tecido ou rendas; podes ainda contornar as formas abertas com furos de agulha e passar de um lado para o outro a linha, formando pequenas teias;
- Cria composições com os fechos abertos ou semiabertos e tiras de renda, colando-os na tela (apenas os seus bordos); recorta por trás a parte da tela que fica sob a tira de renda;



- Na tela, faz furos em forma de cruz e estrela e passa a agulha com linha de modo a criares bordados;
- Noutras zonas, podes fazer apenas furos com a agulha, por exemplo na parte de trás da tela para criar texturas;
- Cola colchetes na tela e passa entre eles fitas brancas, dando o feitiço de atacador.

OUTRA SUGESTÃO

Podes bordar postais ou criar etiquetas personalizadas para presentes.



Aprende

Bordado a Matiz

Confeção de Bordados

O bordado típico da ilha de São Miguel é o bordado a matiz sobre linho, feito a dois tons de azul, escuro e médio.

A sua origem remonta à década de 1930, altura em que a Sra. Lily Bensaúde teve a iniciativa de lançar um novo tipo de bordado que terá sido divulgado, pela primeira vez a nível nacional, em 1932, aquando da Exposição da Indústria de Arte dos Açores, no Salão da Ilustração Portuguesa, em Lisboa.

Os motivos característicos deste bordado azul-faiança são compostos por elementos florais assimétricos, como os trevos, os cravinhos, as florinhas, as avencas, pequenos ramos e algumas aves, inspirados na ornamentação da louça Chinesa. Os pontos empregues são o matiz, o ponto pé de flor e o de recorte (este último é empregue como remate, em curvas baixas, viradas para o interior), executados com dois fios de filosela de algodão, em dois tons de azul, sobre tecido de linho ou algodão branco.

O reconhecido valor dos bordados dos Açores e o conseqüente volume de produção permitem manter, nestas ilhas, núcleos de trabalho permanente onde ainda se utilizam os processos tradicionais.

À bordadeira tradicional exige-se o emprego de técnicas artesanais em todas as fases da execução do seu trabalho, estampagem, bordado e engomagem. As pequenas indústrias do bordado que atualmente existem nas ilhas de São Miguel e da Terceira recorrem a certos processos mecânicos que em nada prejudicam a qualidade artesanal dos seus produtos. O risco caseiro decalcado para o tecido com papel de carbono é substituído pela estampagem por meio de uma chapa, com tinta de anil, fazendo passar para o tecido todos os pormenores do desenho. A fase do acabamento inicia-se pela lavagem do bordado que, em seguida, é mergulhado em banho de goma de amido para depois ser submetido à ação dos ferros de passar.





Caderno em Fole Bordado

Confeção de Bordados

Elabora um caderno em fole com a capa personalizada, com desenhos bordados por ti.

MATERIAL

- Papel com padrão;
- Cartolina na cor da tua preferência;
- Dois cartões de 3 mm de espessura com as medidas de 8 cm de largura x 9,5 cm de comprimento;
- Tesoura;
- Cola branca;
- Agulha grossa;
- Linha de bordar nas cores que preferires.

PASSO A PASSO

- Recorta dois retângulos de papel com o padrão que escolheste, com a mesma dimensão do cartão (8 cm de largura x 9,5 cm de comprimento);
- No papel, usando uma agulha grossa, faz furos ao longo do risco do padrão, deixando espaços de cerca de 0,5 cm entre os furos;
- Coloca a linha da cor escolhida na agulha; passa a linha pelo primeiro furo na parte de trás do papel e, em seguida, no segundo furo; prende a linha no avesso da folha, com fita-cola; entra com a linha no terceiro furo e volta para o segundo; em seguida, entra com a linha no quarto furo e volta ao terceiro; repete este processo por todo o contorno do desenho;
- Cola o papel bordado no cartão alisando-o bem. Repete o procedimento para o segundo cartão;
- Pinta os bordos do lado oposto do cartão com uma cor idêntica à da tua cartolina e deixa secar;
- Recorta uma tira de cartolina com cerca de 8,5 cm de largura e 58,5 cm de comprimento;
- Com um lápis e ajuda de uma régua marca distâncias de 7 cm e dobra a folha de modo a constituíres um fole;
- Cola a primeira parte da tira dobrada na parte de trás de um dos cartões e a última no segundo cartão e obténs um caderno em leque para colocares fotografias, por exemplo.





Faz



Bordado sobre Fotografia

Confeção de Bordados

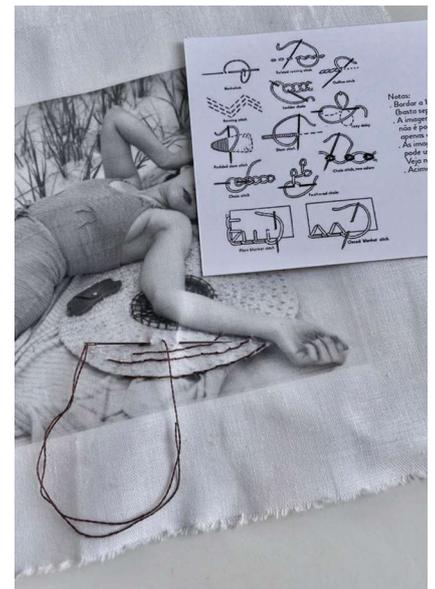
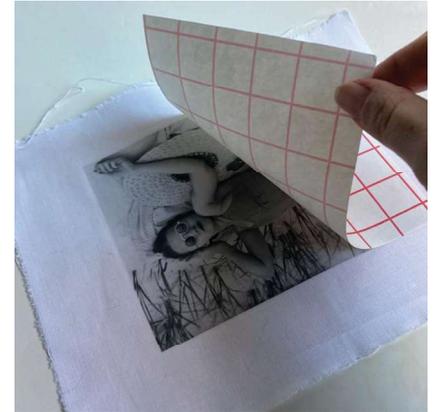
Personaliza fotografias tuas a preto e branco ou fotografias antigas, dando-lhes uma nova vida com linha e agulha.

MATERIAL

- Fotografia a preto e branco;
- Papel transfer térmico;
- Impressora a jato de tinta;
- Tesoura;
- Ferro de engomar;
- Tecido branco;
- Fios para bordar de várias cores;
- Agulha.

PASSO A PASSO

- Escolhe uma fotografia a preto e branco para bordar, ou, então, imprime uma a preto e branco;
- Usa uma folha A4 de papel transfer térmico (vende-se em lojas de consumíveis informáticos, impressoras e tinteiros; também pode ser comprado online); as folhas normalmente têm uma quadrícula no lado que não é para imprimir;
- Imprime o desenho numa impressora a jato de tinta (as impressoras domésticas que usamos normalmente em casa); caso a fotografia tenha texto, tem de ser impressa com a imagem em “espelho” para ficar legível depois de ser passada a ferro;
- Depois de impressa, corta as margens;
- Passa com o ferro bem quente até toda a imagem aderir ao tecido branco sobre o qual vais bordar;
- Deixa arrefecer e retira a película de papel do tecido;
- Está agora na hora de começares a bordar; usa fios de bordar de várias cores para sobressaírem na fotografia; não deves usar nem preto, nem cinzentos; quanto mais colorida, mais os pontos sobressaem; se usares meadas de bordar, usa apenas 1 fio de cada vez (as meadas são compostas por 6 fios); quanto mais fino o fio, mais elegante fica; podes usar todo o tipo de pontos, dos mais complexos aos mais simples.





Aprende

Bordado a Ouro

Confeção de Bordados

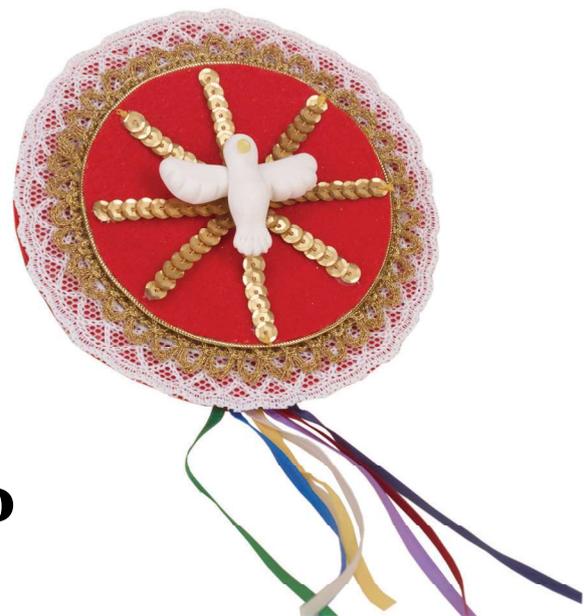
O bordado a ouro está associado às principais festividades religiosas dos Açores, designadamente ao culto do Espírito Santo e ao culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, na medida em que integra a ornamentação dos mais importantes e simbólicos acessórios, como as bandeiras, os estandartes e os paramentos.

Não só do ponto de vista religioso, mas também cultural, o culto do Espírito Santo é sem dúvida o elemento de união das ilhas dos Açores e até das suas comunidades de emigrantes, principalmente as dos Estados Unidos da América, do Canadá e do Brasil.

Em termos populares, a pomba do Espírito Santo é o motivo principal que surge bordado a ouro nas bandeiras, estandartes e fitas que se exibem em todos os cortejos e demais cerimónias das festas do Divino Espírito Santo. Não há igreja, ermida, império, altar ou irmandade que não as possua, lado a lado, com a coroa do Espírito Santo em prata cinzelada, umas sendo mais antigas ou mais recentes e produzidas por encomenda, outras oferecidas como pagamento de promessas, contendo um bordado, ora mais rico, ora mais singelo. Iniciada nos conventos, a arte de bordar a ouro adquiriu grande perfeição. Tradicionalmente, este bordado é executado em fio de ouro sobre damasco vermelho, com a representação de uma grande pomba executada em cetim branco, debruada em fio de ouro, galões dourados, ornamentada com lantejoulas e outros materiais similares. As extremidades da bandeira ou do estandarte são decoradas com rendas, galões ou franjas douradas.

Este ícone do culto do Espírito Santo, que é a pomba, encerra grande valor simbólico que tem perdurado no tempo e motivado a criatividade das novas gerações para as mais diversas aplicações: surge, assim, na sua forma clássica de bandeira ou estandarte, mas também na forma de registo bordado e emoldurado, na forma de alfinete de peito, bordado numa almofada, e até no avental dos irmãos e irmãs que preparam as sopas para a comunidade em dia de Império.





Estandarte do Espírito Santo

Confeção de Bordados

Cria um pequeno estandarte do Espírito Santo.

MATERIAL

- Papelão ou CD;
- Feltro vermelho;
- Cola quente ou cola tudo;
- Fitas de cetim nas cores dos 7 dons do Espírito Santo (Sabedoria – azul, Entendimento – prateado/cinzeno, Ciência – amarelo, Conselho – verde, Fortaleza – vermelho, Piedade – azul escuro e Temor a Deus – roxo);
- Fita de lantejoulas;
- Fio dourado;
- Pombinha (de resina, metal, feltro ou massa de moldar).

PASSO A PASSO

- Recorta dois círculos de feltro vermelho do perímetro de um CD (12 cm de diâmetro);
- Recorta um círculo de cartão e outro de feltro com cerca de 9 cm de diâmetro;
- Aplica a cola num dos lados do CD e assenta um círculo de feltro do mesmo tamanho;
- Cola a seguir um recorte de renda, papel ou tecido, bem centrado, sobre o feltro;
- Usando a cola, forra o círculo de cartão com o círculo de feltro mais pequeno;
- Sobre o feltro cola a fita de lantejoulas formando uma estrela ou outro formato de que gostares;
- Aplica o galão dourado no mesmo cartão, colando-o a toda a volta na borda da parte de trás, de modo a aparecer o rendado;
- Remata o contorno do cartão colando um fino fio dourado;
- Com a cola, aplica no centro do trabalho uma pomba do Espírito Santo, feita por ti ou comprada;



- Corta pedaços de fita de cetim, com cerca de 20 cm de comprimento; junta-as e cola as pontas na parte de trás e inferior do CD de forma a ficarem penduradas e centradas;
- Do mesmo lado, mas na parte superior, cola uma laçada de fita, para suspender o estandarte;
- Cola o círculo de feltro vermelho por cima para terminares o trabalho.

OUTRA SUGESTÃO

Cria um íman do Espírito Santo em forma de coração: Recorta um coração em cartão e dois corações em feltro do mesmo tamanho. Cola um coração de cada lado do cartão. Contorna o conjunto com um galão ou um fio dourado e aplica uma pomba no centro. No lado oposto da pomba cola um pequeno íman.



Bandeira do Espírito Santo

Confeção de Bordados

Faz uma pequena bandeira do Espírito Santo aplicando uma pombinha já comprada, ou podes também, fazê-la tu.

MATERIAL PARA A BANDEIRA

- Tecido damasco, cor de vinho ou vermelho;
- Agulha;
- Linha;
- Tesoura;
- Lantejoulas douradas;
- Galão ou franja pequena dourada;
- Galão fininho dourado.

MATERIAL PARA A POMBINHA DO ESPÍRITO SANTO

- Cartolina;
- Cola;
- Tesoura;
- Fio dourado;
- Lantejoulas douradas;
- Algodão;
- Tecido de cetim branco.

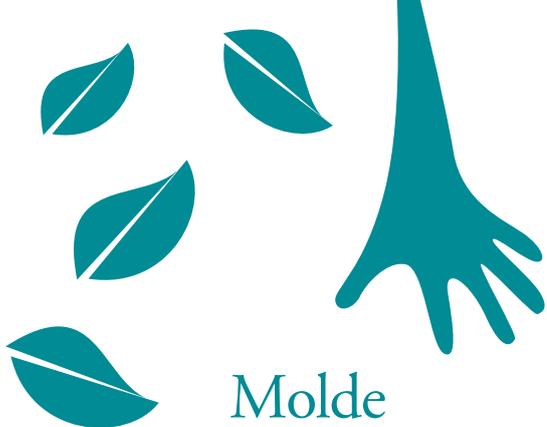
PASSO A PASSO DA BANDEIRA

- Corta um quadrado no tecido damasco;
- Coze a bainha à volta e, por cima desta, coze o galão ou franja dourada que escolheste para o remate da bandeira;
- De seguida, coze em cruz de seis pontas, a partir do centro da bandeira, o galão fininho dourado a fazer de raios;
- Coloca no centro a pombinha e decora com as lantejoulas douradas.



PASSO A PASSO PARA A POMBINHA DO ESPÍRITO SANTO

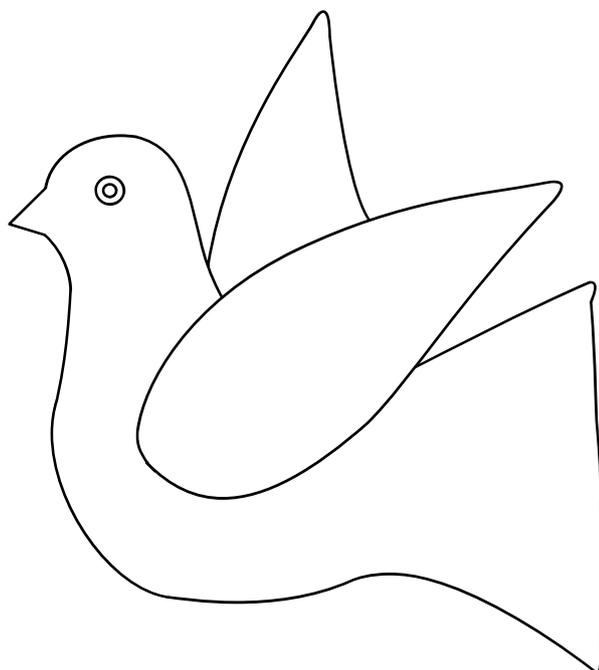
- Com o molde que se encontra no anexo, recorta o desenho da pombinha na cartolina;
- Forra a cartolina com o tecido de cetim branco e um bocadinho de algodão para dar volume; podes colar o tecido à cartolina, que depois não se vê quando aplicares a pombinha à bandeira;
- Monta as peças da pombinha com cola;
- Cola o fio dourado em todo o contorno da pombinha e decora a teu gosto com as lantejoulas.



Molde

Pombinha

Bordado a Ouro





Aprende



Bordado a Palha

Confeção de Bordados

Por bordado entende-se o labor da agulha com que, sobre tecido ou matéria de fundo penetrável e preexistente, se aplica uma ornamentação com fios têxteis.

A esta definição de Calvet de Magalhães dever-se-ia acrescentar o bordado que emprega fios vegetais, abrangendo desta forma os três tipos do bordado açoriano já certificados: o bordado a palha de trigo da ilha do Faial, classificado como “bordado de fios contados”, o bordado a branco da ilha Terceira e o bordado a matiz da ilha de São Miguel, classificados como “bordado livre”.

O bordado a palha sobre tule negro, característico da ilha do Faial, é curioso e invulgar, não tanto pela escolha do tecido, cuja origem remonta às primeiras indústrias europeias do século XVIII, mas pelo emprego de um fio vegetal – palha de trigo ou de centeio. Nessa época, na corte de Napoleão, o tule era largamente aplicado em vestidos de baile bordados a ouro e prata. Na Península Ibérica, o tule serve de base aos célebres lenços de cabeça do traje das noivas de Viana do Castelo e às mantilhas espanholas.

Segundo o Arquivo dos Açores, a inovação de bordar a palha terá chegado à ilha do Faial ainda no século XVIII, sob a forma de um chapéu de senhora, de seda preta bordada a palha, proveniente dos Estados Unidos da América, mas de fabrico francês.

O elemento decorativo predominante neste tipo de bordado é a espiga de trigo, embora outros elementos vegetais, e até figurativos façam parte dos desenhos escolhidos pelas bordadeiras faialenses, de cujas mãos resultam peças de grande requinte ligadas à moda feminina, como por exemplo, vestidos de cerimónia, véus, mantilhas, bolsas e outros acessórios.

A matéria-prima é preparada pela própria bordadeira que sabe como obter a cor e a textura da palha de trigo ou de centeio: o rachar, o amassar da palha e, finalmente, a ornamentação do tule já alinhavado à tela riscada são tarefas que lhe cabem por inteiro, às quais dedica toda a perfeição técnica de que é capaz.





Separador de Livros

Confeção de Bordados

Faz um separador de livros em feltro e tule de ferro bordado a palha.

MATERIAL

- Feltro azul;
- Lápis;
- Tesoura;
- Agulha grossa;
- Fios de ráfia natural e vermelha;
- Cartão;
- Elástico;
- Cola;
- Tule de ferro preto.

PASSO A PASSO

- Recorta em cartão um retângulo com cerca de 6 cm de largura e 8,5 cm de comprimento;
- Recorta um retângulo de feltro e outro de tule com cerca de 10 cm de largura e 12,5 cm de comprimento;
- Sobrepõe o tule de ferro no feltro;
- Com o fio de ráfia natural na agulha e com movimentos para cima e para baixo, borda várias estrelas;
- Com o fio de ráfia vermelha e usando a mesma técnica, borda telhados de casas;
- Passa cola num dos lados do cartão e centra o conjunto do feltro e tule bordado; pressiona para colar bem;
- Dobra para trás as pontas e cola-as.
- Cola as pontas de um elástico dobrado, na parte superior e inferior do cartão;
- Recorta um retângulo de feltro azul, ligeiramente mais pequeno que o cartão, e cola-o por cima do elástico, de modo a tapar a parte de trás.

OUTRA SUGESTÃO

Podes fazer separadores de livros de formatos diferentes ou argolas para guardanapos bordadas por ti.





Bordar um Desenho

Confeção de Bordados

Borda um desenho a teu gosto, com ráfia, num bastidor. Podes usar ráfia de várias cores.

MATERIAL

- Bastidor;
- Tecido tule de ferro preto;
- Agulha;
- Tesoura;
- Ráfia natural ou amarela;
- Cola;
- Caneta de feltro.

PASSO A PASSO

- Corta um quadrado de tecido tule de ferro preto e coloca-o no bastidor;
- Recorta o tecido que sobra, rente ao bastidor;
- Numa folha branca, faz um desenho a teu gosto, ou até podes inspirar-te numa fotografia, e passa o contorno com a caneta de feltro, de outra cor que não preto, para se ver bem por detrás do tule;
- Recorta o desenho com o tamanho do bastidor e coloca-o por detrás, para poderes ver o que vais bordar;
- Podes começar a bordar, passando os fios de ráfia finos, com ponto cheio, mais curtos ou longos, conforme o teu gosto, como se estivesses a desenhar com o fio;
- Para rematares os fios, dá uns nós e aplica um pouco de cola, para os pontos não se soltarem.





Anexo

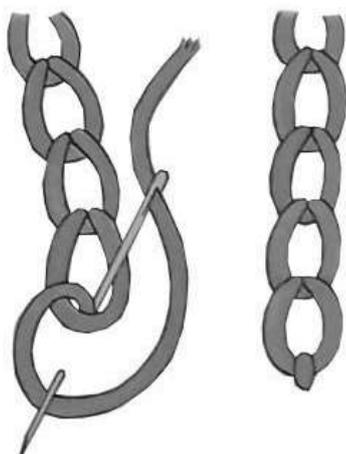
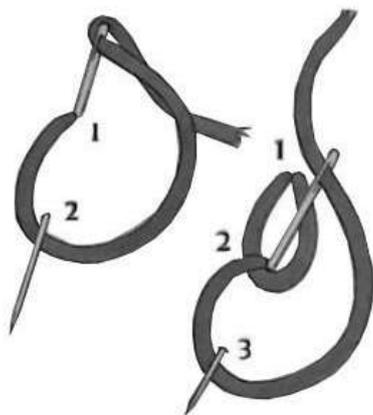
Pontos de Bordado

Confeção de Bordados

Ponto de Pé-de-Flor



Ponto de Cadeia



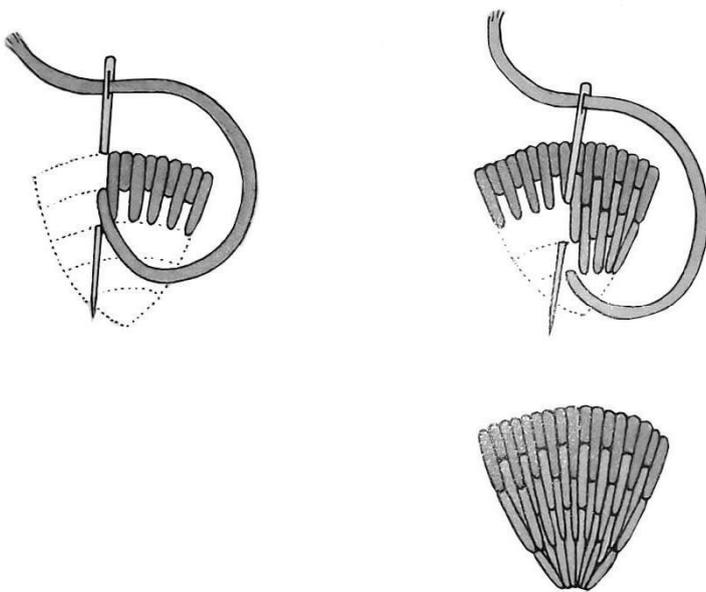


Anexo

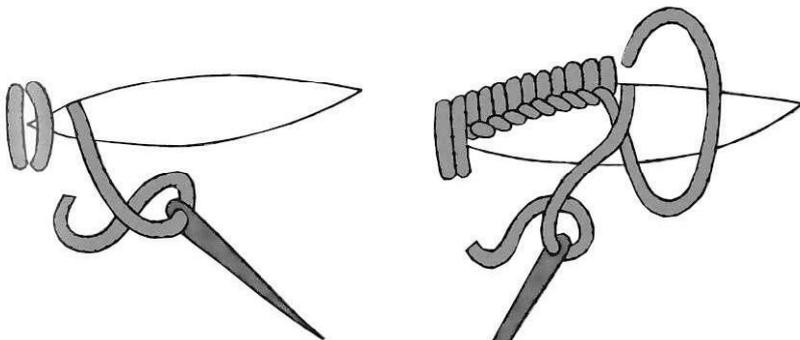
Pontos de Bordado

Confeção de Bordados

Ponto Matiz



Ponto Caseado





Aprende

Trajes das Cavalhadas

Confeção de Trajes de Espetáculos, Tradicionais e Outros

Segundo Armando Cortes Rodrigues, poeta e etnógrafo micaelense, as festividades das Cavalhadas tiveram origem no século XVI, em 1563, num período de grandes convulsões sísmicas, quando uma violenta erupção vulcânica no Pico do Sapateiro, mais tarde Pico do Queimado da Ribeira Grande, destruiu e soterrou a freguesia da Ribeira Seca, deixando apenas de pé a igreja de São Pedro, seu patrono. Nessa altura, o representante do Reino, D. Manuel da Câmara, que residia em Vila Franca do Campo, receando que a catástrofe se estendesse a outras localidades da ilha de São Miguel, prometeu que, se ele e a sua família fossem poupados, honraria São Pedro, cantando em verso a vida do apóstolo à porta da igreja. E tê-lo-á feito, indo de Vila Franca à Ribeira Seca, montado a cavalo, acompanhado dos seus vassallos e dos mordomos do Espírito Santo, à igreja da Ribeira Seca, onde prestou homenagem a São Pedro, dando, de seguida, sete voltas ao templo, o que ainda hoje é interpretado como veneração aos sete dons do Espírito Santo. Cumprida a promessa, o cortejo dirigiu-se à igreja do Espírito Santo, hoje denominada da Misericórdia ou do Senhor dos Passos, distinguindo-se por três voltas e visitando, depois, a ermida de Santo André, irmão de São Pedro.

Por iniciativa municipal e por tradição, no dia 29 de Junho, dia de São Pedro, o cortejo das Cavalhadas reúne-se numa casa solarenga, denominada por Solar da Mafoma, saindo daí em direção à igreja de São Pedro da Ribeira Seca. A aproximação do templo é anunciada pelo toque do clarim. Chegado à igreja, o Maioral, designado por Rei, avança com o cavalo e obriga-o a colocar as patas dianteiras na entrada da igreja, em sinal de respeito. De seguida, presta homenagem a São Pedro, declamando loas feitas por cantadores populares, dirigindo-se, depois, à cidade da Ribeira Grande, onde o cortejo percorre o tradicional trajeto – igreja da Misericórdia, Câmara Municipal e ermida de Santo André, anunciando a sua passagem através do toque dos corneteiros. Junto aos Paços do Concelho, o Maioral presta homenagem ao Presidente da Câmara Municipal, saudando em verso e declamando loas populares como reconhecimento pelo apoio que dela recebem.



Os figurantes trajados de cores garridas, os chapéus ricamente adornados com as mesmas flores com que se executam os Registos do Santo Cristo, a ornamentação dos cavalos com flores de papel colorido e cobertos por um lençol branco e a tradicional decoração da igreja paroquial com centenas de “alampadas” (um conjunto de frutos da época, muito bem envolvidos por flores e verduras), fazem deste cortejo a mais singular manifestação folclórica dos Açores, que conta com o imprescindível envolvimento da comunidade, tanto na sua organização, como na preservação desta tradição.

O traje e respetivos acessórios distinguem o papel que cada um dos figurantes representa no cortejo das Cavalhadas, sendo os chapéus, popularmente designados por “canecos”, um dos elementos de destaque: o Maioral/Rei exhibe um chapéu de dois bicos (denominado chapéu de Almirante), enfeitado com plumas amarelas, franja dourada e flores de papel prateado; o chapéu dos Lanceiros/Vassallos é de aba larga, levantado na frente, forrado de cetim amarelo, ornamentado com pimentos em fazenda vermelha e penas brancas de galinha; os Corneteiros levam chapéu de três bicos, com penacho de fitas de papel de várias cores; os Cavaleiros usam chapéu alto (antigo caneco), enfeitado com objeto de ouro ou flores de papel prateado, preenchendo inteiramente a parte exterior.



Faz

Caneco das Cavalhadas

Confeção de Trajes de Espetáculos, Tradicionais e Outros

CHAPÉU

Cria um chapéu idêntico ao tradicional Caneco das Cavalhadas da Ribeira Seca da Ribeira Grande.

MATERIAL

- Fita métrica ou um fio;
- Lápis;
- Cartão;
- Tesoura;
- Régua;
- Cola;
- Papel autocolante de veludo ou feltro preto (opcional).

PASSO A PASSO

- Mede o diâmetro da tua cabeça com uma fita métrica ou com um fio;
- Risca com o lápis no cartão a medida do diâmetro da tua cabeça, recorta e reserva; esta será a “tampinha” do chapéu;
- Em redor da abertura recortada para a cabeça, risca um anel com cerca de 6 cm de diâmetro e recorta;
- Repete o passo anterior de modo a obteres dois anéis idênticos que, colados posteriormente um sobre o outro, farão a aba do chapéu (ver imagens em anexo);
- Risca no cartão um retângulo com cerca de 14 cm de largura e com o comprimento equivalente ao diâmetro da tua cabeça; ao longo do comprimento do cartão, traça uma linha de cada lado com 1 cm (a partir da margem);
- Tendo em atenção a linha desenhada, recorta pequenas abas, em forma de triângulo, para a colagem; esta será a parte lateral do chapéu;
- Para montares o chapéu, dobra as abas inferiores e cola num dos anéis de cartão; cola o outro anel em cima;
- Dobra as abas superiores e cola a “tampa” de cartão;
- Se quiseres dar um ar mais cuidado ao teu chapéu, forra todas as peças de cartão com papel autocolante de veludo ou feltro, antes de o montares; podes, depois, decorar com penas, flores, correntes de metal, etc.



OUTRA SUGESTÃO

Com a reutilização de materiais, como CDs, tampas e recipientes de plástico, inventa pequenos chapéus em miniatura. Com a mesma técnica, mas formatos diferentes, podes fazer chapéus de bruxa, de palhaço...

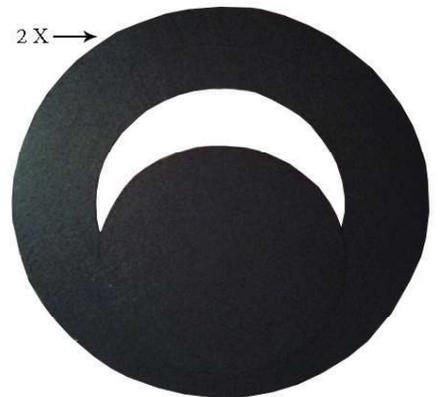
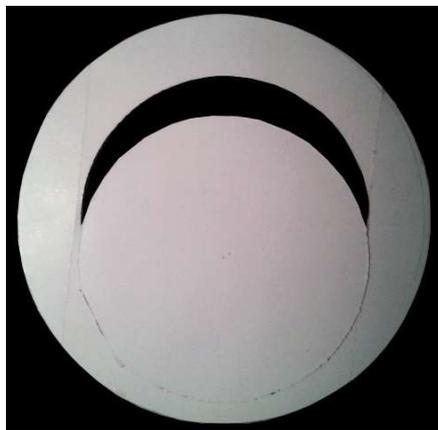
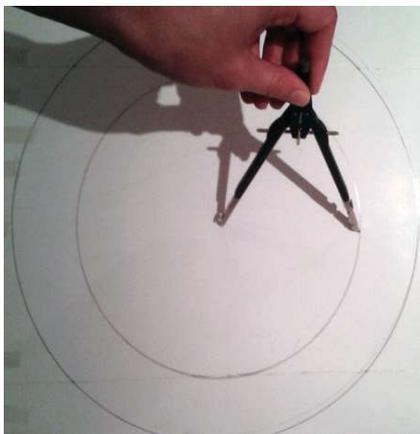


Anexo



Caneco das Cavalhadas

Confeção de Trajes de Espetáculos, Tradicionais e Outros





Aprende

Trajes de Danças e Bailinhos

Confeção de Trajes de Espetáculos Tradicionais e Outros

O Carnaval nos Açores é muito rico e, de ilha para ilha, celebra-se com as mais variadas manifestações: batalhas de água e de farinha, máscaras, trajes e fantasias, desfiles carnavalescos, assaltos (grupos fantasiados que, munidos de comes e bebes “assaltam” as casas de amigos e familiares “roubando” o sossego de quem os recebe), bailes, marchas, danças e bailinhos. Das celebrações do Carnaval fazem parte os doces típicos da época: malassadas, filhoses e cuscorões, que fazem as delícias de quem os prova e são acompanhados com licores e bebidas típicas das ilhas.

O Carnaval na ilha Terceira adquiriu um conjunto de características que o torna único e uma das festividades com maior expressão nos Açores. Celebrado desde o século XVI, com a tradicional Dança ou Bailinho de Carnaval, em outros tempos acontecia nas praças e nos terreiros. Hoje em dia, as danças e os bailinhos têm lugar em salas e salões e correm as freguesias de toda a ilha, durante os chamados quatro dias gordos de Carnaval, que antecedem a quarta-feira de cinzas. São milhares as pessoas que circulam pela Terceira para assistir a esta grande manifestação de teatro popular.

Todos os anos, cada freguesia da ilha organiza um ou mais grupos de pessoas que preparam uma dança ou bailinho. Com música instrumental, vocal, a solo ou em coro, versos usualmente escritos em redondilha maior rimada e de coreografia simples, a sua natureza pode ser cómica ou trágica, incluindo, habitualmente, crítica social e retratando e ironizando o quotidiano açoriano, as figuras públicas e várias personagens da sociedade açoriana.

As danças e bailinhos têm uma estrutura formal tradicional: marcha de entrada instrumental; saudação ao público, cantada; apresentação do assunto; cenas da representação, intercaladas por música instrumental e vocal; despedida, também cantada; e marcha final instrumental.

Existem vários tipos de danças e bailinhos, dependendo da sua temática, estrutura e participantes: as danças de espada, de cariz histórico, dramático ou trágico; as danças de pandeiro, de cariz tragicómico e satírico; e as danças de varinha ou de pau de fitas, também de cariz satírico. As danças de pandeiro e as de varinha começaram a ser chamadas indistintamente por bailinhos. Há, ainda, um outro tipo de manifestação chamada comédia, interpretada por pequenos grupos, habitualmente amigos, que tocam, cantam e representam diálogos satíricos.

Os trajes constituem um elemento fundamental das danças e bailinhos. As costureiras da ilha começam a prepará-los com meses de antecedência e não têm mãos a medir. Tradicionalmente, o traje masculino é composto por fatos de inspiração militar, com calças debruadas lateralmente, camisa folgada de tecidos coloridos e brilhantes e chapéu de abas orlado com arminhos. O traje feminino ostenta a mesma opção cromática dos elementos masculinos, adaptada a uma saia e blusa ou a um vestido. Surgem atualmente outros tipos de trajes, evoluindo-se em alguns casos para uma indumentária mais relacionada com os assuntos apresentados em palco.

As danças e os bailinhos são uma tradição popular de grande riqueza cultural e social que tem passado de geração em geração, envolvendo anualmente muitas centenas de músicos, letristas, dramaturgos, criadores de enredos, de cenários, de trajes, coreógrafos, atores, bailarinos e tantos outros amadores e profissionais cuja arte culmina no palco, fazendo o público rir e, por vezes, até chorar.

Em agosto de 2020 a Direção-Geral do Património Cultural decidiu inscrever as Danças, Bailinhos e Comédias da ilha Terceira no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.



Faz

Traje de Danças e Bailinhos

Confeção de Trajes de Espetáculos Tradicionais e outros

CAMISA

MATERIAL

- Camisa branca ou de outra cor;
- 3 Tiras de tecido para contrastar com a cor da camisa, de 5X60 cm;
- Galão (fita) decorativo;
- Utensílios de costura;
- Cola para tecido.

PASSO A PASSO (com conhecimentos de costura)

- Descose as mangas da camisa e os punhos, colocando uma pequena marca na manga e punho do lado direito e manga e punho do lado esquerdo, para que não se misturem;
- Corta longitudinalmente a manga da camisa em 3 partes: 1 corte no vinco que fica na manga quando esta é passada a ferro; 2 cortes, distando 5 cm do anterior, um de cada lado – fig. 1 e 2;
- Cose as tiras de tecido nestes espaços e corta o que fica em excesso na parte de cima da manga (cabeça), e na parte de baixo (onde cose o punho) – fig. 3;
- Passa um alinhavo na cabeça da manga e na parte de baixo, a cerca de 1 cm da extremidade do tecido – fig. 3;
- Puxa a linha de forma a franzir, para que volte a ficar com a mesma medida que tinha antes de terem sido colocadas as tiras – fig. 4;
- Volta a coser as mangas e os punhos;
- Aplica o galão decorativo na gola e nos punhos, alinhavando sempre primeiro e deixando cerca de 2 cm em excesso para que se possa virar para dentro – rematar.

PASSO A PASSO (sem conhecimentos de costura)

- Aplica as tiras decorativas nas mangas, na vertical, a começar pelo centro da manga, desde o ombro até ao punho;
- Aplica mais tiras, seguindo o mesmo método, de cada lado da tira do meio, a uma distância de cerca de 3 cm, na gola e nos punhos;
- Podes coser estas tiras à mão, ou pode colá-las com cola própria para tecido;
- Deixa sempre um pequeno excesso no comprimento das tiras, para que possas dobrar para dentro quando coseres ou colares.

CALÇAS

MATERIAL

- Calças pretas (ou de outra cor);
- Galão (fita) decorativo;
- Utensílios de costura;
- Cola de tecido.

PASSO A PASSO (com conhecimentos de costura):

- Aplica o galão decorativo sobre a costura lateral exterior das calças e prende-o com alfinetes, deixando cerca de 2 cm a mais, em cima (na cintura) e em baixo (na bainha);
- Alinhava o galão, dobrando os 2 cm que ficaram a mais, para dentro;
- Cose o galão decorativo às calças – se tiver mais que 2 cm de largura é aconselhável cosê-lo dos dois lados.

PASSO A PASSO (sem conhecimentos de costura):

- Aplica a fita decorativa (galão) sobre a costura lateral exterior das calças e prende-a com alfinetes;
- Cose/cola a tira decorativa;
- Deixa sempre um pequeno excesso no comprimento das tiras para que possas dobrar para dentro quando coseres ou colares.

TRICÓRNIO

MATERIAL

- Chapéu de abas;
- Galão (fita) decorativo e/ou arminho (vende-se a metro);
- Utensílios de costura
- Cola de tecido.

PASSO A PASSO

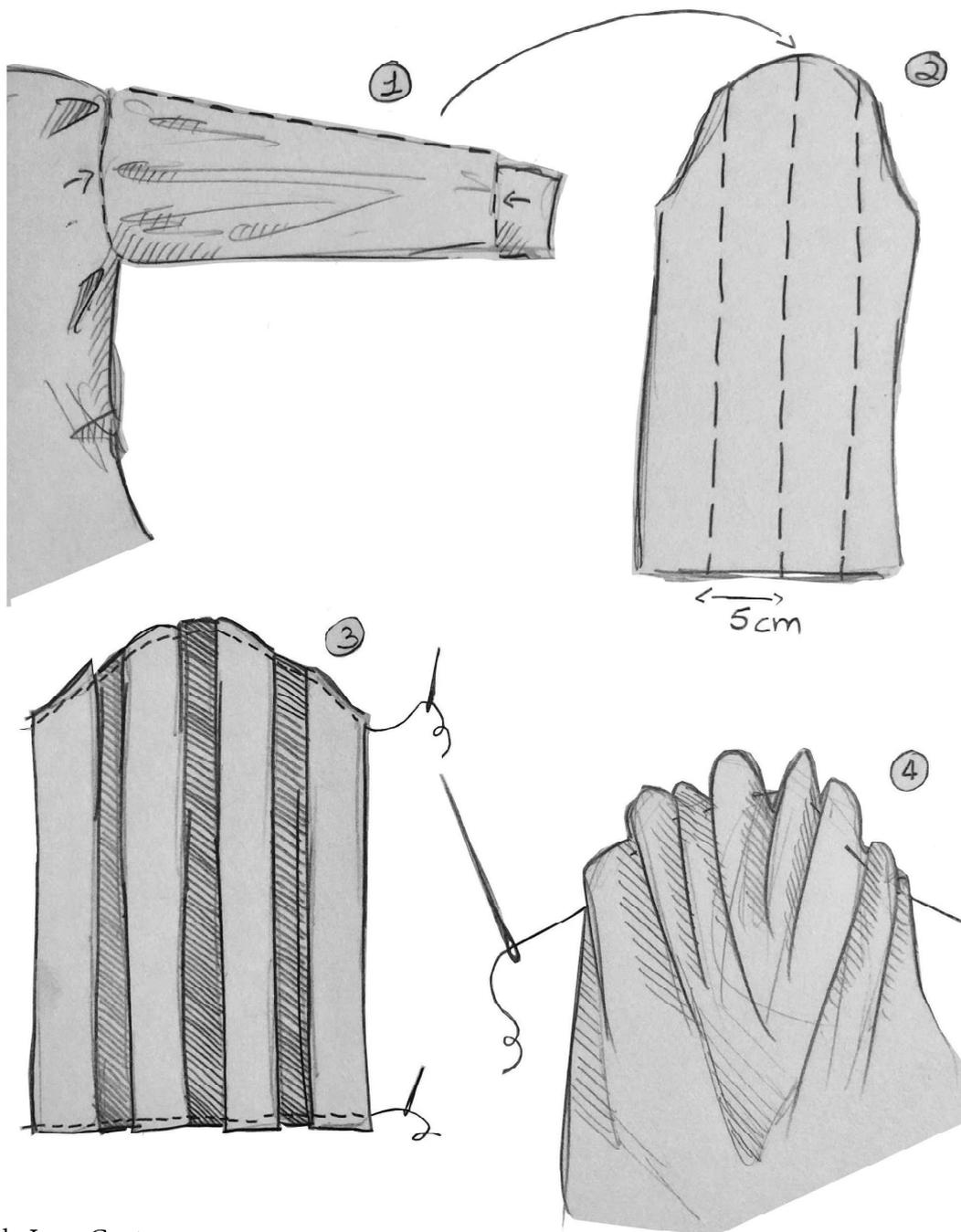
- Para fazer um tricórnio, dobra a aba do chapéu por 3 vezes, para cima, prendendo-a na parte lateral da copa do chapéu – atrás e de cada um dos lados – com um pesponto à mão – fig.2 e 3;
- Decora a nova forma da aba cosendo o arminho na sua extremidade;
- O galão pode ser usado contornando a aba do tricórnio a toda a volta ou, podes fazer um pequeno laço e aplicá-lo numa das faces do tricórnio.



Anexo

Traje de Danças e Bailinhos

Confeção de Trajes de Espetáculos Tradicionais e outros



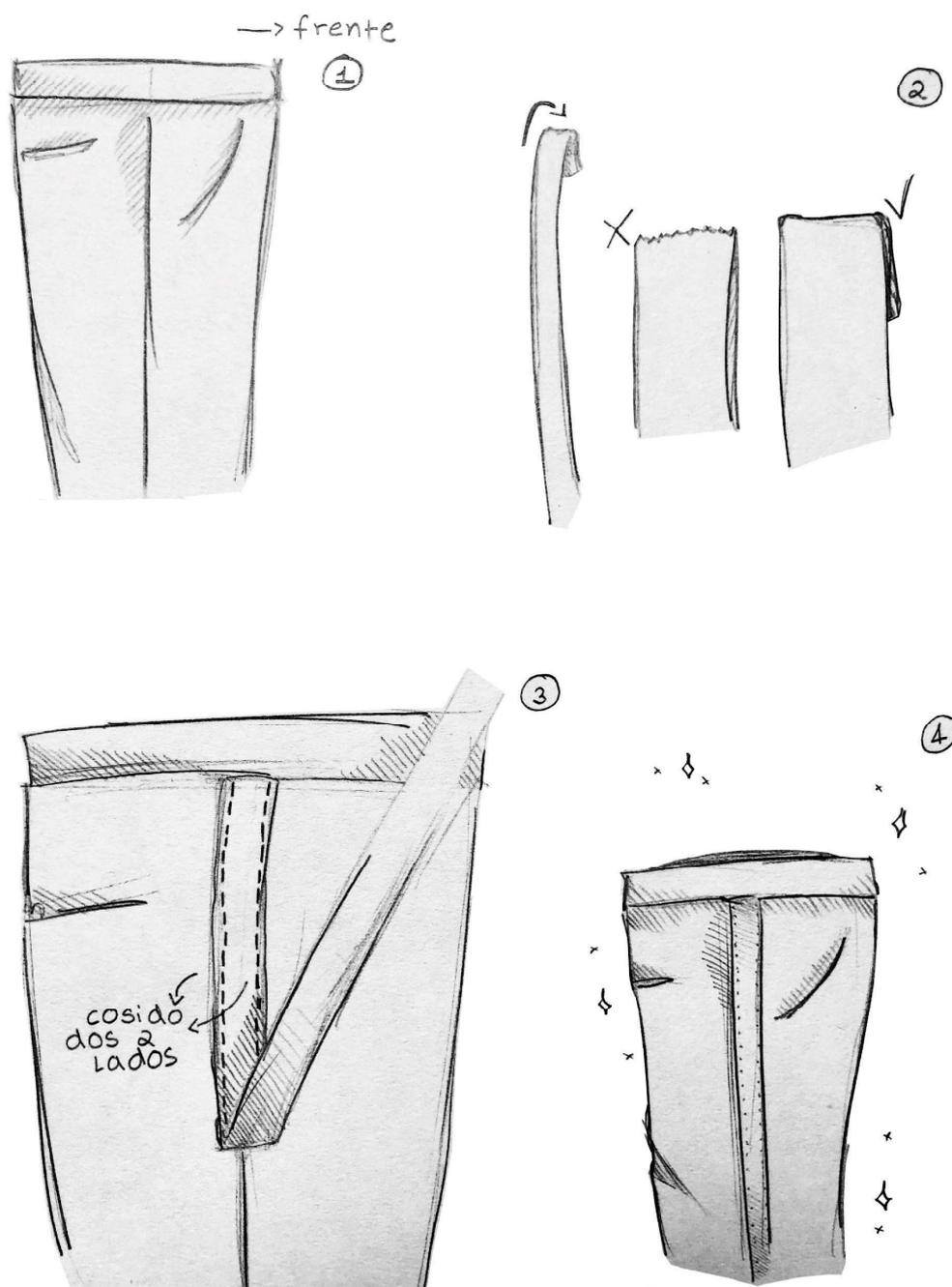
Ilustrações de Lara Costa



Anexo

Traje de Danças e Bailinhos

Confeção de Trajes de Espetáculos Tradicionais e outros



Ilustrações de Lara Costa

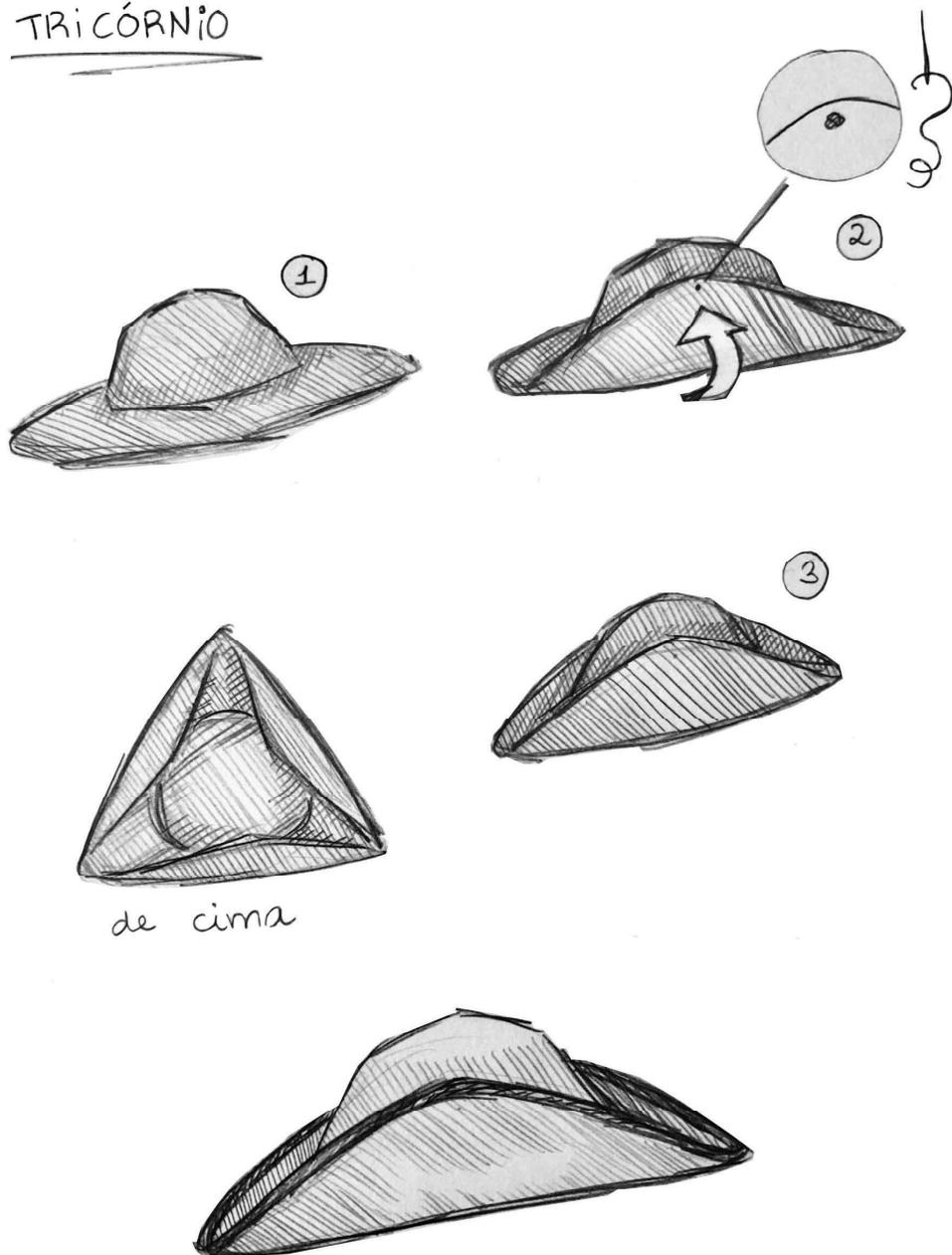


Anexo

Traje de Danças e Bailinhos

Confeção de Trajes de Espetáculos Tradicionais e outros

TRICÓRNIO





Aprende

Retalhos

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

A tradução literal de patchwork é “trabalho com retalho”. É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos variados. Apesar de ser ainda mais antiga, esta técnica criou raízes nos Estados Unidos da América por influência dos seus colonizadores de origem britânica, conhecendo épocas de maior fulgor do que outras e sendo altamente valorizada, e até revolucionada com a introdução da máquina de costura em meados do século XIX.

O que atualmente seria considerado um bom exemplo de reciclagem era, ainda na primeira metade do século XX, uma atitude de economia e de sobrevivência face à pobreza da vida rural, vitimizada por uma época pouco abonatória que fez sair uma boa parte da nossa população em busca do “sonho americano”. E daí provinham os diversos tecidos e roupas que, mais tarde ou mais cedo, seriam transformados em fio têxtil para serem tecidos no tear ou cosidos à mão. As funcionalidades seriam múltiplas, mas a colcha ou manta de retalhos era a peça de eleição.

De origem rural e de gosto bem popular nos Açores, estes trabalhos executados em retalhos ficaram também conhecidos por “trabalhos loucos” e caracterizam-se pela rusticidade da matéria empregue, pela multiplicidade estética e pela sua multifuncionalidade. Serviam tanto de cobertor sobre os lençóis de linho branco, como de tapete ou, ainda, para exibir nas varandas ou janelas em dias festivos.

Escolhida a técnica que, mais tarde, e por influência inglesa, se designaria de “Patchwork”, essas colchas ou mantas eram feitas com retalhos de fazendas diversas, lisas ou estampadas, de cores vivas, em composições geométricas ou aleatórias, apresentando por vezes desenhos elaborados a partir da montagem de capuchos de retalhos ou até de alguma ornamentação com recurso a outras técnicas, como a aplicação ou o bordado, este último bem ao gosto vitoriano. Do aproveitamento de retalhos, surgiram, também, com recurso a outras técnicas de costura e de composição, como os capuchos ou o entrançado, coloridas bonecas e tapetes de reconhecido interesse etnográfico.



Do ponto de vista técnico, o patchwork é a parte superior e mais visível do trabalho (o tampo), já que o trabalho completo é o acolchoado, formado pelo topo, mais a manta acrílica (o enchimento) e o tecido de fundo (forro), tudo preso por uma técnica conhecida como *quilting* ou acolchoamento. O conhecimento da cor é uma boa base para obter ótimos resultados. Saber combinar as cores e os tons e conseguir uma harmonia entre eles é um grande passo para quem deseja fazer um bom trabalho em patchwork.

Os modelos são hoje infinitos: almofadas, colchas, cobre-leitos, mantas de sofá, painéis de parede, roupas, pequenas utilidades para o lar, brinquedos e acessórios de moda.



Faz

Moldura de Hexágonos

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

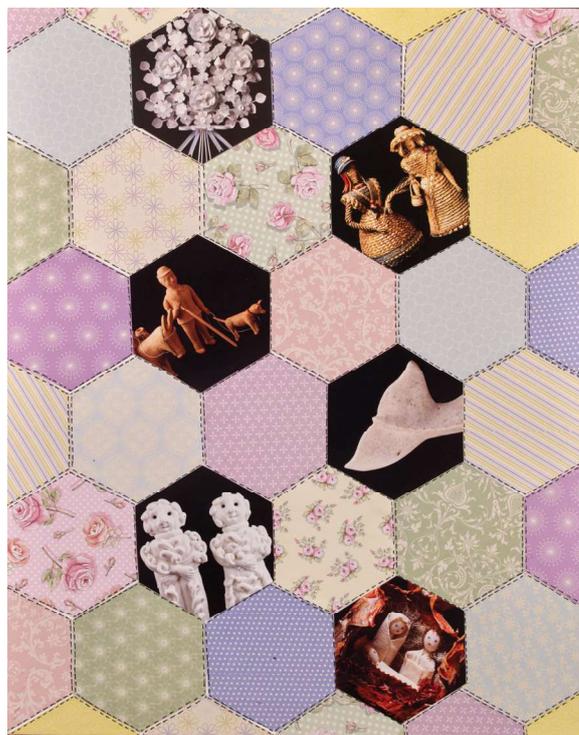
Com a técnica geométrica do patchwork, decora com hexágonos de papel uma tela que servirá de moldura para as tuas fotografias.

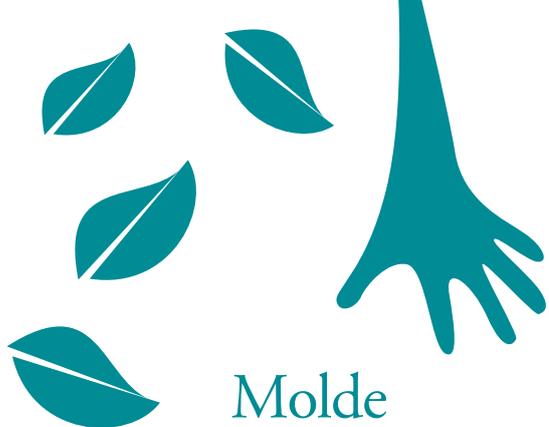
MATERIAL

- Tela de 40 cm x 50 cm;
- Cola branca;
- Fotografias;
- Papéis com padrão;
- Tesoura;
- Molde de hexágono (modelo em anexo).

PASSO A PASSO

- Recorta cerca de 30 hexágonos (molde em anexo);
- Recorta com o mesmo formato fotografias que gostes;
- Aplica cola branca em cada hexágono e cola sobre a tela, passando um pano de modo a não se formarem bolhas de ar, os hexágonos juntos formam flores;
- De onde a onde, ou no centro de cada “flor”, cola as fotografias que escolheste;
- Repete o procedimento até teres completado a tela;
- Com um marcador preto podes desenhar pequenos traços que imitam o alinhavo do tecido.

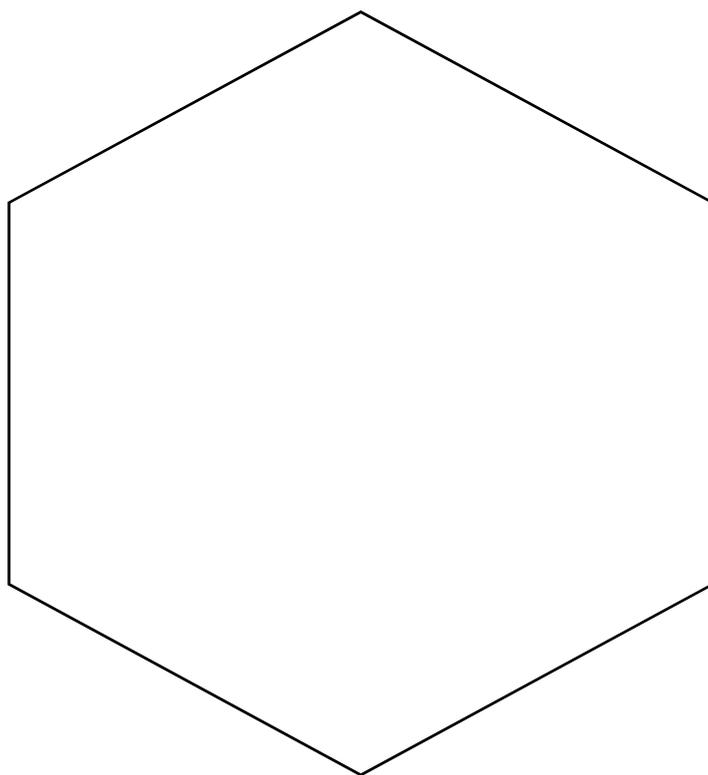




Molde

Héxagono

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar





Base ou Pega de Retalhos

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

Faz uma base ou pega com trapo que podes cortar de vestuário velho ou de trapilho, se preferires.

MATERIAL

- Juta decimétrica;
- Tesoura;
- Trapo ou trapilho cortado em pedaços pequenos;
- Compasso.

PASSO A PASSO

- Com o compasso, desenha a base ou pega na juta com o tamanho que gostares e corta com a tesoura;
- Passa os fios de trapo entre cada buraco e faz um nó;
- se o tecido estiver muito grosso, vais ter dificuldade em fazer nós em todos, por isso corta fino;
- Intercala as cores a teu gosto;
- Por fim, faz uma alça em trapo para poderes pendurar a tua base ou pega na cozinha.





Faz

Estojo em Retalhos

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

O estojo poderá ter diversos tamanhos, dependendo do tipo de objetos que vão ser guardados dentro dele.

MATERIAL

- Tecido para a base do estojo;
- Restos de tecido para a decoração;
- Material de costura;
- Ferro de engomar;
- Fita decorativa;
- Colchetes, molas de costura, fita de velcro ou fecho (dependendo do tipo de objetos a guardar no estojo).

PASSO A PASSO

- Define a medida que queres para o teu estojo;
- Corta dois tecidos com a largura que definiste e o dobro da medida da largura em comprimento, para poderes dobrar;
- Coloca um tecido dentro do outro; esta será a base do estojo;
- Selecciona agora restos de tecidos para trabalhares; podem ser restos de roupas ou quaisquer outros que encontres, de preferência coloridos e com padrões diferentes; assim, estás a reciclar e a ajudar o Planeta Terra;
- Corta os tecidos em quadrados e depois dobra-os duas vezes em triângulo; escolhe um tamanho que depois seja adequado à dimensão do teu estojo (ver foto);
- Depois, passa-os a ferro, com muito cuidado, para não te queimares a ti nem aos tecidos;
- Depois de teres muitos triângulos preparados, começa a coser com ponto invisível (um ponto muito pequeno na ponta do triângulo que não está dobrada); vai criando o padrão decorativo do teu estojo com as diferentes cores e desenhos dos próprios tecidos; cose os triângulos em carreiras, umas por cima das outras (tapando os pontos anteriores);
- Depois de todas as carreiras cosidas, esconde a última costura com uma fita decorativa e dobra o excesso de tecido da base um sobre o outro, para esconder as costuras; cose novamente com ponto invisível;
- Por fim, deves decidir que tipo de fecho usar, consoante o tipo de objetos que vais guardar no estojo; se forem coisas grandes, bastam alguns colchetes ou molas de costura; se forem objetos pequenos, poderá ser uma fita de velcro, ou mesmo um fecho.





Flor de Seis Pétalas

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

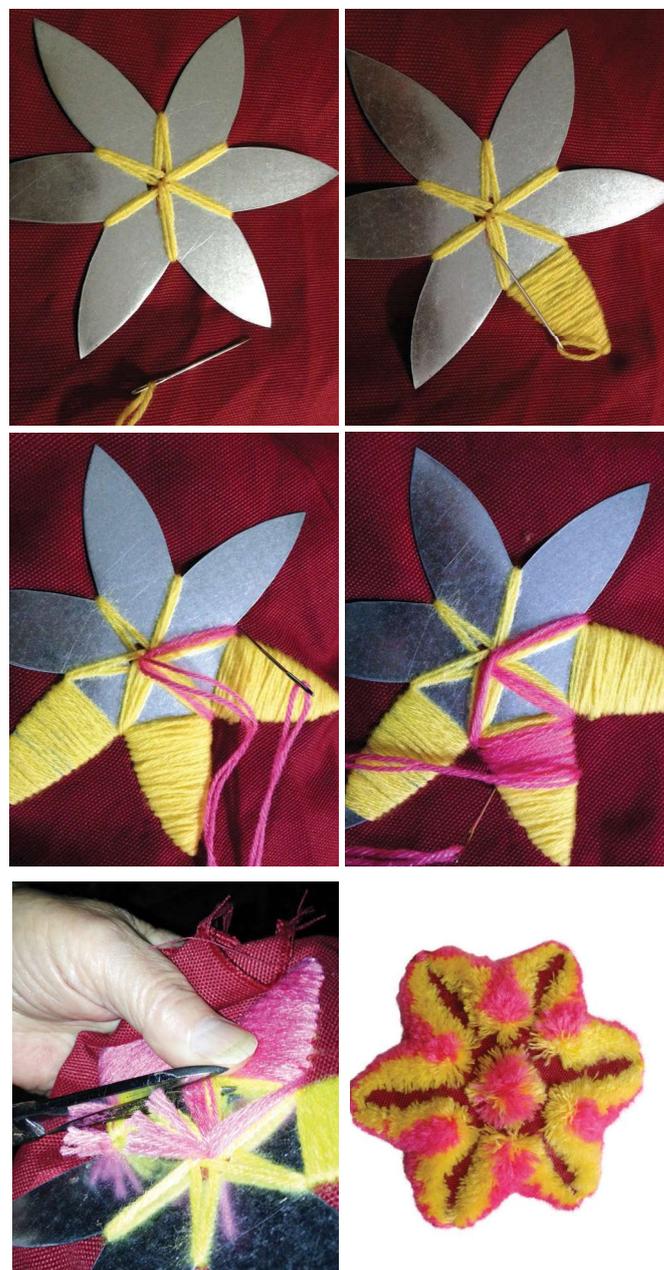
São muito utilizadas na composição das colchas ou mantas de retalhos açorianas, criando padrões que, juntamente com a diversidade das cores dos fios, são de grande beleza.

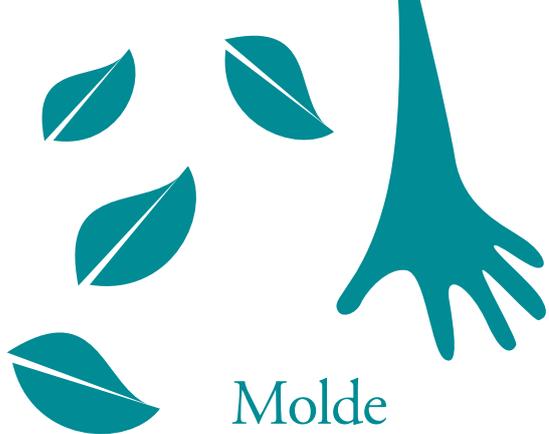
MATERIAL

- Quadrados de tecido com cerca de 20 cm;
- Fios de duas cores diferentes;
- Agulha;
- Tesoura;
- Molde da estrela em cartão (modelo em anexo).

PASSO A PASSO

- Desenha num cartão um modelo da estrela que se encontra em anexo e recorta-o;
- Coloca o molde da estrela centrado no quadrado de tecido;
- Coloca o fio na agulha e dá um nó na ponta, abrangendo os dois fios;
- De baixo para cima vai dando laçadas, prendendo o molde ao pano; começa pelo centro e passa por todos os braços da estrela pelo menos duas vezes;
- Com o fio da mesma cor, vais preencher todos os braços da estrela, um a um; começa de baixo para cima, enfiando a agulha no pano, passando por cima do molde e enfiando de novo a agulha para baixo; quando chegares à ponta do braço, repete o mesmo procedimento para baixo até chegar ao centro;
- Volta a passar pelo centro da estrela e começa a preencher outro braço, repetindo o procedimento anterior;
- Depois de teres a estrela toda coberta de uma cor, vais repetir tudo novamente, mas com o fio da outra cor que escolheste;
- Para finalizar, só tens de cortar o fio com as pontas de uma tesoura, do centro até à ponta de cada braço da estrela e retirar o molde de cartão;
- Com vários quadrados de tecido com a estrela pode ser elaborado um painel ou, como antigamente, uma manta ou um tapete.

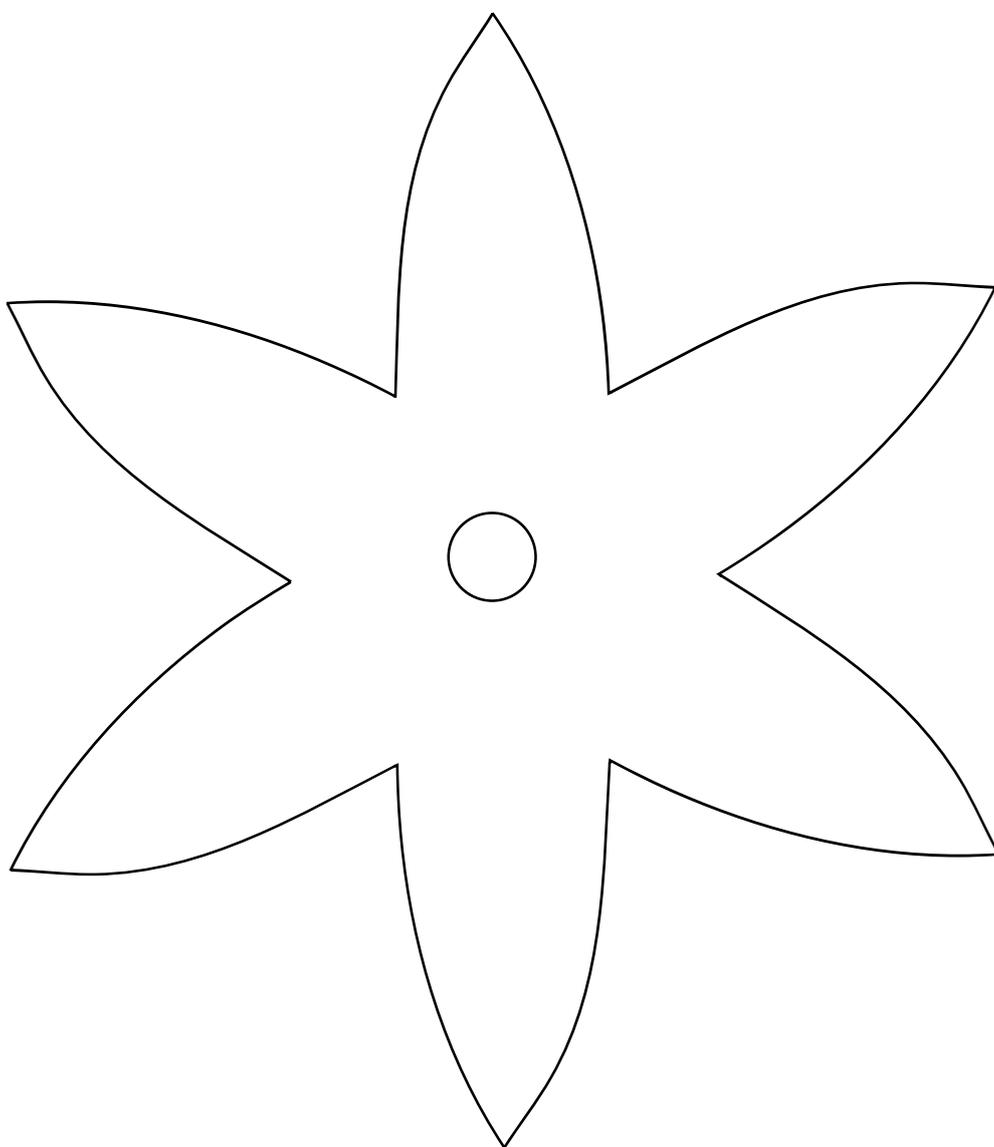




Molde

Flor de Seis Pétalas

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar





Capuchinhos

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar

O capuchinho ou fuxico é uma técnica artesanal de reaproveitamento de retalhos de tecido muito popular no trabalho têxtil açoriano, que pode ser aplicado em colchas ou mantas, tapetes, painéis decorativos, sacas, abafadores ou outros trabalhos têxteis.

MATERIAL

- Retalhos de tecidos diversos;
- Agulha;
- Linha.

PASSO A PASSO

- Risca, no verso do tecido escolhido, círculos de diâmetro da tua preferência (moldes em anexo);
- Recorta pelo risco;
- Usando uma agulha e linha, faz o alinhavo por todo o perímetro do círculo;
- Com cuidado puxa a linha com a agulha, de modo a recolher a peça ao centro;
- Ajusta o tecido de forma a ficar um círculo uniforme;
- Remata com um nó no final ao centro.

ANJINHOS

MATERIAL

- 4 Capuchinhos;
- Cola;
- Pasta de moldar ou botão de 2 buracos.

PASSO A PASSO

- Faz quatro capuchinhos, utilizando a técnica descrita anteriormente: 2 pequenos, 1 médio, 1 grande;
- Cola o capuchinho médio sobre o de maior diâmetro, mais ou menos ao centro;
- Com os dois pequenos compõe as asas do anjo, colando-as atrás do capuchinho maior que faz de corpo e deixando um espaço ao centro para colares depois a cabeça;
- Decora o centro do capuchinho médio com elementos decorativos da tua preferência;
- Molda a cara do anjo com pasta de moldar ou utiliza um botão de dois orifícios.
- Cola os cabelos feitos em lã, pasta de moldar ou outro material que gosteres.



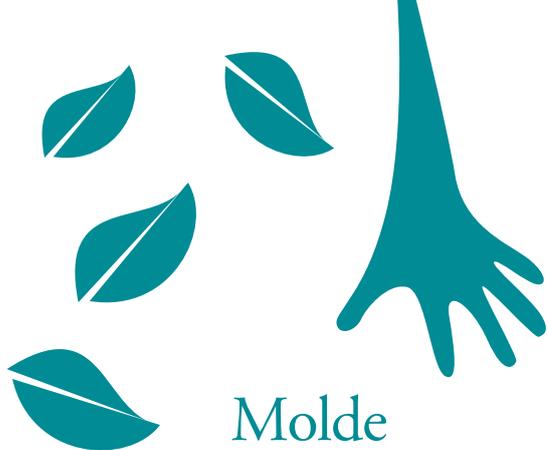
ÁRVORE DE NATAL

MATERIAL

- Capuchinhos;
- Alfinetes de cabeça grandes;
- Cone de esferovite.

PASSO A PASSO

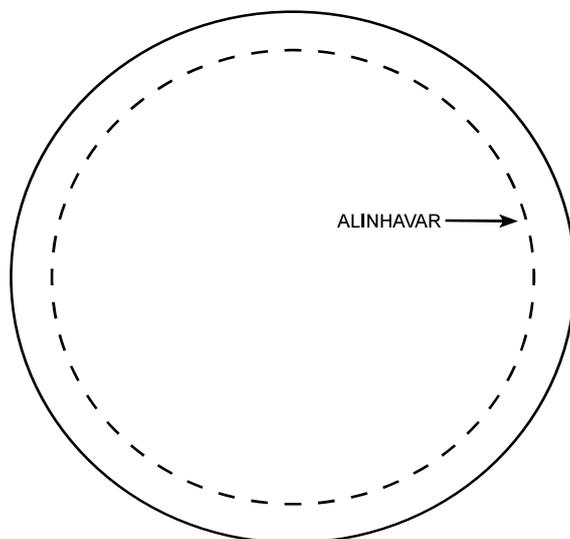
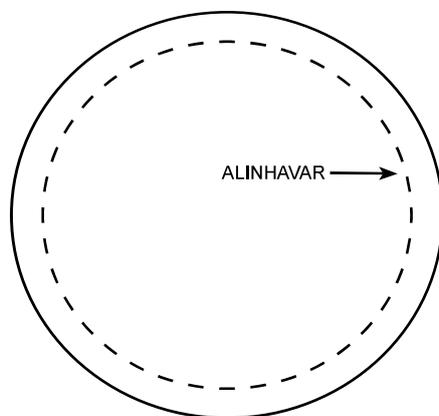
- Faz dezenas de capuchinhos (do mesmo tamanho ou de tamanhos diversos);
- Prega os capuchinhos ao cone de esferovite, espetando alfinetes grandes e de cabeça colorida no seu centro; começa pela base do cone;
- Se quiseres podes armar a árvore com um tronco e uma base de madeira ou um vaso de cerâmica.



Molde

Capuchinho

Confeção de Artigos Têxteis para o Lar





Aprende

Rendas

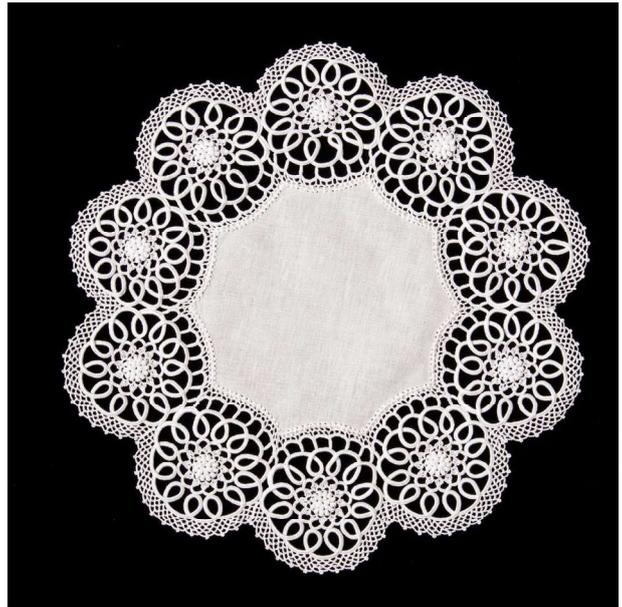
Confeção de Artigos de Renda

Nos Açores, tal como noutras regiões do País, existe uma grande variedade de rendas: a de bilros, pequenos cilindros de madeira que a rendilheira segura aos pares em cada mão, cruzando os fios e tecendo diferentes pontos; a rede de nó ou filet, que emprega como instrumento principal a agulha de tecer para segurar o fio e formar os nós; a frioleira; a de gancho, característica da ilha do Pico; a renda de pita, característica da ilha do Faial, e a renda do Faial ou croché artístico.

As mais antigas rendeiras são da freguesia de São Mateus, na ilha do Pico, tendo-se criado aí uma comunidade de mulheres empreendedoras que, fazendo renda e dando renda a fazer sustentou o desenvolvimento da freguesia, principalmente durante a primeira metade do século XX, e contribuiu para a melhoria das condições de vida, tanto a nível económico, como cultural. Foram estas mulheres que encontraram no trabalho artesanal das rendas a saída para a sobrevivência, numa freguesia onde a terra era escassa e o mar levava os homens para a caça à baleia, de onde vinham, muitas vezes sem provento. Através da ilha do Faial, onde também se empenharam nesta arte muitas rendeiras, exportavam o seu croché artístico para o continente português, para os Estados Unidos da América e Brasil.

Em 2008 as rendeiras de São Mateus da ilha do Pico foram laureadas com o Prémio Internacional para Criatividade de Mulheres em Meio Rural, atribuído anualmente pela Women's World Summit Foundation, sediada em Genebra e com assento na ONU: "mulheres criativas e corajosas que contribuem para melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais, para a sua proteção e para a transmissão do saber-fazer".

As rendas típicas dos Açores, das ilhas do Pico e Faial, foram certificadas pela Portaria nº6/2000 de 27 de janeiro. O desenho que as caracteriza é formado essencialmente por elementos florais, geométricos e figurativos do quotidiano tradicional que se obtêm



pelo emprego de uma variedade de pontos cuja tipologia se encontra definida na referida Portaria. São os elementos florais os mais característicos das rendas dos Açores, que surgem em forma de rosetas ligadas entre si, popularmente designadas por "Gregas", para dar origem às mais belas e diversas peças de utilidade doméstica e decorativa, como toalhas e centros de mesa, cortinas e uma série de entremeios e outras aplicações em tecido de linho e ou de algodão.

O fio de algodão nº 30 branco ou cru e a agulha de croché ou farpa constituem o material necessário à execução destes trabalhos, não obstante ser frequente o recurso a outros acessórios, como o furador, a tesoura e até um gancho que, curiosamente, reproduz os antigos ganchos de cabelo.



Copo de Renda

Confeção de Artigos de Renda

Transforma um pedaço de renda num porta-lápis ou noutro objeto da tua preferência.

MATERIAL

- Rendas;
- Cola branca ou cola para têxteis;
- Película aderente;
- Molde (copo ou outro objeto da tua preferência).

PASSO A PASSO

- Forra o copo com película aderente;
- Mergulha a renda completamente numa porção de cola própria ou em cola branca diluída num pouco de água;
- Espreme a renda ligeiramente apenas para retirar o excesso de cola;
- Coloca a renda molhada sobre a película aderente, ajeitando-a com as mãos para criar o formato;
- Deixa secar durante umas horas;
- Retira cuidadosamente a renda da película aderente e, depois, do copo.

OUTRA SUGESTÃO

Decora caixas de madeira ou outros objetos usando a renda como stencil.





Pega de Renda

Confeção de Artigos de Renda

Faz uma Pega em Renda

MATERIAL

- Agulha de Renda;
- Fio de Juta;
- Tecido colorido;
- Agulha e linha de coser;

PASSO A PASSO

- Começa por fazer 6 pontos em cordão e fecha de forma a fazer uma pequena argola;
- Faz um ponto alto triplo; de seguida mais dois, até teres três no total;
- De seguida, faz um ponto aberto; para fazer este aberto, fazes três pontos de cordão, seguidos de um ponto alto;
- Repete os três pontos altos triplos e o ponto aberto até teres 4 vezes três pontos triplos alternados com 4 pontos abertos; fecha a carreira fazendo um quadrado;
- Nas carreiras seguintes, sempre que fôr um ponto aberto, faz três altos; sempre que fôr um ponto alto, faz por cima um aberto;
- Quando estiver do tamanho desejado, termina, rematando o último ponto;
- Corta um pedaço de tecido do tamanho do quadrado e cose-o pelo avesso.



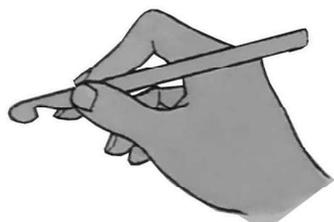


Anexo

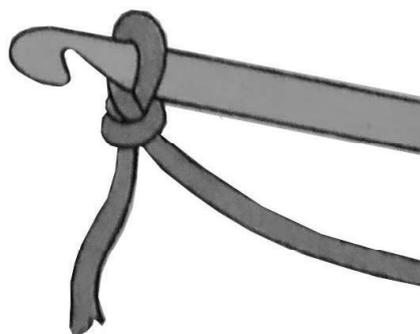
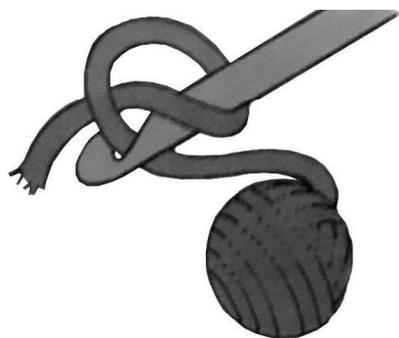
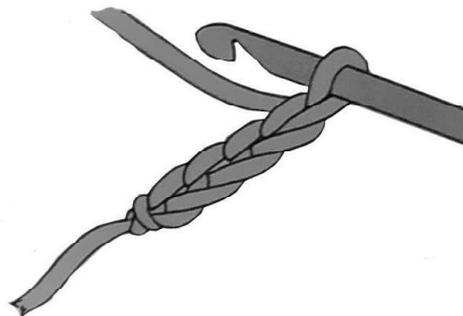
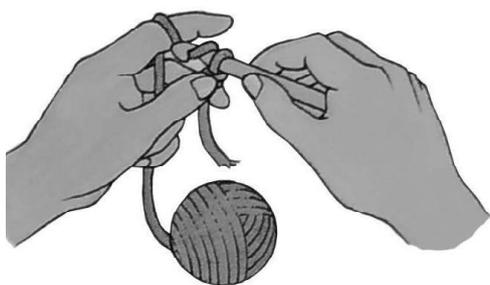
Ponto de Renda

Confeção de Artigos de Renda

Pegar na agulha

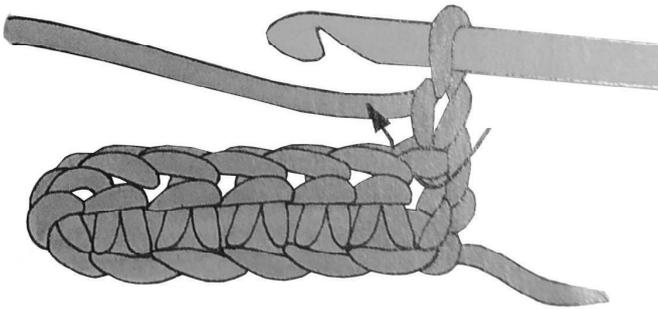
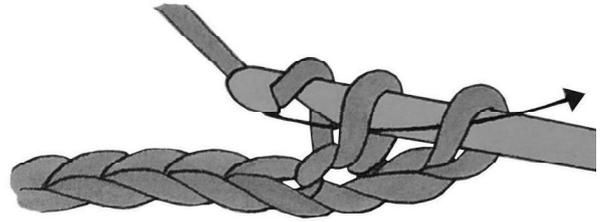
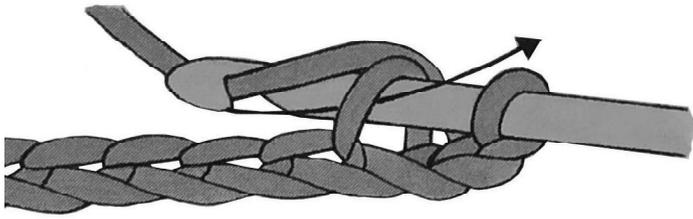


Cordão

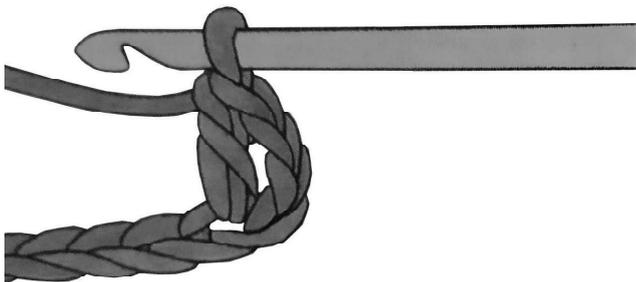
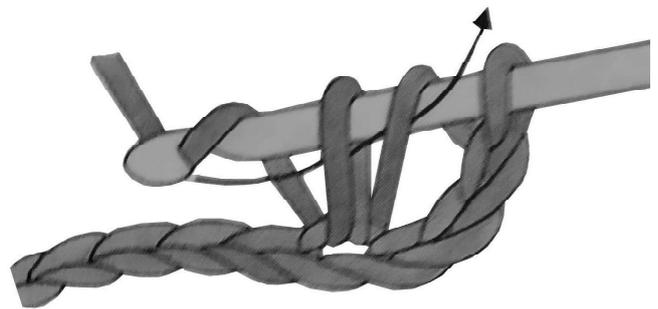
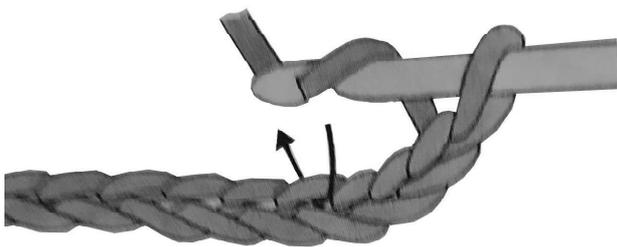




Ponto Baixo



Ponto Triplo





Aprende

Tecelagem

Chegada às ilhas dos Açores no século XV, aquando do povoamento, a tecelagem foi facilitada pela disponibilidade dos lanígeros que, em boa hora, foram lançados em terra, assim como pela excelência do seu bom solo, proporcionando, além de outros cultivos, o do linho. Este, aliado à lã, por meio do fuso, da roca e do tear, originaria a criação dos belos panos tecidos que, pelo tempo fora, foram adquirindo características próprias e distintas de ilha para ilha.

Como peça identitária da tecelagem dos Açores, a colcha decorativa açoriana é a peça de eleição. É baseada em desenhos geométricos, geralmente com alternância de barras, e um jogo de cores vivas que são originários, na sua maior parte, dos corantes naturais produzidos artesanalmente, através da cozedura de folhas, de raízes ou da casca de algumas das espécies vegetais circundantes. Urdida, primeiro, com o linho, e mais tarde com o algodão, a teia seria, por sua vez, tapada a linho ou a lã, com pontos de repasso e fio puxado ou ponto alto, entre tantos outros.

A importância da tecelagem no quotidiano dos nossos antepassados está ainda presente não só nos tecidos da vestimenta e de uso doméstico, como nos decorativos e, sobretudo, nessas bonitas mantas e colchas que abundam por todas as ilhas e que passaram de geração em geração, persistindo no tempo como património familiar e exibidas com orgulho nas varandas ou janelas em dias festivos.

A tecelagem foi ainda determinante na definição das características gerais do traje típico regional, onde predominava o tecido grosseiro de lã da terra, liso ou axadrezado – baeta, uma vez que só as pessoas mais abastadas teriam possibilidade de adquirir os tecidos importados, especialmente as sedas e os algodões. O tecido de linho “da terra” era sobretudo utilizado nas peças interiores (saiotes, ceroulas e calções, camisas, toucas, etc.).



Entre as peças de vestuário mais típicas destacam-se as capas e os mantos, como o peculiar capote e capelo, as carapuças (de rebuço, de orelhas, etc.), as saias, o fato de baeta e as blusas de linho. Atualmente, são os grupos etnográficos e de folclore que preservam o uso do traje regional e mantêm viva a sua confeção artesanal pelas tecedeiras locais.



Capa para Caderno

Tecelagem

Faz uma capa de caderno com uma aplicação feita com a técnica básica da tecelagem.

MATERIAL

- Caderno de apontamentos com cerca de 10,5 cm de largura e 15 cm de comprimento;
- Folha A4 de feltro;
- Fios de trapilho nas cores da tua preferência;
- Tesoura;
- Régua;
- Cola quente ou cola tudo;
- Tear manual (cartão ou madeira de 15 cm de largura e 30 cm de comprimento);
- Elástico (opcional).

PASSO A PASSO

TECELAGEM

- Monta a teia no tear, usando uma fita de trapilho (instruções no anexo);
- Tece alternado o trapilho por cima e por baixo dos fios da teia;
- Repete o procedimento até teres completado a totalidade do tear;
- Retira a peça do tear e corta as pontas, deixando cerca de 2/3 cm;
- Remata, colando as pontas com cola (quente) na parte do avesso da peça.

CAPA DE FELTRO

- Recorta a folha A4 de feltro de modo a que fique com 17 cm de altura e 30 de comprimento;
- Com o auxílio da régua risca 4 cm em cada extremidade do comprimento;



- Dobra para dentro e cola apenas 0,5 cm na parte superior e na parte inferior, de modo a caber a capa do caderno;
- Aplica com cola (quente) o pedaço de tecelagem, centrando-o por cima do feltro;
- Decora com um “botão”, feito de uma trança de trapilho;
- Aplica um elástico dobrado na parte de trás da capa, para fechar no botão.

NOTA: Podes alternar as cores e as texturas no teu tear.



Tear Artístico

Tecelagem

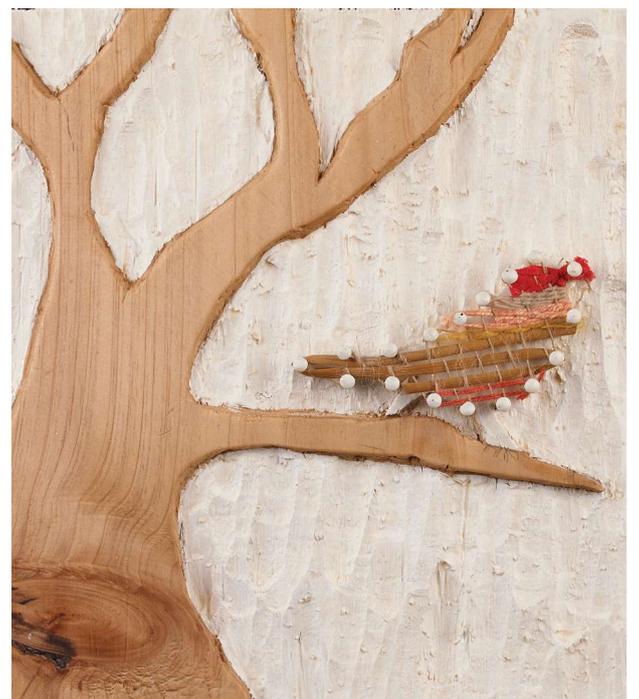
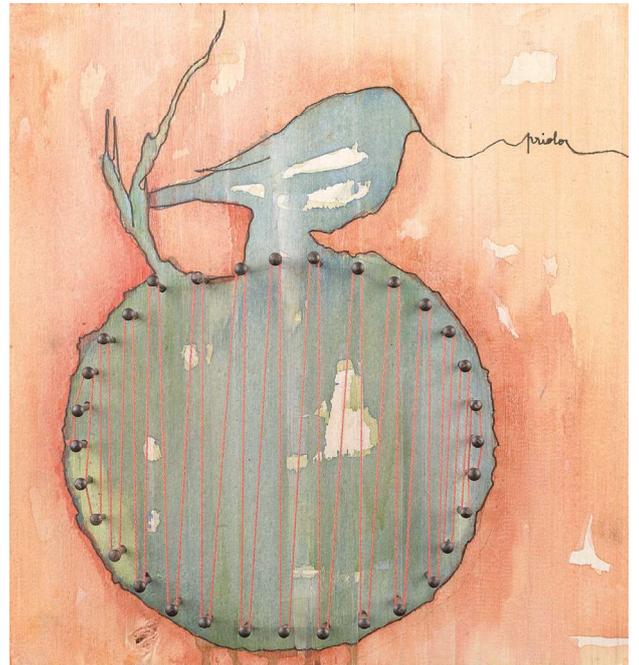
Constrói, com pregos numa base de madeira, um tear artístico para decoração. Tece utilizando diversos materiais, como linhas, lãs, fios, penas, etc...

MATERIAL

- Base de Madeira;
- Pregos;
- Martelo;
- Fios, linhas e penas.

PASSO A PASSO

- Sobre a base de madeira, prega os pregos, usando o martelo;
- Liga com os fios formando um tecido, primeiro os verticais e depois os horizontais entrelaçados;
- Por fim, usa as penas para decorar.





Outros Padrões de Tecelagem

Tecelagem

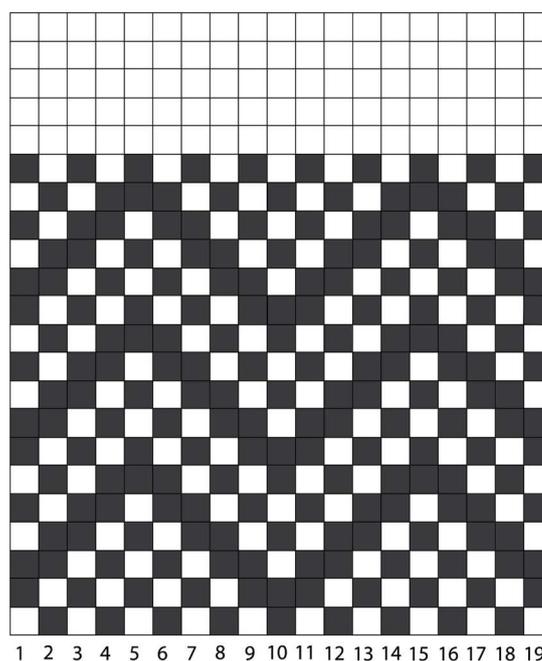
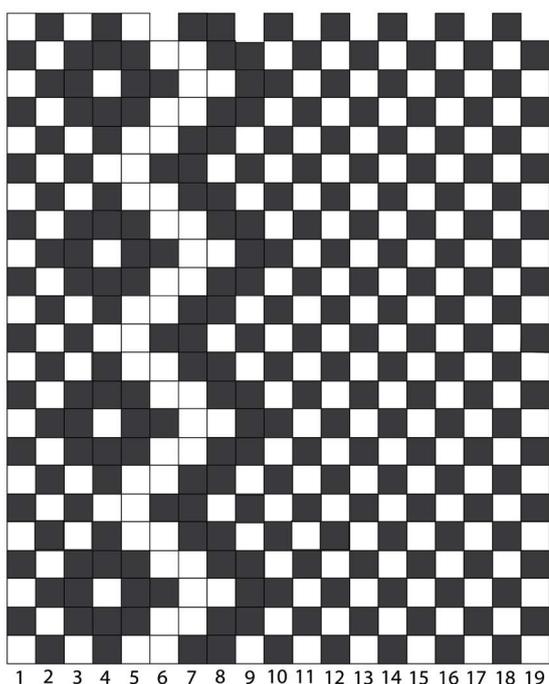
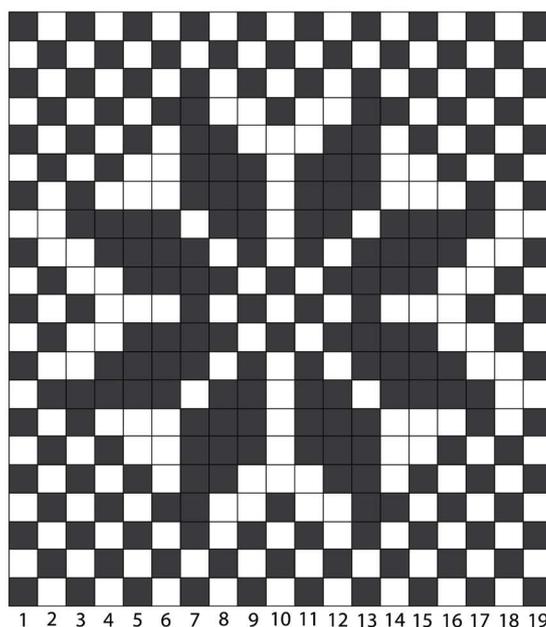
Tece outros padrões no mini-tear seguindo os esquemas.

MATERIAL

- Mini-tear;
- Fios de cores diferentes.

PASSO A PASSO

- Prepara o tear com 19 fios;
- (Consulta o anexo para veres como se faz)
- Segue os esquemas: os quadrados escuros representam o fio a passar por cima da teia e os claros o fio a passar por baixo da teia; dois quadrados representam dois fios e assim sucessivamente.





Tecelagem

Montagem da Teia no Tear





Artes e Ofícios da Cerâmica



Fichas

Artes e Ofícios da Cerâmica

APRENDE FAZ

Azulejaria Ímanes ou Pregadeiras
Cerâmica Terceirense Base para Quentes
Cerâmica Figurativa Casas e Bonecos Etnográficos
Olaria Taça Cerâmica
Tarrinhos



Azulejaria

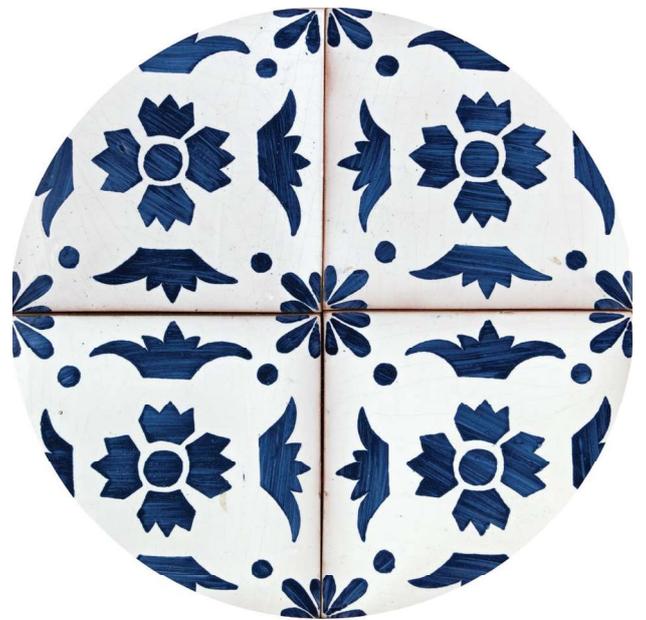
A indústria cerâmica da Lagoa, que se afirma ao longo do século XIX e da qual não se podem excluir ligações técnicas e comerciais com a indústria cerâmica do Norte de Portugal, contribuiu significativamente para a produção da identidade açoriana a partir da representação dos costumes locais na escultura moldada e também no fabrico de azulejos.

Pelo menos até ao século XVIII os azulejos que revestiam e ornamentavam conventos, igrejas, ermidas, solares e até alguns prédios urbanos eram importados da Holanda, da Inglaterra e, sobretudo, do Continente, transportados na maior parte das vezes como lastro nos navios que faziam as ligações com as colónias portuguesas.

Com efeito, a produção local de azulejo assume alguma importância somente a partir da segunda metade do século XIX, altura em que foram fundadas as primeiras fábricas de cerâmica: a fábrica da Pranchinha, em Ponta Delgada, entrou em funcionamento em 1851; a primeira fábrica da Lagoa foi fundada em 1862 por Manuel Leite Pereira e Bernardino da Silva; em 1886 surge, na ilha Terceira, a Progresso Angrense.

É a partir daí que a louça fabricada nas ilhas dos Açores, especialmente a de São Miguel, adquire a qualidade necessária para concorrer com a louça continental nas mais diversas exposições a nível nacional. São peças de faiança pintadas com flores e outros motivos vegetalistas, esmaltadas de branco ou preto e apresentadas na forma de serviços de chá, de café, canecas, jarras e tinteiros.

A esta evolução corresponde a produção local de azulejos, mas a azulejaria de padrão e de revestimento continuava a acompanhar a produção nacional e a integrar os melhores artistas nas obras mais importantes. As fachadas de edifícios urbanos e as paredes de capelas e solares eram revestidas com azulejos em composições figuradas em tons de azul-cobalto ou em composições simétricas, ditas “de tapete”, com desenhos geométricos e vegetalistas em azulejos lisos de estampilha ou relevados através da técnica do molde.



Aqui o processo produtivo é análogo ao dos outros sistemas de produção cerâmica até à fase em que o barro, fortemente amassado e comprimido em lastra, é calibrado nas suas dimensões através de um molde ou marca de madeira ou de outro material, para ser cortado no formato do azulejo pretendido. Depois, o processo de produção prossegue normalmente com a secagem natural e a cocção por duas vezes, tal como a faiança, antes e depois da pintura sobre vidrado. A pintura sobre vidrado não cozido é um processo extremamente delicado, uma vez que quer o esmalte quer as tintas são em pó e este é transportado para o azulejo através da água em que são diluídos que, logo depois, se evapora, deixando a superfície cerâmica muito vulnerável.



Ímanes ou Pregadeiras

Faz em barro pequenos ímanes ou pregadeiras, usando a técnica da lastra.

MATERIAL

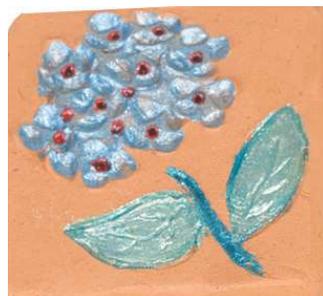
- Barro;
- Água;
- Teques;
- Rolo;
- Tintas;
- Pincel;
- Cola;
- Ímanes ou base de pregadeiras.

PASSO A PASSO

- Amassa o barro, humedecendo as mãos com água, para manter a pasta húmida;
- Coloca sobre a mesa duas ripas de madeira paralelas (ou os dois lápis), com uma distância de cerca de 20 cm uma da outra (imagens da técnica da lastra em anexo);
- Pousa entre elas o barro e com um rolo de madeira apoiado nas ripas (ou nos dois lápis), nivela-o. Obténs, assim, a lastra ou placa que terá a mesma altura das ripas (ou dos lápis);
- Com um teque, ou uma forma, corta pequenos quadrados (aproximadamente de 4 cm);
- No quadrado liso, escreve, faz relevos ou aplica pequenas peças decorativas igualmente feitas em barro, por ti;
- Deixa secar durante um dia ou dois;
- Pinta como preferires usando tintas acrílicas (metalizadas ou não);
- Depois de seco, aplica, com cola, um íman ou a base de uma pregadeira na parte de trás do quadrado.

OUTRA SUGESTÃO

Com a mesma técnica da lastra, cria um azulejo maior e ilustra uma lenda da tua ilha.

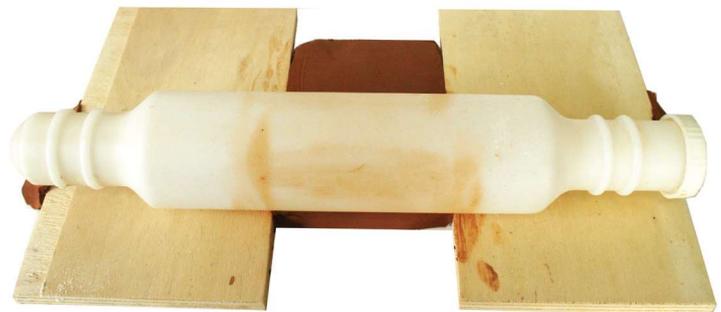




Anexo

Técnica da Lastra

- Amassa o barro com as mãos humedecidas com água;
- Com um pouco de barro fixa as duas ripas ou lápis à mesa, com a distância pretendida;
- Alisa o barro na mesa, de preferência com o auxílio de um rolo, entre as duas ripas de madeira (ou lápis).





Aprende

Cerâmica Terceirense

Na Ilha Terceira, para além de oficinas de oleiros e telheiros, existiu também produção de faiança e azulejo. A primeira fábrica de faiança foi criada em 1886, por Jacinto Martins Cardoso e Zeferino Augusto da Costa, sendo denominada Fábrica de Louça Progresso.

O barro utilizado provinha de Santa Maria e do continente (Prazeres), empregando-se também, de mistura e em menor quantidade, barro terceirense.

A fábrica passou pela mão de diversos proprietários, sendo o seu período de esplendor os anos 20 do século XX, tendo então como proprietário Amadeu de Almeida Monjardino (1876-1954) e designando-se Fábrica de Cerâmica Terceirense.

Produzia esta fábrica “faianças, material sanitário, azulejos, canalizações, louça vidrada e louça de barro ordinário” tal como se pode ler em anúncio publicado no Almanaque dos Açores, em 1926. Por essa altura, aí exerceu o ofício de pintor Joaquim Laureano, tendo-se então fabricado peças de faiança decoradas com os brasões de famílias terceirenses, que aquele pintor reproduzia com base em fotografias que lhe eram fornecidas pelo fotógrafo José Leite.

Na década de 60, a fábrica encontrava-se nas mãos de Francisco Borges Scotto de Meneses, passando a ser conhecida por Fábrica Scotto, tendo já deixado de produzir a típica faiança terceirense. Em 1975, a Cerâmica Terceirense fechou definitivamente as suas portas e, em 1980, o terramoto deitou por terra parte do edifício.

Através do livro de Jácome de Bruges Bettencourt, “Cerâmica Terceirense”, na obra do seu maior artista Joaquim Laureano, é fácil conhecer esta interessante e característica faiança terceirense



onde, a par de peças brasonadas, encontramos outras destinadas ao culto religioso, medição de líquidos e conservação, serviço e ingestão de alimentos. Também aí se reproduzem azulejos, placas possessórias e toponímicas, bem como algumas esculturas.

O Museu de Angra do Heroísmo possui um álbum de motivos usados pela Fábrica de Cerâmica Terceirense, o qual foi tratado digitalmente, no âmbito de um protocolo de colaboração estabelecido com o Centro Regional de Apoio ao Artesanato, que se encontra disponível *on line* no sítio do MAH, podendo ser acedido através do seguinte link: museu-angra.azores.gov.pt/servico-educativo/materiais-didaticos/Atelie-Azulejos/Atelie-Azulejos.pdf



Base para Quentes

Accede ao catálogo de motivos da Cerâmica Terceirense através do link indicado na página anterior. Selecciona um desenho e utiliza-o para decorar uma base para quentes.

MATERIAL

- Cartão;
- X-ato;
- Lápis;
- Caneta de acetato ou semelhante;
- Régua;
- Caixa descartável de plástico transparente, das maiores;
- Cartão grosso;
- Têmpera ou tinta acrílica em dois tons contrastantes;
- 2 molas;
- Esponja;
- Cola branca.



PASSO A PASSO

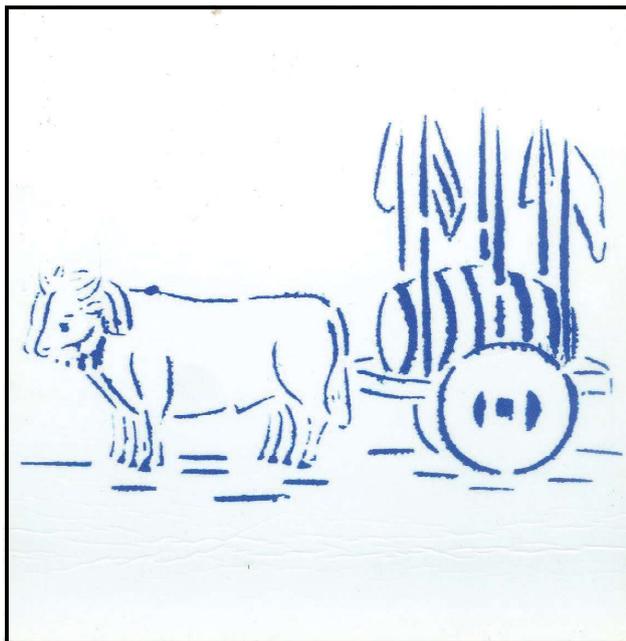
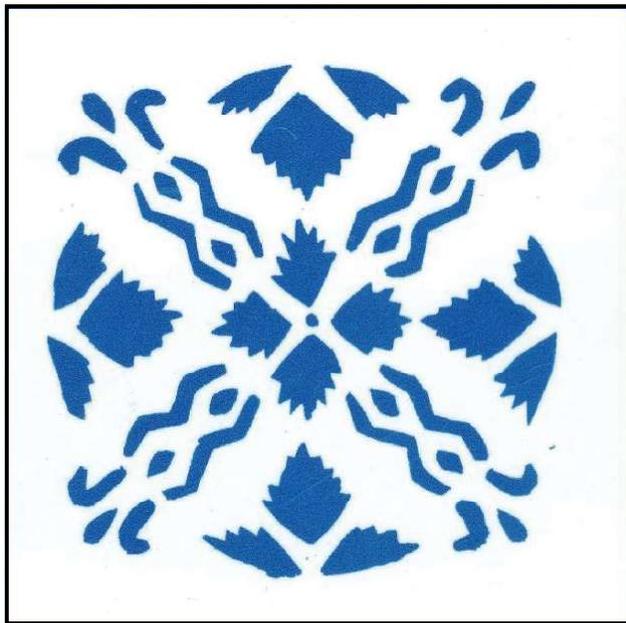
- Aproveita a tampa da caixa de forma e corta um quadrado de 13x13 cm;
- Recorta em cartão liso e duro um quadrado com a mesma medida e pinta-o numa das cores que escolheres ou deixa-o na cor natural do cartão para um efeito rústico;
- Selecciona um motivo no álbum de motivos da Cerâmica Terceirense, optando por um desenho pouco pormenorizado;
- Copia o desenho com caneta de acetato para o quadrado de plástico que recortaste;
- Usa um x-ato para abrir o desenho;
- Sobrepõe o quadrado de plástico sobre o de cartão e prende com mola;
- Esponja sobre o stencil que criaste, usando uma esponja molhada em tinta, tendo o cuidado de antes retirar o excesso, pressionando sobre papel de jornal ou outro;
- Deixa secar e impermeabiliza com cola branca diluída numa parte de água.



Anexo

Azulejaria

Sugestões de Desenhos





Aprende

Cerâmica Figurativa

Dada a tendência regionalista de finais do século XIX, pela influência religiosa e artística dos conventos e por impulso da produção das fábricas de cerâmica, a produção de figuras de presépio criou raízes no concelho de Lagoa, que desde então procurou alimentar esta tradição, valorizando-a como elemento cultural identitário. Assim, surgem os concursos e exposições de presépios, a sua integração em cortejos e festividades religiosas e a criação do Museu Municipal do Presépio. Não obstante existirem vagas referências a uma produção casual e que não terá saído do âmbito familiar de bonecos de presépio nas ilhas Terceira e Faial, é a cidade de Lagoa na ilha de São Miguel o principal centro produtor, em larga escala e com fins comerciais.

A arte de produzir figuras de presépio (pintadas, não vidradas) deu origem à criação de um número considerável de indústrias domésticas, ou seja, oficinas familiares que floresceram nas décadas de 1950/60. Neste sistema de produção familiar, a componente feminina assume um papel de relevo na pintura, enquanto o fabrico das formas, da pasta cerâmica, e das próprias figuras de barro cozido ficam a cargo do boneceiro, ele próprio empregado nas fábricas de cerâmica.

Os “Boneceiros da Lagoa” tinham por hábito adquirir o barro já preparado nas fábricas locais, mas atualmente o mercado proporciona excelentes argilas previamente preparadas, havendo só o cuidado de preservar a sua humidade e plasticidade, através de um acondicionamento adequado, envolvendo-as em panos molhados ou ainda com muito plástico, para evitar a entrada do ar.

Na produção destas figuras são utilizados moldes fechados, executados pelo próprio artesão e devidamente numerados, normalmente constituídos por formas de duas peças em gesso. A pasta cerâmica é comprimida em cada uma das faces do molde que se unem numa única peça de barro maciço. Uma vez desenhada, a figura moldada será “rebarbada”, isto é, aperfeiçoada nos seus pormenores e acabamentos, ficando a secar até ser cozida.

Antigamente este processo tinha lugar nos fornos das fábricas de cerâmica, mesmo quando as peças eram produzidas em indústrias domésticas, onde as pequenas figuras moldadas se conjugavam, dentro do forno, ainda a lenha, com a louça da fábrica. Entretanto,



os boneceiros foram construindo os seus pequenos fornos, e atualmente dispõem de equipamento mais moderno e facilitador da produção: a mufla vertical elétrica com sistema de programação automática de todas as fases de cozedura.

A escultura regionalista das fábricas de cerâmica conjugada com a produção doméstica dos boneceiros da Lagoa deu origem às mais diversas figuras em miniatura que viriam a constituir *souvenirs* muito apreciados pelos turistas que, desde o século XIX, começaram a chegar em navios de longo curso ao porto de Ponta Delgada. O “Casal Micaelense” tornou-se a representação central da escultura cerâmica da Lagoa. Feitas inicialmente em terracota natural, essas pequenas esculturas foram sendo pintadas com cores vivas, de forma a aproximá-las da realidade local, segundo a temática de cariz religioso, natalício, social e natural.

Esta escultura de costumes não se destinou apenas à promoção turística das ilhas açorianas, mas associou-se igualmente à tradição natalícia de “montar o presépio”, potenciando o desenvolvimento da atual indústria doméstica de figuras de presépio, na Lagoa, na ilha de São Miguel. O figurado mais pequeno feito sem molde e normalmente sem ir ao forno, destina-se aos presépios de lapinha.



Casas e Bonecos Etnográficos

Constrói casas em barro (típicas da região, futuristas, ou a tua própria casa), usando a técnica da lastra. Podes ainda acrescentar à tua casa chaminés, vasos, portadas de janelas, trepadeiras...

MATERIAL

- Barro;
- Palitos, palhinhas;
- Teques;
- Rolo;
- Água;
- Duas ripas de madeira com cerca de 1 cm de espessura (ou dois lápis).

PASSO A PASSO

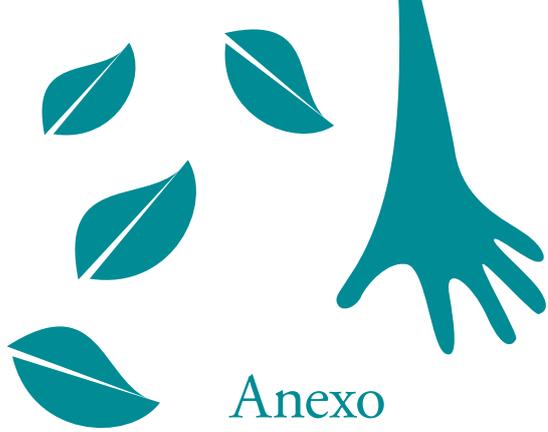
- Amassa o barro, humedecendo as mãos com água, para manter a pasta húmida;
- Coloca sobre a mesa, duas ripas de madeira (ou os dois lápis) paralelas, e com uma distância de cerca de 20 cm uma da outra;
- Pousa entre elas o barro e com um rolo de madeira, apoiado nas ripas (ou nos dois lápis), nivela-o; obténs, assim, a lastra ou placa que terá a mesma altura das ripas (ou dos lápis);
- Corta seis quadrados do mesmo tamanho da lastra, usando um teque de corte;
- Corta dois triângulos com a base da mesma medida do lado dos quadrados;
- Em três dos quadrados desenha janelas (retirando o barro), e noutro podes fazer uma porta e uma janela, ou duas;
- Passa um pouco de lambujem na base do triângulo e assenta-o sobre o quadrado da parte da frente da casa; faz o mesmo com o outro triângulo no quadrado de trás da casa;
- Alisa o barro para disfarçar a união das peças;
- Une com lambujem as outras duas paredes;



- Com os dois quadrados que restaram compõe o teto da casa; acrescenta lambujem aos quatro lados dos quadrados e assenta-os um de cada lado dos triângulos;
- Com um palito faz relevos para simular as telhas;
- Deixa secar ao ar livre durante alguns dias;
- A peça terá de ser cozida numa mufra, de forma a tornar-se resistente.

OUTRA SUGESTÃO

Modela pequenos bonecos de barro típicos da região, como a mulher do capote e capelo, ou alusivas a profissões rurais, como o pescador, a lavadeira, o agricultor, o oleiro, etc. Podes, ainda, optar por fazer as figuras para o teu presépio.



Anexo

Técnica de Modelação da Figura

MATERIAL

- Barro;
- Água;
- Teques;
- Palitos.

PASSO A PASSO

- Amassa o barro, humedecendo as mãos com água, para manter a pasta húmida;
- Modela o tronco com as pernas, faz uma esfera para a cabeça e um rolo único para os dois braços;
- Com lambujem, cola a cabeça e os braços ao tronco (o rolo dos braços passa por trás da cabeça);
- Dá o movimento que entenderes e completa, vincando o cabelo, a cara, as mãos, as roupas ou outros adereços;
- Se as peças não forem para cozer ou se usares pasta de moldar/argila de secar ao ar, poderás utilizar palitos ou arames para ligar a cabeça e as pernas ao tronco do boneco.





Olaria

Através de registos historiográficos do século XVII pode-se constatar que eram já numerosos os oleiros existentes nos Açores. No entanto, não se encontra qualquer referência a louça ornamentada nessa época, mas apenas a algumas peças “almagradas” (impermeabilizadas com almagre), como panelas com asas, potes e tigelas.

As primeiras referências à louça denominada da Vila Franca datam de 1710, mas é a partir do século seguinte que a louça fabricada nas ilhas dos Açores, especialmente a de São Miguel, adquire a qualidade necessária para concorrer com a louça continental nas mais diversas exposições a nível nacional. São peças de faiança pintadas com flores e outros motivos vegetalistas esmaltadas de branco ou preto e apresentadas na forma de serviços de chá, de café, canecas, jarras e tinteiros.

A fraca qualidade da matéria-prima local levou à distinção de dois tipos de louça: a vermelha vidrada, chamada de louça fina que era fabricada com materiais vindos da metrópole e a louça ordinária vermelha, não vidrada, fabricada com o barro de Santa Maria que, em maior abundância e de melhor qualidade, era exportado para as várias ilhas dos Açores, principalmente para São Miguel.

O trabalho do barro implica o domínio de diversas técnicas: a preparação da pasta, genericamente designada por “amassar o barro”; a modelação, técnica ancestral dominada pelas ceramistas açorianas na produção de alguns utensílios domésticos como a sertã e as tampas de panela; a moldagem, tradicionalmente aplicada na produção de tijolo e de telha; o torneamento, apanágio do trabalho masculino, que permitia produzir maior variedade de utensílios domésticos através da roda de oleiro; a secagem, feita no interior da tenda e, depois no exterior, ao sol; a cocção, processo longo pelo qual se coziam os objectos de barro em forno de pedra de uma só câmara ou em câmaras separadas, com lume direto e temperatura elevada.



Da olaria tradicional dos Açores destaca-se o talhão de Santa Maria que era o reservatório de água para toda a casa, o alguidar de Vila Franca que nas suas várias dimensões se adequa às mais diversas tarefas domésticas, a terrina de barro vidrado da Lagoa, de um branco amarelado e com ramagens a azul e a verde, destinada a ir à mesa com os tradicionais caldos e sopas migadas e a sertã com a forma de um disco de barro grosseiro que é utilizada para fins culinários, principalmente como grelhador de pão, sendo moldada pelas mesmas mulheres que amassavam, tendiam e coziam o pão.

As primeiras olarias fabricavam também a telha que, nos séculos XV e XVI, era empregue apenas nas casas dos fidalgos e nos templos. A generalização do seu uso remonta a meados do século XIX, altura em que surge a primeira fábrica de telhas e de tijolos nas imediações da cidade de Ponta Delgada. Até essa altura, a telha era proveniente da ilha de Santa Maria, juntamente com o barro em bolas que ia diretamente para as olarias de Vila Franca. A ilha da Graciosa foi igualmente um centro de exportação cerâmica, principalmente de telha, para as ilhas do Grupo Central.



Taça Cerâmica

Modela taças e/ou cestas de barro, utilizando a técnica do rolo.

MATERIAL

- Barro;
- Teques.

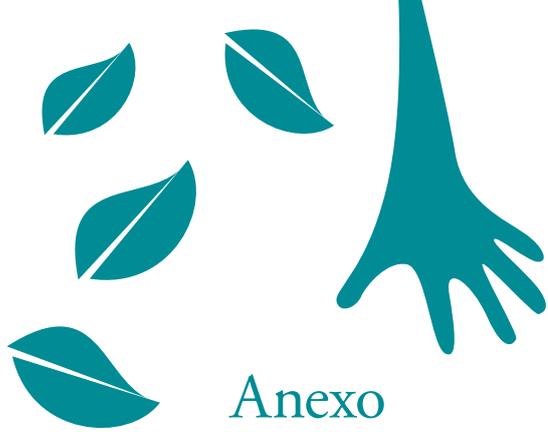
PASSO A PASSO

- Humedece as mãos e amassa bem o barro;
- Com o barro numa superfície lisa e com as palmas das mãos efetua movimentos de vaivém para fazer rolinhos de pequeno diâmetro e da mesma espessura;
- Com um dos rolos forma uma espiral com cerca de 10 cm de diâmetro e achata-a, criando uma superfície lisa e de igual espessura;
- Sobrepõe os rolos humedecidos à base e vai unindo com auxílio de um teque de madeira ou de plástico ou com os dedos;
- Vai colocando os rolos uns por cima dos outros, unindo-os com lambujem;
- Alisa as paredes internas e, se preferires, as externas.



OUTRA SUGESTÃO

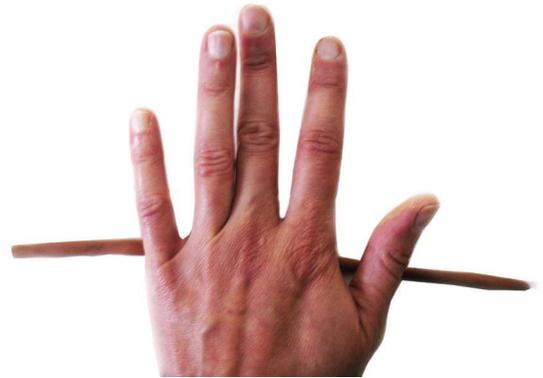
Podes usar a técnica da bola ou do molde para fazeres taças e outros recipientes. Consulta as indicações em anexo.

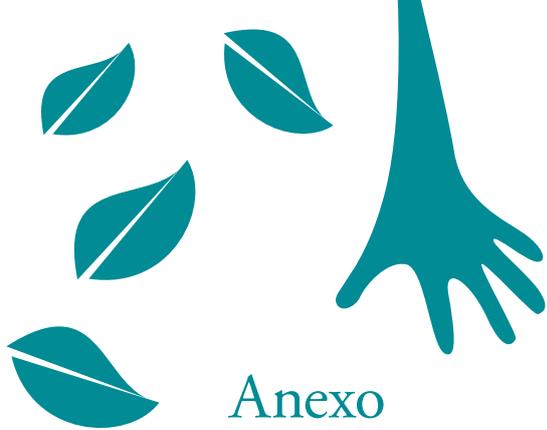


Anexo

Técnica do Rolo

- Humedece as mãos e amassa bem o barro;
- Com o barro numa superfície lisa, e com as palmas das mãos, efetua movimentos de vaivém para fazer rolinhos de pequeno diâmetro;
- Com um dos rolos forma uma espiral com cerca de 10 cm de diâmetro e achata-a, criando uma superfície lisa e de igual espessura;
- Sobrepõe os rolos humedecidos à base e vai unindo com auxílio de um teque de madeira ou plástico ou com os dedos;
- Vai colocando os rolos uns por cima dos outros, unindo-os com lambujem;
- Alisa as paredes internas e, se preferires, as externas.





Anexo

Técnica do Molde Simples

- Escolhe um objeto sólido, como, por exemplo, uma tigela para servir de molde para a tua peça;
- Cobre o molde com um pano humedecido; aplica a técnica do rolo;
- Quando a peça estiver semi-seca, retira-a do molde.





Aprende

Tarrinhos

Os brinquedos tradicionais artesanais produzidos a partir de materiais como o barro e a madeira fazem, desde há séculos, as delícias das crianças nas feiras e festas religiosas e profanas.

Os brinquedos populares em barro englobam essencialmente 3 grandes grupos: instrumentos musicais, bonecos para presépio e objetos em miniatura para brincar às casinhas.

No grupo dos instrumentos musicais há uma grande variedade no nosso país (pífaros, cornetas, rouxinóis, ocarinas), mas na região dos Açores ficamos pelos apitos de água do rouxinol.

Muito populares foram sempre as miniaturas em barro de objetos de uso quotidiano, especialmente as louças em miniatura de brincar às casinhas, que despertavam a imaginação infantil para as brincadeiras de “faz de conta”, numa imitação das atividades e dos papéis dos adultos. Na ilha de São Miguel, estas miniaturas ganharam particular importância nas brincadeiras das crianças, tendo-lhes sido atribuída a designação popular de tarrinhos. Ainda bem pequeninas, as meninas começavam a colecionar tarrinhos, comprados muitas vezes na Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Os tarrinhos são miniaturas das louças de barro que eram utilizadas nas cozinhas açorianas, feitos em olarias, sobretudo em Vila Franca do Campo. Aqui, ainda podemos encontrar a olaria de João Carroça em pleno funcionamento, o último oleiro da Vila a produzi-las.



Panela



Lava-mãos



Potinho (beber água)



Salgadeira



Fogareiro



Apito de Água / Rouxinol



Faz

Tarrinhos - Fogareiro

Faz um Tarrinho com a técnica da bola ou na roda de oleiro.

Fogareiro

O fogareiro é uma peça dividida em duas partes – tijela com furos e cilindro com fundo e abertura – que deverão ser feitas separadamente e coladas com lambujem. Deves amassar e trabalhar o barro sobre uma base de madeira. Tem o cuidado de trabalhar com as mãos húmidas durante todo o processo. Sempre que verificares que o barro está a abrir fissuras deves hidratá-lo.

MATERIAL

- Barro;
- Água;
- Lambujem (“cola de barro” que é feita a partir de barro seco com água e deverá ter consistência de papa);
- Palhinha (para fazer buracos);
- Faca;
- Esponja;
- Base de Madeira;
- Garrote (utensílio feito com fio de coco que serve para cortar o barro).

PASSO A PASSO

Tijela na roda de oleiro

- Amassa o barro até fazer uma pela (bola) cilíndrica;
- Centra correctamente o barro na roda;
- Com os polegares, abre um buraco no centro da pela até à profundidade pretendida;
- Abre as paredes até à largura pretendida;
- Puxa as paredes até à altura pretendida;
- Retira a peça da roda com auxílio de um garrote;

Tijela em modelação manual

- Amassa bem o barro;
- Faz uma bola de barro com o tamanho pretendido para a tijela;
- Coloca a bola na palma da mão e abre um buraco ao centro com os polegares;



- Roda a bola na palma da mão e acompanhar o movimento com os dedos, de modo a diminuir gradualmente a espessura da parede;
- Alarga a parede à largura pretendida;
- Aperfeiçoa a peça com auxílio da esponja.

Cilindro com fundo

- Faz uma lastra com os dedos de modo a que fique com uma espessura uniforme;
- Apará a lastra com uma faca de modo a fazer um rectângulo;
- Cola as extremidades do rectângulo com lambujem de modo a ficares com um cilindro;
- Corta uma cavidade em círculo na parte debaixo do cilindro;
- Corta uma base, também de lastra, à medida do fundo do cilindro e cola com a lambujem.

Montagem e acabamentos

- Cola a tijela ao cilindro usando a lambujem;
- Faz dois pequenos rolinhos de barro e cola com lambujem à parte superior da tijela, de modo a cada um dos lados ficar com uma pega em forma de arco;
- Com a ajuda da palhinha, faz cinco furinhos na tijela;
- Passa uma esponja na peça toda de modo a eliminar excedentes de lambujem ou alguma imperfeição na peça;
- Deixa secar o fogareiro ao ar e, se possível, leva-o a cozer em mufla quando estiver completamente seco;



Faz

Tarrinhos - Alguidar

Alguidar

O alguidar é uma peça única. Deve amassar-se e trabalhar o barro sobre uma base de madeira. Tem o cuidado de trabalhar com as mãos húmidas durante todo o processo. Sempre que verificares que o barro está a abrir fissuras debes hidratá-lo.

MATERIAL

- Barro;
- Água;
- Esponja;
- Base de Madeira;
- Garrote (utensílio feito com fio de coco que serve para cortar o barro).

PASSO A PASSO

Alguidar na roda de oleiro

- Amassa o barro até fazer uma pela (bola) cilíndrica.
- Centra correctamente o barro na roda;
- Com os polegares, abre um buraco no centro da pela até à profundidade pretendida;
- Abre as paredes até à largura pretendida;
- Puxa as paredes até à altura pretendida, tendo o cuidado de deixar mais barro na borda do lava-mãos;
- Retira a peça da roda com auxílio de um garrote;
- Deixa secar ao ar e, se possível, coze em mufla quando estiver completamente seco.

Alguidar em modelação manual

- Amassa bem o barro com as mãos humedecidas;
- Faz uma bola de barro com o tamanho pretendido para o lava-mãos;
- Coloca a bola na palma da mão e abre um buraco ao centro com os polegares;
- Roda a bola na palma da mão e acompanha o movimento com os dedos, de modo a diminuir gradualmente a espessura da parede, tendo o cuidado de deixar a borda com mais barro;
- Alarga a parede à largura pretendida.



Acabamentos

- Passa uma esponja húmida em toda a peça de modo a aperfeiçoar;
- Deixa secar ao ar e, se possível, coze a peça em mufla quando estiver completamente seca.



Anexo

Técnica da Bola

- Faz uma esfera e com o dedo polegar vai construindo uma concavidade. Utiliza água para moldar a peça;
- Faz o acabamento, alisando a peça com uma esponja humedecida.



The image shows the cover of a book. The background is a photograph of dried, light-brown reeds or straw standing in front of a blue-painted wooden wall. The reeds are vertical and vary in thickness, some appearing as thin stalks and others as thicker bundles. The blue wall has vertical planks. A semi-transparent dark blue horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the title text in a light blue, serif font. On the right side of the cover, there is a small, semi-circular inset image showing a close-up of the reeds.

Artes e Ofícios de Trabalho Elementos Vegetais



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar Elementos Vegetais

APRENDE FAZ

- Fibras Vegetais** Bonecas em Folha de Milho
Caixa com Empalhamento
- Arte de Trabalhar Miolo de Figueira e Similares** Ramo de Flores
- Capacharia** Base para Copos
Capacho em Ráfia
- Cestaria** Cesta com Rolinhos de Jornal
Cesta em Ráfia



Aprende

Fibras Vegetais

O junco, a cana bambu, a espadana e o vime são fibras endógenas. Mas rapidamente se aproveitaram outros elementos vegetais resultantes de novas culturas que se foram introduzindo nas ilhas dos Açores, como o trigo, o milho e o centeio.

De entre os variados objetos produzidos a partir das fibras vegetais, os cestos de vime assumem o principal papel. No entanto, outras produções associam-se à atividade agrícola e ao quotidiano da vida rural, resultando no fabrico de chapéus (eram diversos os modelos e adequados às especificidades das atividades rurais, sendo os chapéus da ilha do Pico utilizados pelas mulheres nas vindimas os mais conhecidos), tapetes, esteiras e até vassouras. Com a mesma matéria-prima também se ocupavam os tempos livres a produzir artefactos de natureza decorativa, como as flores artificiais e as bonecas de folha de milho ou de palha de trigo.

As folhas são escolhidas, secas e, quando necessário, ripadas e, por vezes ainda, tingidas. No caso do milho, muito utilizado na ilha de São Miguel, existe a preocupação de selecionar as folhas mais brancas e de utilizar as “barbas” para reproduzir o cabelo da boneca. Pelo mesmo processo se confeccionam as originais e elegantes bonecas de folha de dragoeiro, principalmente na ilha do Pico, onde esta espécie endémica da Macaronésia desde cedo vingou, até pelas suas propriedades tintureiras (sangue de dragão).

No caso da palha de trigo ou de centeio, as técnicas são igualmente diversas. A palha dourada e flexível, resultante do processo de preparação da matéria-prima que inclui rachar o canudo de trigo ou de centeio, pode ser entrançada manualmente e cosida em espiral ou até tecida no tear.

Com o auxílio de tesoura, cola, agulha e imaginação, criam-se pequenas figuras representativas da vida rural, como por exemplo a mulher do campo, da vida religiosa, como é o caso das figuras do presépio, ou até da vida quotidiana e da memória coletiva, ilustrada nas figuras da aristocracia local.

Ao nível do artesanato contemporâneo, os modelos são hoje muito diversificados e associam-se à moda e ao interesse turístico e cultural: malas e carteiras, bijuteria, bonecas, individuais de mesa e bases decorativas.





Bonecas em Folha de Milho

Cria bonecas em folha de milho e personaliza-as.

MATERIAL

- Folhas de milho;
- Linha;
- Bola de esferovite pequena;
- Cola quente;
- Tesoura;
- Tecido;
- Flores secas.

PASSO A PASSO

- Separa uma folha de milho clara e macia e alisa-a com as mãos húmidas;
- Forra a bola de esferovite, dobrando a folha de milho como se fosse um rebuçado, para fazer a cabeça (ver imagens em anexo);
- Dobra a parte de cima do rebuçado para baixo e junta à inferior. Amarra com várias voltas de linha e termina com um nó; fizeste um pequeno e estreito pescoço;
- Junta um pequeno molhe de folhas de milho e amarra com linha, dando várias voltas e um nó;
- Junta a cabeça à parte superior e mais estreita do molhe e amarra novamente com várias voltas de linha e um nó;
- Com ajuda da cola quente, vai colando folhas de milho, começando no pescoço, umas pela frente e outras pelas costas;
- Aparas com a tesoura as pontas de modo a que a boneca fique de pé;
- Enrola uma folha mais dura de maneira a fazer o comprimento dos braços – cerca de 8 a 10 cm; aparas as pontas com uma tesoura;
- Cola este rolinho logo abaixo da cabeça, na parte de trás da boneca;
- Recorta duas tiras iguais de folha de milho e cola-as em cruz, fazendo o peito da boneca;
- Podes acrescentar mais folhas de milho à saias ou aventais feitos de folha ou de tecido;
- Para os cabelos podes usar a barba de milho, tranças feitas de ráfia, ou simplesmente um retalho de tecido para fazer de lenço;
- Podes enfeitar a boneca colocando flores secas nos braços, na cabeça ou saias;
- É opcional a pintura do rosto da boneca.





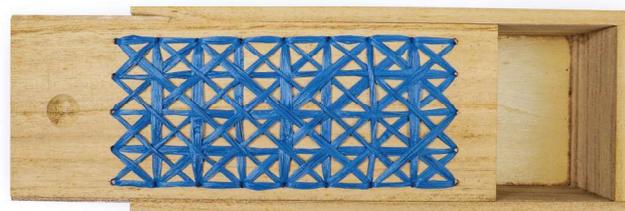
Bonecas em Folha de Milho



Cabeça da boneca



Corpo e braços da boneca



Caixa com Empalhamento

Empalhamento

Compra uma caixa de madeira a teu gosto e na tampa aplica fio de ráfia colorido, inspirando-te na técnica tradicional de empalhamento com palhinha.

MATERIAL

- Caixa de madeira;
- Tesoura;
- Berbequim;
- Fio de ráfia colorido;
- Agulha;
- Régua;
- Cola.

PASSO A PASSO

- Começa por marcar na tampa da caixa um retângulo e marca pontos espaçados, simétricos e equidistantes;
- Faz orifícios com um berbequim em todas as marcações de pontos que fizeste;
- Com a ajuda da agulha, inicias o desenho geométrico com a ráfia, primeiro as perpendiculares e depois as diagonais;
- O que é importante é passares sempre um fio de ráfia por cima e outro por baixo, quando cruzares os fios para fazer o efeito;
- Para rematar, é só fazeres um nó e aplicares um pouco de cola.





Aprende

Arte de Trabalhar Miolo de Figueira e Similares

A arte de trabalhar o Miolo de Figueira e de Hortênsia é emblemática do Artesanato dos Açores, atingindo larga projeção com a sua presença assídua nas mais diversas feiras nacionais e internacionais. Estes trabalhos são muito apreciados pelos turistas que visitam as nossas ilhas e se sentem atraídos pela pureza da cor e pela fragilidade destas miniaturas.

Esta tradição remonta aos meados do século XIX, segundo o que consta no Arquivo dos Açores, na ilha do Faial. Teria nascido de mãos femininas, como arte aplicada caseira. Permaneceu no âmbito familiar até meados do século XX, seguindo um repertório tradicional. Cestos, navios, figuras regionais, armas nobiliárias, emblemas hieráticos, flores, moinhos e utensílios domésticos eram miniaturizados a partir da “medula dos galhos de um arbusto”.

Em meados do século XX, a arte de trabalhar o miolo de figueira sofreu uma notável evolução, saindo dos parâmetros tradicionais pelas mãos de um artesão faialense de reconhecido nome, Euclides Rosa. O seu trabalho caracteriza-se por composições miniaturizadas que constituem réplicas de navios que obedecem, com todo o rigor, à planta fornecida pelas empresas construtoras, de monumentos e de aldeias tradicionais, como é o caso da aldeia açoriana. A precisão cirúrgica das mãos deste artífice permitia empregar milhares de peças coladas umas às outras na produção de um só artefacto.

A matéria-prima é extraída da figueira-brava, embora também se trabalhe o miolo da planta de girassol, da azálea e da hortênsia. O miolo de figueira prevaleceu sobre os outros pela sua maior resistência e pela cor branco mate que apresenta, quando colhido na altura própria. Com efeito, o miolo de hortênsia possui uma cor amarelada e constitui uma massa granular tão porosa que torna difícil a sua aplicação em miniaturas



tão delicadas como as que tradicionalmente se fazem na ilha do Faial. No entanto, sendo esta matéria-prima hoje mais fácil de obter em todas as ilhas, os artesãos adequaram os seus trabalhos à natureza deste material, produzindo essencialmente elaboradas composições florais em miniatura, como as que se fazem na ilha das Flores e que tão bem ilustram esta arte.

Com efeito, é uma arte pouco exigente em termos de utensílios: basta ter uma navalha bem afiada, uma pequena tesoura de costura, cola e uma pinça para agarrar as lâminas leves, transparentes e microscópicas que constituem a base desses trabalhos. Pode utilizar-se, também, na produção de certas miniaturas, um engenho semelhante a uma prensa de madeira, composto por duas tábuas retangulares, que por meio de um parafuso regula a espessura do miolo a cortar.



Ramo de Flores

Arte de Trabalhar Miolo de Figueira e Similares

Faz flores semelhantes às do miolo de figueira.

MATERIAL

- Bolas de esferovite;
- Tesoura de pontas finas;
- Cartolina;
- Canutilho;
- Bisturi ou x-ato;
- Missangas.

PASSO A PASSO

- Com um bisturi ou x-ato corta a bola de esferovite ao meio;
- Usando a mesma lâmina corta cerca de 6 finas fatias de esferovite de modo a obteres 6 círculos;
- Na cartolina desenha e recorta um modelo de pétala e de folha para servir de molde;
- Sobrepondo o molde da pétala em cada fatia de esferovite recorta, com uma tesoura de pontas finas as 6 pétalas para a tua flor (consulta as imagens em anexo);
- Em cada pétala faz uma pequena incisão na parte superior e outra na parte inferior;
- Estica uma pequena porção de canutilho; segurando na base da pétala deixa uma ponta de fio com cerca de 2 cm;
- Passa o fio da incisão inferior para a superior, pela frente da pétala; as duas pontas do fio vão-se encontrar na base; aí, enrola uma ponta na outra, bem juntinho à esferovite;
- Repete o procedimento em todas as pétalas;
- Depois de teres as 6 pétalas concluídas, junta-as duas a duas pelos fios de canutilho e enrola-os muito bem, de modo a ficarem apenas 3 pés;
- Com cerca de 8 cm de canutilho esticado e uma missanga faz um estame: enfia uma missanga no fio, dobra-o ao meio e enrola muito bem junto à missanga; repete o mesmo processo para 3 estames;



- Coloca um estame bem juntinho a um par de pétalas e enrola os pés um no outro; faz o mesmo com os restantes estames e pares de pétalas;
- Enrola os pés uns nos outros de modo a compor a flor: estames no centro e as pétalas em redor;
- Podes completar a tua flor fazendo folhas; faz cada uma individualmente e enrola-as ao pé da flor.

OUTRA SUGESTÃO

Cria peças em miniatura semelhantes às do miolo de figueira: com um bisturi ou x-ato corta a bola de esferovite ao meio e desenha uma figura na parte cortada da esferovite. Usando a lâmina vai esculpindo a tua figura. Com várias figuras podes construir uma história num suporte da tua preferência.

NOTA: Podes, em substituição das bolas de esferovite, reutilizar as bases/cuvetes de esferovite para alimentos que existem em várias cores.



Arte de Trabalhar Miolo de Figueira e Similares





Aprende

Capacharia

A agricultura fornecia indiretamente, mas em grande abundância, matéria-prima para os mais diversos artefactos, uns de natureza funcional, como os capachos, as vassouras e os chapéus, e outros de natureza decorativa, como as flores e as bonecas de folhelho.

Paralelamente à cestaria, esta produção artesanal desempenhou inicialmente uma função complementar à agricultura e adaptou-se às necessidades domésticas até ser substituída por novos materiais.

Os capachos, em folha de milho, palha de trigo, espadana, junco ou até em folha de dragoeiro, representam uma arte tradicional e tipicamente açoriana de trabalhar as fibras vegetais. Apenas entrançados ou cosidos, eram utilizados como esteiras onde secavam os cereais ou onde as mulheres se sentavam a trabalhar ou, ainda, como tapetes de ornamentação em ambiente rústico.

Os capachos de folha de milho são os mais característicos da ilha de São Miguel. A folha de milho era escolhida separando-se a chamada folha branca que era seca e depois ripada. A folha de milho mais escura era molhada para fazer a trança na qual se cosiam as folhas brancas ou tingidas de cores garridas, desenhando motivos geométricos simples, mas muito coloridos.

Pelo mesmo processo se confeccionam os originais capachos de folha de dragoeiro, principalmente na ilha do Pico, onde a vegetação endémica é ainda abundante.

Os capachos entrançados são normalmente feitos com espadana ou piteira seca e batida com um maço e apresentam-se na sua cor natural. É uma longa trança que lhes dá forma circular, oval ou rectangular, desenhando os mais diversos motivos geométricos, não raras vezes em espiral.





Base para Copos

Capacharia

Personaliza as tuas bases de copos.

MATERIAL

- Tesoura;
- Ráfia natural e colorida;
- Cola quente ou cola tudo;
- Bases de cartão, cortiça ou de contraplacado fino.

PASSO A PASSO

- Corta seis fitas de ráfia natural e duas fitas de ráfia colorida para cada base;
- Agrupa as fitas em três feixes (dois de cor natural e uma colorida);
- Une os feixes na ponta com um nó;
- Faz uma trança comprida;
- Começa a colar a trança na base, deixando o nó de fora;
- Cola a restante trança até teres coberto a totalidade da base;
- Apará com a tesoura o nó e o que sobrou, colando para o interior as pontas da ráfia.

OUTRA SUGESTÃO

Com a mesma técnica da trança podes criar anéis e brincos. Enrola a extremidade de uma trança de trapilho ou de ráfia compondo uma pequena bola, colando as extremidades no lado oposto. Cola a bola na base de brincos ou anéis e pregadeiras.





Capacho em Ráfia

Capacharia

Faz um capacho em ráfia para a entrada da tua casa, com tranças de 4 pontas.

MATERIAL

- Ráfia de 4 cores diferentes;
- Tesoura;
- Agulha.

PASSO A PASSO

- Começa por fazer a trança de ráfia de 4 pontas, como ilustra a imagem; podes pregar um prego ou um parafuso a uma tábua, para facilitar a sua execução; se quiseres um capacho médio tens de fazer pelo menos uns 6 a 8 metros de trança;
- Depois de teres a trança feita, e se o capacho for oval como é o da imagem, comesas a coser ao comprido, apanhando sempre duas tranças, para ficar bem unido;
- No final, é só dares uns pontos no mesmo sítio para prenderes bem a ponta.

1 2 3 4





Aprende

Cestaria

De entre os variados objetos produzidos a partir das fibras vegetais, os cestos de vime assumem o principal papel, quer por razões históricas, quer por razões culturais. A arte da cestaria acompanhou o Homem desde tempos pré-históricos até à atualidade, fazendo parte do quotidiano de todas as civilizações que fizeram depender a sua sobrevivência da terra e do mar.

Diversas são as formas dos cestos, as técnicas de confeção, os materiais empregues e as utilizações que deles se fazem. Se inicialmente se associava a forma à finalidade para a qual era criado o cesto, a função predominantemente decorativa que hoje assume deu origem à diversificação dos modelos. Podemos, no entanto, identificar dois aspetos que se mantêm inalteráveis: a técnica de começar por definir o fundo do cesto e as características do meio ambiente que permitem distinguir, neste caso, a cestaria tradicional dos Açores.

Difícil é estabelecer uma tipologia para a cestaria açoriana, já que cada ilha do Arquipélago apresenta as suas diversidades regionais. Comum a todas as ilhas e testemunho valioso da cestaria tradicional dos Açores, do ponto de vista histórico, é a “sebe” do carro de bois. De entre os cestos mais comuns, contam-se o “cesto da leiva” ou “cesto de vindima”, redondo, grande e grosseiro, de bordadura reforçada para transporte em carroça; o “cesto de acarrear”, baixo, largo e forte, com duas asas no bordo, usado nos trabalhos agrícolas; o “seirão”, cilíndrico, grosseiro e alto que, aos pares, é transportado por animais com produtos agrícolas; o “balaio”, cesto para roupa ou pão em dias de matança, típico do Faial e da Graciosa; o cesto oval e comprido com asa, característico de São Miguel; a cesta retangular com tampa e asa; o cestinho redondo com asa.

O empalhamento é outra técnica aplicada ao vime e complementar à atividade de um cesteiro. Com técnicas similares, com os mesmos materiais e ferramentas, se forram garrafas de vidro, assentos de cadeiras e uma série de peças de mobiliário, criadas a



partir de uma simples estrutura de madeira que depois é forrada e ornamentada com entrançado de vime.

Na ilha do Faial, onde o artesanato no feminino assume elevado grau de requinte a julgar pelos trabalhos em miolo de figueira, em papel recortado e em tule bordado a palha, a rafia permite um trabalho de cestaria muito interessante do ponto de vista decorativo, da qual resultam pequenos cestinhos em que a palha de rafia, entretecida manualmente em espinha, em cruz, em diagonal ou na horizontal, reproduz motivos geométricos e vegetalistas estilizados.



Cesta com Rolinhos de Jornal

Cestaria

Recicla folhas de jornal e cria um pequeno cesto.

MATERIAL

- Folhas de jornal;
- Cartão;
- Tesoura;
- Cola branca diluída na mesma porção de água;
- Palito de espetada;
- Agrafador e agrafos;
- Pincel;
- Verniz (opcional).

PASSO A PASSO

Para iniciar o trabalho tens de fazer cerca de 35/40 canudos com as folhas duplas de jornal:

- Dobra cada folha ao meio, na vertical, e divide em duas;
- Depois de as folhas estarem divididas em tiras, começa a enrolar a pontinha do papel da parte inferior esquerda, num palito comprido, deslizando para cima, de modo a formar um canudo redondinho;
- Ao terminares de enrolar, retira o palito e espalha um pouco de cola na parte superior do papel para o rolinho não abrir;
- Coloca os canudos lado a lado e acerta todas as extremidades com auxílio da tesoura.

Para fazer o cesto vais precisar de recortar dois círculos de cartão com cerca de 20 cm de diâmetro cada um;

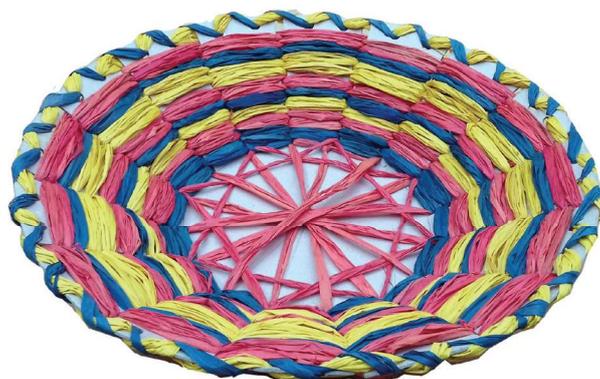
- Forra um dos lados de cada círculo com papel de jornal;
- Coloca sobre a mesa um dos círculos, com a parte forrada virada para baixo;
- Dispõe sobre o círculo 15 canudos à mesma distância uns dos outros (começa por fazer uma estrela e depois vai acrescentando de um lado e do outro os restantes canudos);
- Agrafa cada canudo ao círculo de cartão, no local onde estavam dispostos; cuidado para manter as distâncias iguais entre eles;

- Depois de todos agrafados, pincela a base e a parte dos canudos agrafados com cola branca diluída em água e coloca por cima o outro cartão com a parte forrada virada para cima; pressiona-a de modo a que os cartões fiquem juntos e bem colados;
- Para facilitar o trabalho até ao fim, coloca um objeto, como uma taça ou uma lata, por cima da base;
- Dobra os canudos para cima para começar a entrançar os outros;
- Começa por agrafar a ponta de um canudo na base de cartão, passando-o por baixo e por cima dos canudos fixos à base; quando este acabar, insere outro canudo na ponta e continua a dar a volta;
- Repete o mesmo processo até teres a altura desejada do cesto (cerca de 18 voltas); a trama deve ficar bem apertada;
- Cola a ponta do último canudo e aparas os canudos verticais deixando cerca de 2 cm de altura;
- Dobra estas pontas para dentro do cesto e cola-as;
- Com a mistura de cola e água, nas mesmas proporções, impermeabiliza a peça com auxílio de um pincel;
- Deixa secar durante cerca de 3 horas, de preferência ao sol.

NOTA: Podes ainda pintar ou aplicar um spray vitral da cor de que gostares e impermeabilizar com um verniz.

OUTRA SUGESTÃO

Com a mesma técnica podes fazer jarras, caixas, molduras, etc.



Cesta em Ráfia

Cestaria

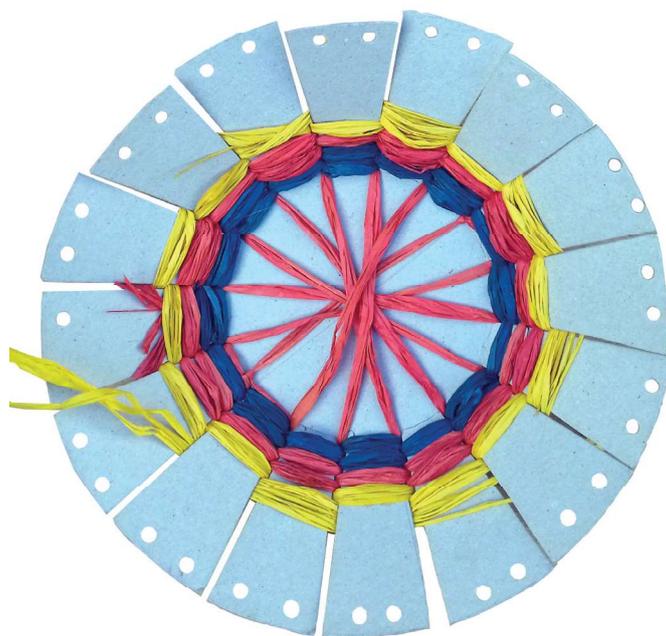
Faz uma cesta em rafia com cores variadas aplicando a técnica da cestaria.

MATERIAL

- Cartão ou cartolina grossa;
- Ráfia de cores diferentes;
- Tesoura;
- Compasso;
- Furador de folhas.

PASSO A PASSO

- Começa por desenhar duas circunferências, uma maior e, dentro desta, uma mais pequena que vai servir como base da cesta;
- Divide a circunferência em 16 partes e corta até à mais pequena com uma margem de 3 milímetros;
- Faz 2 orifícios em todas as pontas da circunferência;
- Para começares a fazer a base, passa a rafia em cruz e em quadrado sobrepostos e dá um nó;
- Para fazeres o corpo da cesta, vais passando a rafia de forma alternada nas tiras e apertando bem;
- Na alternância das cores também alternas as tiras em relação ao que fizeste anteriormente;
- Para o remate, passas a rafia nos orifícios com uma cor num sentido e outra cor no sentido contrário.





Anexo

Fibras Vegetais usadas nos Açores



Centeio



Trigo



Milho



Hortênsia



Figueira



Serpentina



Dragoeiro



Espadana



Junco



Linho



Vime



Artes e Ofícios
de Trabalho
Peles e Couros



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar Peles e Couros

APRENDE FAZ

Arte de Trabalhar Peles e Couros Bolsa



Aprende

Arte de Trabalhar Peles e Couros

As artes e ofícios de trabalhar peles e couros fazem parte da história da humanidade desde a Idade da Pedra. As peles de animais eram utilizadas pelo Homem do Paleolítico para se proteger das intempéries e garantir-lhe melhores condições de sobrevivência perante condições climáticas severas.

Ao procurar técnicas que lhe permitissem conservar cada vez por mais tempo o seu calçado e o seu vestuário, o Homem começou a dominar o processo de curtimenta das peles animais e diversificou a sua aplicação. Com o passar dos tempos, esta área artesanal foi sendo enriquecida através do espírito criativo e inovador dos povos e civilizações, que souberam reconhecer as características únicas da pele nas suas mais diversas aplicações e a trabalharam de forma a satisfazer as suas necessidades.

Em Portugal, com os Descobrimentos, a introdução no processo de tratamento das peles de outras substâncias vegetais chegadas dos novos mundos contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos curtumes. Nos séculos XVI e XVII, a indústria começa a dar os primeiros passos, assistindo-se a uma concentração de artesãos dos curtumes em Guimarães, Porto e Alcanena, apesar de existirem registos de que a atividade se encontrava distribuída por várias regiões do país. No século XVIII, com D. João V, aparecem as primeiras unidades de manufatura de couro em Portugal, mas só em meados do século XIX, resultado da Revolução Industrial em Inglaterra, a manufatura artesanal começa a dar lugar à mecanização.

Nos Açores, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, existiram algumas unidades produtivas de curtume de couro, essencialmente artesanais. Em São Jorge terá existido alguma produção de curtumes, da qual se fez exportação até à primeira metade do XIX; na Terceira, no início do século XX, há registo de quatro estabelecimentos de curtumes em Angra do



Heroísmo. O comércio, a crescente concorrência com produtos de melhor qualidade e os custos elevados de transformação terão sido as causas da quase extinção desta atividade, que passou a resumir-se à simples exportação da matéria prima em bruto.

Atualmente, as artes e ofícios de trabalhar peles e couros são reconhecidas como uma área artesanal abrangida pelo Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal e incluem atividades como: o processo tradicional de tratamento e conservação de peles de animais; a manufatura em couro de objetos de uso pessoal, de viagem, de escritório, ou de decoração; a confeção de diversos artigos de vestuário utilizando como matéria-prima a pele; a produção artesanal de calçado fechado em pele ou couro, incluindo os consertos e a reparação de calçado; a produção artesanal, em couro ou outro material similar, de cintos, suspensórios e outras peças semelhantes, bem como de selas, albardas e arreios vários para animais; entre outras descritas no Repertório das Atividades Artesanais.

Esta é uma área à qual, nos dias de hoje, poucos artesãos dos Açores se dedicam. Fica o repto para que novos aprendizes se juntem aos mestres artesãos, dando continuidade a artes e técnicas seculares.



Bolsa

Faz uma bolsa.

MATERIAL

- Pele;
- X-ato;
- Tesoura;
- Ilhós;
- Martelo;
- Cola para peles;
- Mola de pressão e repetivo alicate;
- Fio.

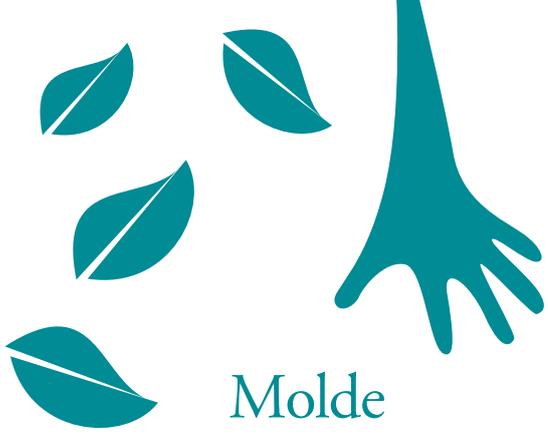
PASSO A PASSO

- No molde está representada metade da bolsa; Fazendo o seu reflexo obtém a outra metade; a circunferência ficará com 42 cm de diâmetro;
- Esta circunferência em pele será a tua bolsa, recorta-a;
- De seguida recorta a peça 2 e cola-a, centrando-a na circunferência;
- Calcula o perímetro da circunferência e divide por 16;
- Marca estes pontos na circunferência e irás obter os sítios onde deves colocar os ilhós;
- Recorta a pala e coloca os ilhós conforme o molde;
- Agora é só passar o fio pelos ilhós; começa pelo primeiro furo da pala e segue ilhó a ilhó; o último a enfiar é o segundo furo da pala, dá um nó nas duas pontas do fio;
- Coloca a mola de pressão na pala, de maneira a poderes fechar a tua bolsa.

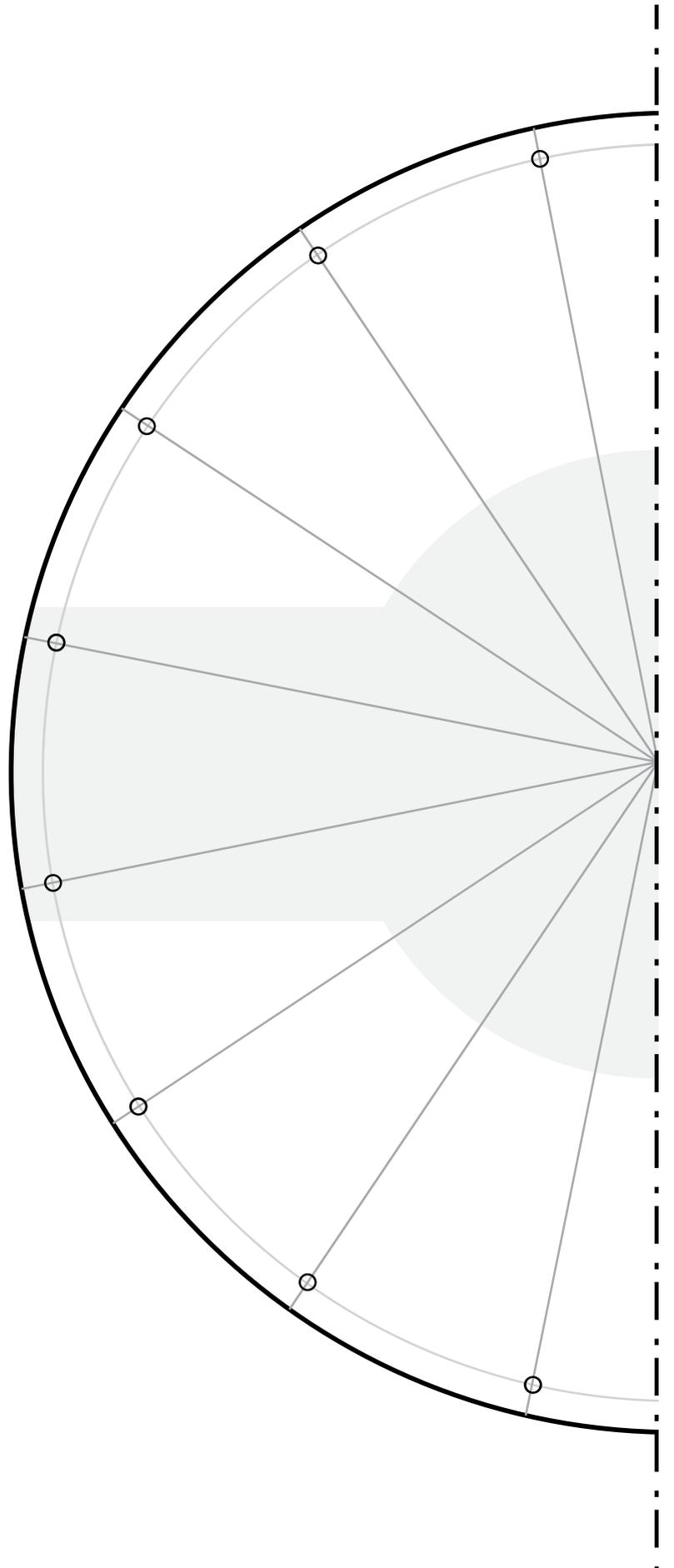
NOTA

Em vez de usares pele, podes usar feltro, ou napa.

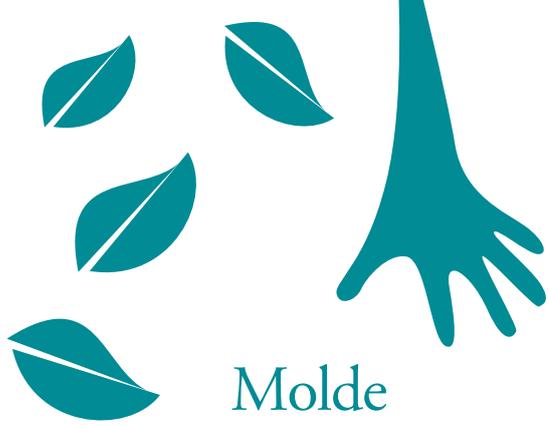




Molde

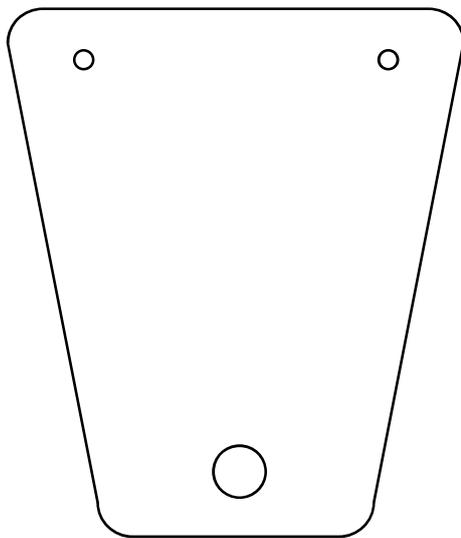


Escala 1:2

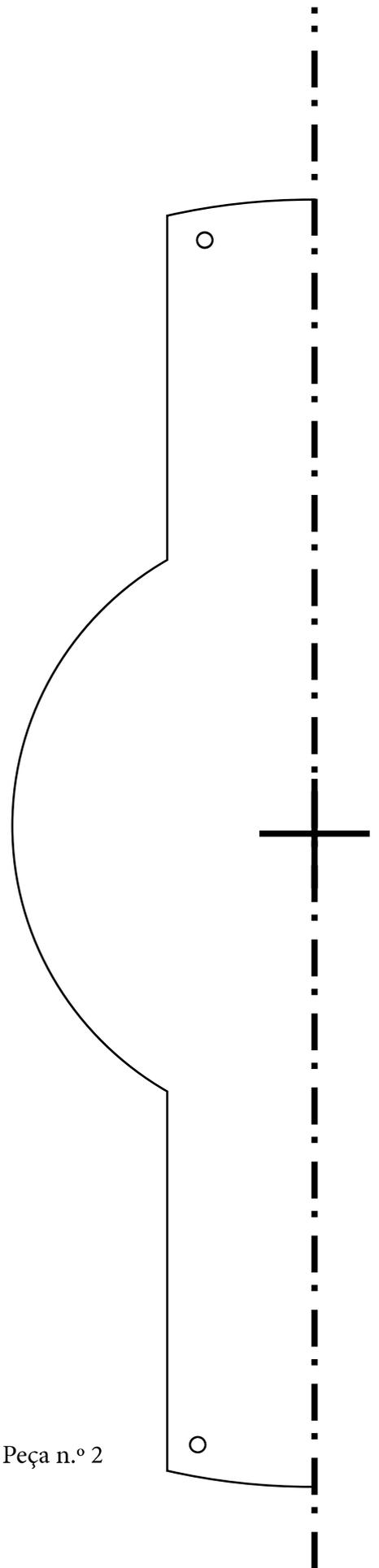


Molde

Pala



Peça n.º 2



Escala 1:2



Artes e Ofícios de Trabalhar a Madeira e a Cortiça



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar a Madeira e a Cortiça

APRENDE FAZ

Bote Baleeiro **Cena de Caça à Baleia em Pirogravura**

Chavão **Carimbo**

Chavão Esculpido

Fechadura de Madeira **Fechadura**

do Corvo

Talha **Visita Ativa à Talha Barroca**



Aprende

Bote Baleeiro

Construção de Embarcações

A abundância de madeiras de muito boa qualidade existentes nas ilhas terá estimulado certamente as primeiras experiências de construção naval, como refere Gaspar Frutuoso, na sua obra Saudades da Terra.

Os artífices açorianos, hábeis no trabalho da madeira e nas respostas a dar a cada necessidade quotidiana, criaram uma embarcação de características muito próprias para a caça à baleia – atividade que, por muito tempo, foi muito relevante para a economia do Arquipélago. A canoa baleeira, tida por “uma das mais elegantes embarcações do mundo” é o símbolo de uma apurada técnica de construção que, congregando saberes milenares, os adaptou à necessidade de construir uma embarcação que fosse simultaneamente veloz e capaz de vencer as águas, nem sempre calmas, onde os grandes cetáceos não eram presa de fácil captura.

A sua origem reporta-nos à baleação itinerante norte-americana que percorria o Atlântico, o Índico e o Pacífico à procura de baleias, em finais do século XVIII. O arquipélago dos Açores, situado estrategicamente no Atlântico Norte, era escala da maioria dos navios que atravessavam o Oceano Atlântico, incluindo as frotas baleeiras da Nova Inglaterra, que frequentemente se aproximavam das ilhas do Grupo Ocidental (Flores e Corvo) e ilha do Faial para fazer aguada, abastecimento de víveres, reparações, descarga de barris de óleo e mesmo para recrutar elementos para as suas tripulações, sem se desviarem da rota migratória dos cachalotes.

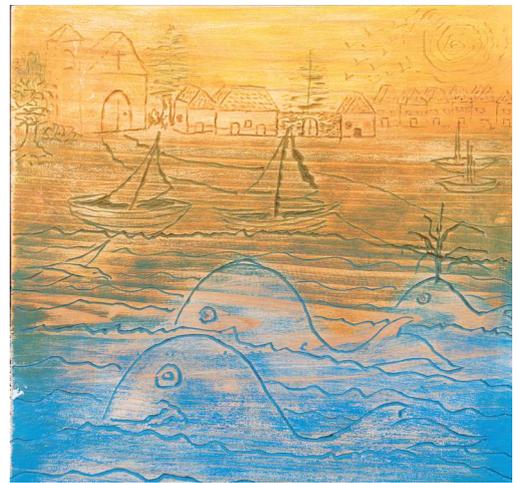
O impacto económico e social decorrente da escala das frotas baleeiras norte-americanas nas ilhas dos grupos ocidental e central dos Açores alertou os empresários locais e as elites políticas para a conveniência de se investir na pesca e na produção do óleo de cachalote. A partir de meados do século XIX, armadores locais, como a Casa Dabney, implementaram a pesca itinerante, que cedo entraria em declínio juntamente com a baleação americana, e mais intensamente a pesca costeira, realizada por baleeiros locais que, em frágeis



embarcações, os botes baleeiros, se entregavam à aventura da caça ao cachalote, em articulação com os empresários que detinham a indústria de produção do óleo. É nesta altura e ao longo de todo o século XX (até à década de 1980) que a ilha do Pico se torna no principal centro de baleação açoriana.

A proibição da caça à baleia afetou uma importante atividade económica, resultante do aproveitamento integral do corpo destes mamíferos, designadamente a produção de artefactos em marfim e osso que presentemente está condicionada pelos stocks limitados existentes, mas legalmente reconhecida.

Atualmente os botes baleeiros integram o nosso património cultural de forma dinâmica, na medida em que não são apenas peças de museu, mas continuam no mar, desta vez em atividade recreativa (observação de cetáceos e corridas de botes baleeiros), proporcionando ainda aos turistas a recordação trazida da “vila baleeira” (Lajes do Pico), pela habilidade dos artesãos que confeccionaram miniaturas dos botes com perícia e fidelidade.



Cena de Caça à Baleia em Pirogravatura

Construção de Embarcações

Cria um quadro com uma cena da caça à baleia, aplicando a técnica da pirogravatura em madeira.

MATERIAL

- Quadrado em madeira criptoméria com cerca de 50 cm (com bom acabamento);
- Lápis;
- Pirogravador;
- Verniz (opcional).

PASSO A PASSO

- Usando um lápis, desenha uma cena da caça à baleia, no quadrado de madeira, inspirando-te em livros ou filmes açorianos;
- Aquece o pirogravador;
- Com o pirogravador quente, contorna os riscos do teu desenho, com muito cuidado, o calor vai queimando a madeira e escurecendo o desenho;
- Para proteger o teu trabalho, passa um verniz com pincel ou em spray (opcional).



OUTRA SUGESTÃO

Podes fazer um quadro decorativo idêntico ao anterior, mas substituindo o pirogravador por um prego ou outro objeto que risque e vinque a madeira. Depois, passa tinta com os dedos, lixa um pouco a madeira e termina com um verniz para proteger o teu trabalho.



Chavão

Fabrico de Utensílios e Outros Objetos em Madeira

Exemplares do artesanato tradicional açoriano, os chavões do Espírito Santo possuem elevado valor histórico, etnográfico e cultural, na medida em que estão desde sempre ligados à cultura popular açoriana de cariz religioso.

Foi com as espécies endémicas, como o sanguinho, o teixo, a faia e o cedro-do-mato, que os colonizadores das ilhas dos Açores, desde o século XV, supriram as múltiplas necessidades de sobrevivência, desde a habitação às alfaias agrícolas, construção naval e uma diversidade de pequenos utensílios, como os chavões.

A propósito do chavão, a obra “O Canto de um Lavrador”, que homenageia o artífice do cedro, José Soares, faz referência a este artefacto pelas palavras do Padre António Vieira: “Quem ainda hoje não possui em suas casas como relíquia de um passado não distante os mais diversos utensílios feitos em madeira de cedro desde a escudela em que preparavam as suas refeições ao gamote com que saciavam a sede, não esquecendo, ao relicário, o chavão que mãos hábeis desenhavam as insígnias do Divino em Terceira Pessoa para mais tarde vincularem em sua fé nas vésperas do Espírito Santo!”

As festas do Espírito Santo constituem a festividade religiosa mais importante dos Açores e, desde o século XVI, têm desenhado o perfil cultural das nove ilhas. A sequência ritual destas festas é extremamente elaborada e compreende um conjunto de cerimónias e festejos, como procissões, cortejos e distribuição de alimentos. Entre esses alimentos, ocupam lugar de relevo as Sopas do Espírito Santo e diversas qualidades de pão, biscoitos e doces, designadamente as “Vésperas” que são pequenos bolos de forma cilíndrica e achatada, muito característicos das ilhas do grupo central, principalmente da ilha de São Jorge e Pico.



Exclusivamente associados à decoração dos Bolos de Véspera, os chavões são torneados em madeira de cedro e esculpido em baixo relevo com os símbolos do Espírito Santo, dos quais se destacam a coroa e a pomba. Estas figuras são impressas seis vezes, uma no centro e cinco à volta, na massa crua destes pequenos bolos que, no Domingo da Festa do Espírito Santo, irão encher os cestos de oferenda e ser distribuídos pela população.



Carimbo

Fabrico de Utensílios e Outros Objetos em Madeira

Faz o teu carimbo ecológico com madeira e rendas típicas.

MATERIAL

- Base redonda de madeira com cerca de 1,5 cm de espessura e 6 de diâmetro;
- Cola de madeira;
- Puxador de gaveta ou uma rolha de cortiça;
- Roseta de croché.

PASSO A PASSO

- Pede para te serrarem um pedaço de tronco com cerca de 1,5 cm de espessura e 6 cm de diâmetro;
- Aplica, com cola branca ou através de um furo, um puxador de gaveta ou uma rolha de cortiça;
- Cola no lado oposto do pedaço do tronco uma roseta de croché, que será o teu carimbo.

OUTRA SUGESTÃO

Faz os teus carimbos personalizados em espuma EVA: desenha na espuma uma pequena figura, recorta e cola numa rolha de cortiça.





Chavão Esculpido

Fabrico de Utensílios e Outros Objetos em Madeira

MATERIAL

- Ramo direito ou peça de madeira cilíndrica;
- Serrote;
- Navalha ou faca de entalhe;
- Machadinho (opcional) ;
- Compasso;
- Lápis;
- Torno (opcional);
- Goivas pequenas;
- Lixa para madeira (grossa e fina)
- Paciência.

PASSO A PASSO

- Arranja um ramo direito ou uma peça de madeira cilíndrica; recomenda-se a criptoméria porque é uma madeira mole e, por isso, mais fácil de trabalhar;
Curiosidade: Em São Jorge, tradicionalmente, usam: pau branco, cedro, faia-da-terra, bucho ou nespereira; o chavão tem entre 10/12cm de altura e 3/8 cm de largura; quanto mais estreito, mais difícil se torna de esculpir;
- Com o serrote, corta a madeira do tamanho desejado, tenta cortar o mais perpendicular possível;
- Desenha os círculos nos dois lados da peça de madeira com o compasso;
- Retira o excesso com um machadinho ou faca, até teres um cilindro;
- Desenha o padrão dentro de um dos círculos do cilindro; se quiseres, podes desenhar e esculpir as duas faces;
- Com goivas bem afiadas, esculpe o desenho: cuidado com os dedos! Se possível, segura a peça com um torno; caso não tenhas acesso a um, segura a peça contra algo estável; o importante é a peça não mexer muito enquanto estiveres a esculpir;
- Se pretenderes tornar a peça mais elegante, podes fazer o chavão menos grosso; na lâmina do serrote desenha uma linha e corta à volta do cilindro até à linha; depois, com uma faca, retira o excesso até ao corte central;
- Como acabamento, lixa a peça usando primeiro a lixa mais grossa e depois a mais fina;
- Parabéns, tens um chavão para marcar bolos de véspera.





Fechadura de Madeira do Corvo

Fabrico de Utensílios e Outros Objetos em Madeira

A partir do século XVII, os solares da aristocracia local que ia prosperando exibem mobiliário luxuoso de madeiras exóticas, enquanto as grandes edificações religiosas eram ornamentadas com elaborados retábulos em talha dourada. Entretanto, as modestas casas rurais começam a adquirir as primeiras camas e as primeiras cómodas, fazendo delas os móveis mais tradicionais dos Açores e as madeiras locais, como o cedro, continuam a predominar na produção de alfaias agrícolas e de equipamento, e ainda na produção de diversos utensílios, como é o caso das fechaduras de madeira que se tornaram típicas da ilha do Corvo.

O isolamento imposto pelo grande oceano a esta pequena ilha, a mais ocidental do arquipélago dos Açores, ajudou a moldar uma comunidade onde os antigos valores da fraternidade ainda persistem, mesmo com o avançar do tempo. Ainda hoje são raras as casas cujas portas estejam trancadas, demonstrando a extrema confiança existente entre os corvinos. Ironicamente é este o lar de uma das mais peculiares peças do artesanato açoriano, e que muito provavelmente constitui o último reduto de um tempo medieval em que as matérias-primas eram escassas, mas abundante era o engenho e a necessidade de preservar a propriedade, em tempo de assaltos de corsários e piratas.

Ainda é possível observar em algumas portas as típicas fechaduras e respetivas chaves em madeira, sobretudo nas casas de abrigo da faina agrícola, espalhadas pelos diversos terrenos cultiváveis da ilha.

O cedro é a madeira utilizada na confecção deste produto, o que se explica pela natureza endémica da espécie, mas também devido à sua resistência às intempéries. Na produção desta tipologia de artesanato, a reutilização de matérias-primas também é importante. Por vezes é utilizada madeira proveniente de antigas construções, que aparentemente não tem qualquer utilidade.



Estas fechaduras, antigamente usadas para trancar as portas das casas de habitação, das atafonas e de outros edifícios de apoio à atividade agrícola, transformaram-se, hoje em dia, num artesanato típico cada vez mais procurado pelos visitantes da ilha do Corvo. As fechaduras de madeira do Corvo são constituídas por três partes distintas: o Ferrolho, o Batente e a Chave. Os modelos são bastante variados na forma, mas o segredo é único: impedir que o dito ferrolho possa ser corrido sem prévio uso da chave própria.

A preservação desta arte é crucial para a identidade de uma comunidade por vezes escondida pelo imenso oceano, talvez por ser a mais ocidental.



Fechadura

Fabrico de Utensílios e Outros Objetos em Madeira

Faz a tua fechadura em forma de pássaro. Podes escolher o cagarro ou o garajau.

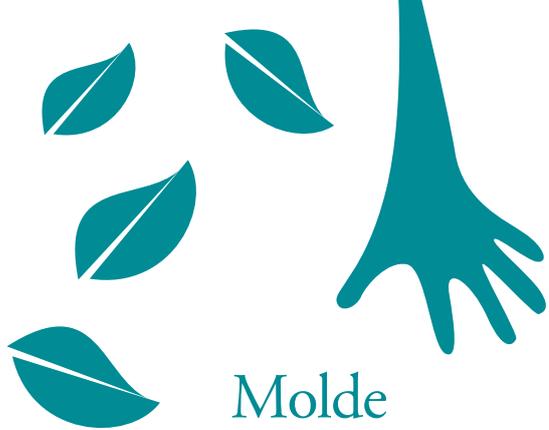
MATERIAL

- Contraplacado de madeira com 10 ou 15 mm de espessura;
- Serra;
- Um parafusos para madeira e duas anilhas;
- Chave de parafusos;
- Cola de madeira;
- Berbequim;
- Tintas e pincéis para decorar a gosto.

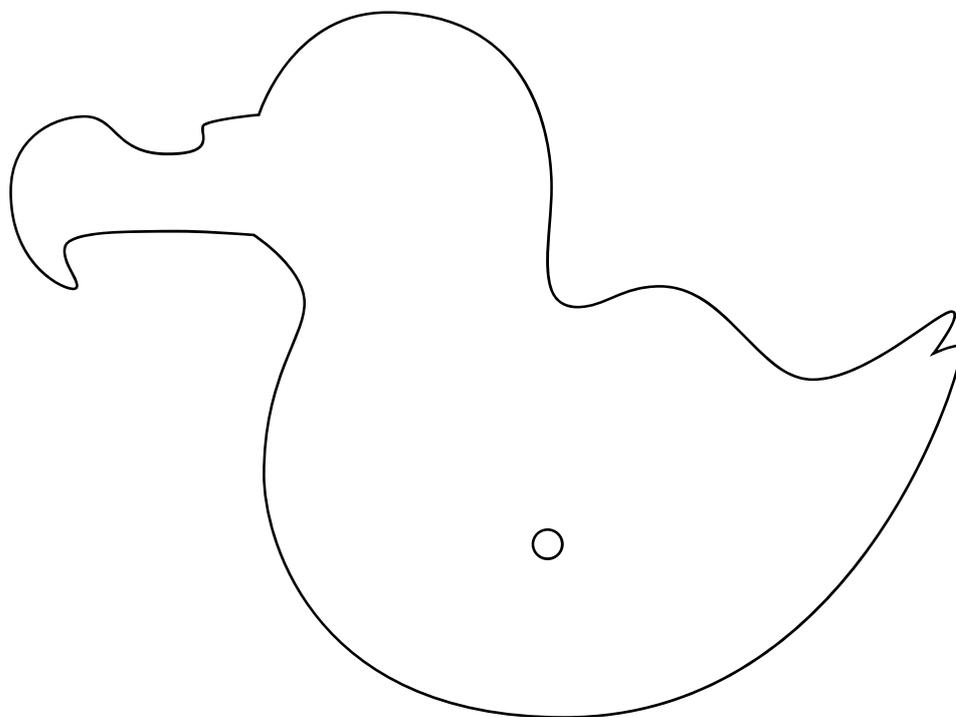
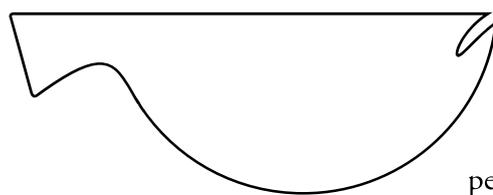
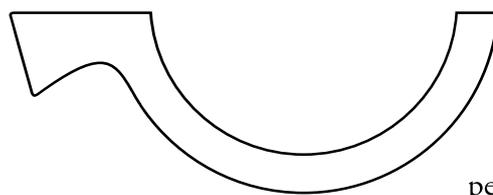
PASSO A PASSO

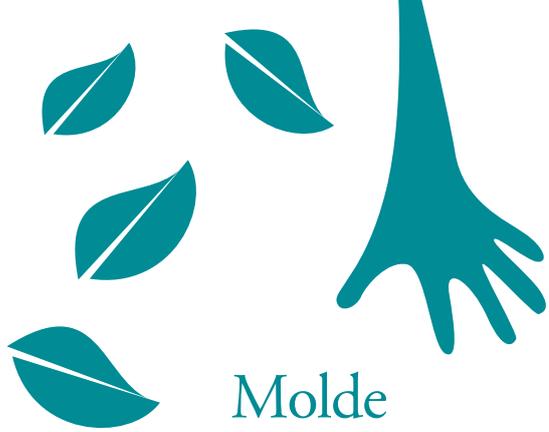
- Recorta os moldes em anexo e contorna-os na placa de contraplacado;
- Serra as peças;
- Cola a peça 1 à peça 2 e deixa secar bem;
- Pinta o peixe e o pássaro a teu gosto e deixa secar;
- Faz um furo no pássaro nos locais indicados;
- Aparafusa o pássaro ao local onde pretendes usar a fechadura.
- O peixe cola-se do outro lado.



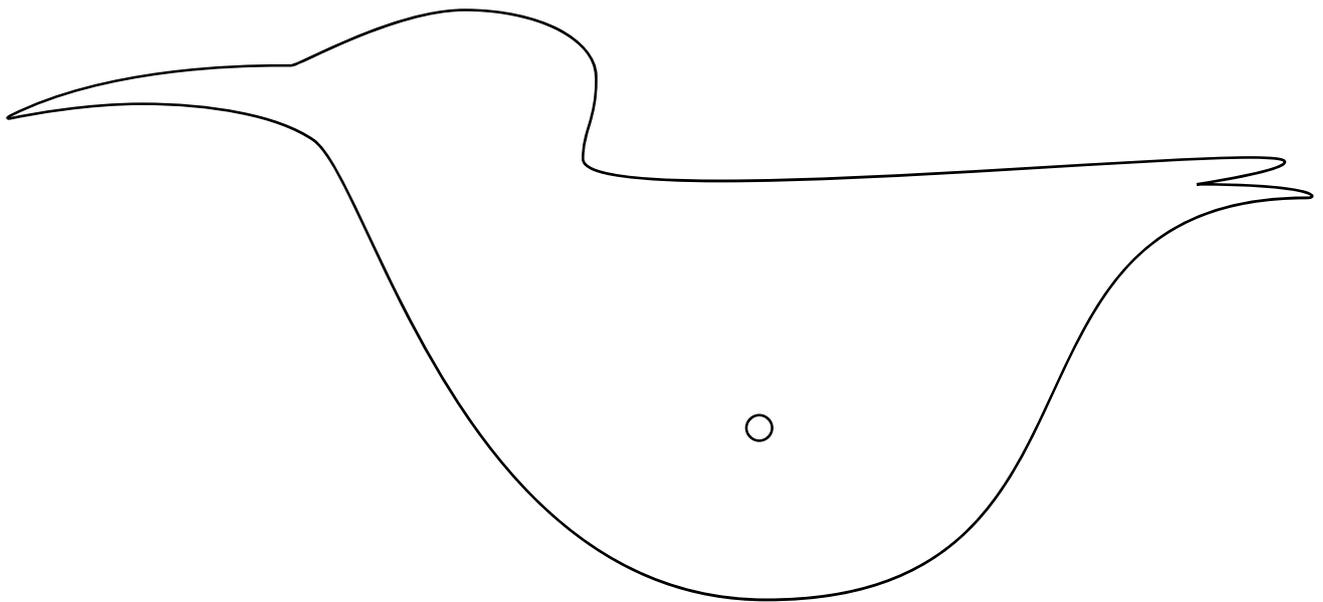
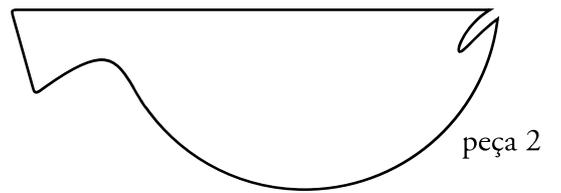
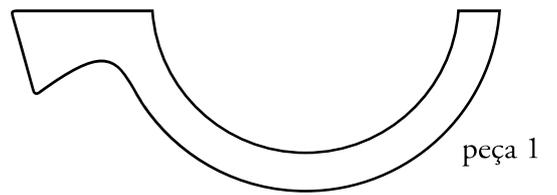


Cagarro





Garajau





Aprende

Talha

Arte de Entalhador

A talha assumiu um papel muito relevante enquanto expressão artística em Portugal, mas só adquiriu características próprias a partir do final do século XVI. Contudo, o seu esplendor dá-se no período barroco, entre a segunda metade do século XVII e século XVIII, sobretudo no reinado de D. João V, usando o ouro proveniente do Brasil.

A arte de entalhar a madeira foi, durante séculos, essencialmente uma arte de expressão religiosa, uma vez que as peças se destinavam às igrejas.

A talha açoriana, adaptada à arquitetura já existente, acompanhou a evolução que se verificou no resto do país. A classe de encomendadores poderia não ser tão cultivada e exigente, o isolamento insular e a imposição de gosto regional poderiam ter impedido a aceitação do estilo, mas no que diz respeito a esta manifestação artística, desenvolveu-se plenamente.

Aplicada nos retábulos de várias capelas e altares é, sobretudo, no altar-mor que as formas plásticas assumem uma maior sumptuosidade. Para além dos elementos próprios do estilo como as conchas, flores, anjos, folhas de acanto e outros motivos vegetalistas, destaca-se a originalidade dos artesãos açorianos na criação de figuras como camponeses e crianças no trabalho do campo, uns com cestos e outros com foices, sereias, pássaros, leões, golfinhos e animais diversos.

Salientam-se algumas igrejas que protagonizaram a estética barroca no arquipélago: Igreja das Manadas, em São Jorge, Igreja de São José e Igreja do Colégio, em Ponta Delgada e Igreja de Santo André, em Vila Franca do Campo, em São Miguel.

Não podemos esquecer que a obra de talha é um produto de uma coletividade, desde o risco à execução, porque o retábulo implica a intervenção de entalhadores, ensambladores e douradores.

Na vegetação endémica predominava o cedro, o sanguinho, o teixo, a faia e o pau branco. A estas madeiras, a partir do século XVI, juntaram-se outras exóticas que as caravelas e as naus traziam, como o



jacarandá e o pau santo do Brasil, o mogno da América Central, o ébano e a teca do Oriente e o pinho e o castanho do Norte da Europa.

Com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, e com o final do ciclo do ouro vindo do Brasil, a talha deixa de ter o seu grande mecenas, a Igreja, e entra em declínio. Deste modo, impõem-se novos desafios aos artesãos entalhadores, inaugurando-se uma época dedicada mais à conservação, ao restauro e ao mobiliário.



Faz

Visita Ativa à Talha Barroca

MATERIAL

– Máquina fotográfica.

A fotografia também faz parte do Repertório das Atividades Artesanais; como tal, a proposta pedagógica que te apresentamos é ligeiramente diferente das outras e para quem gosta de apreciar o património das nossas ilhas.

A talha, especialmente da época barroca, deixou vestígios em várias ilhas, dispersos pelos altares das igrejas, os que resistiram às catástrofes naturais, como os terremotos, tão frequentes no arquipélago dos Açores.

Ficam aqui 5 sugestões de visitas ativas, em diferentes ilhas, em que podes fazer o registo fotográfico dos elementos iconográficos da talha barroca açoriana.

Visitar a Igreja das Manadas, nas Velas, na ilha de São Jorge

A atual igreja foi erguida em 1770, sobre os restos de um antigo templo no local, também sob a invocação de Santa Bárbara e que remontava a 1485. Dele ainda existem vestígios que, atualmente, se resumem à sacristia.

A Igreja das Manadas é uma igreja que tem um vasto espólio patrimonial, do qual se destaca o teto da nave central que é totalmente feito em madeira de cedro-do-mato, as pinturas sobre madeira do teto da capela-mor, assim como os seus retábulos em talha dourada.

Outra peça de grande importância é a mesa feita com embutidos de madeira, datada de 1799, onde estão representados os símbolos do martírio de Santa Bárbara.

Visitar a Igreja do Colégio, em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel

A talha que vais encontrar nesta igreja é a mais representativa do barroco de estilo joanino nos Açores. A primitiva Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada, de invocação a Todos os Santos por ter sido lançada a primeira pedra em 1 de novembro de 1592, deu lugar a um monumento ímpar de criação barroca, com exuberantes elementos decorativos na sua fachada, de pedra vulcânica, na talha do retábulo do altar-mor e nos painéis de azulejos setecentistas. Atualmente a igreja é o Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado.

Visitar a Igreja Matriz da Horta, na ilha do Faial

A atual Igreja Matriz do Santíssimo Salvador pertenceu ao convento do Colégio dos Jesuítas da Horta. No contexto da expulsão dos Jesuítas de Portugal, em 1759, a igreja ainda não estava concluída, mas nela já encontravam, a talha dourada do altar-mor e a riquíssima capela da Senhora da Boa Morte. Atualmente, no convento estão sediados a Câmara Municipal da Horta e o Museu da Horta.

Visitar o Convento de São Gonçalo, em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira

Fundado em 1545, é o mais antigo mosteiro da cidade, o primeiro destinado a freiras, o maior conjunto conventual de Angra e um dos maiores dos Açores. No seu interior destaca-se o cadeiral do coro alto com figuras fantásticas, o conjunto de painéis de azulejo português do século XVIII, o Cristo crucificado em cruz de prata do século XVII, e o rico revestimento em talha e teto pintado típico do barroco rococó.

Visitar a Igreja de São Francisco, em Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel

O Convento de São Francisco, que atualmente é uma unidade hoteleira, foi construído no século XVI e tem na sua igreja, de invocação a Nossa Senhora do Rosário, um dos retábulos com a talha dourada mais original do arquipélago. Apesar do vandalismo de que foi alvo e das catástrofes naturais, ainda é possível apreciar as figuras antropomórficas na base do retábulo, camponeses, mulheres, crianças no trabalho do campo nas colunas, pássaros e outros animais.

Até 1832, ano em que as Ordens Religiosas foram extintas, este espaço franciscano exerceu uma notável ação educativa junto da população local, atraindo também estudantes da ilha de Santa Maria.



Talha Barroca



Igreja do Colégio dos Jesuítas
Ponta Delgada



Igreja do Colégio dos Jesuítas
Ponta Delgada



Puxador de Gaveta
Coleção do C.R.A.A.



Talha Barroca



Igreja do Convento de São Francisco
Vila Franca do Campo



Igreja do Convento de Santo André
Vila Franca do Campo



Igreja de São José
Ponta Delgada



Igreja do Convento de Santo André
Vila Franca do Campo



Anexo

Madeiras endógenas usadas no Artesanato Açoriano



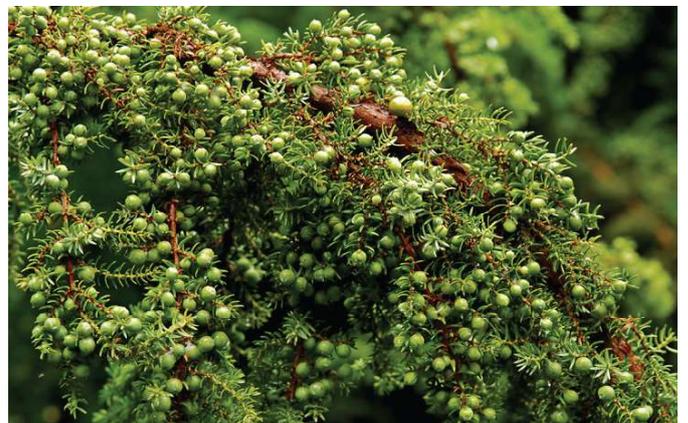
Urze



Sanguinho



Vinhático



Cedro-do-Mato



Ginjeira Brava

A close-up photograph of intricate wrought-iron scrollwork, likely part of a door or gate. The metal is dark and shows signs of use, with some rust and texture visible. The design features complex, symmetrical patterns of loops and scrolls. A semi-transparent dark blue horizontal band is overlaid across the center of the image, containing white text.

Artes e Ofícios de Trabalhar o Metal



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar o Metal

APRENDE FAZ

Artes e Ofícios **Palmatória**
de Trabalhar o Metal

Terço de Semente **Dezena de Sementes de Sabugueiro**
de Sabugueiro



Artes e Ofícios de Trabalhar o Metal

Das artes do ferro, o ofício de ferreiro é o mais tradicional no arquipélago. Os artefactos que se produziam em ferro estavam geralmente ligados à vida rural, mas também havia outras peças para uso no mobiliário e utensílios domésticos. É no século XVIII que surgem as peças de destaque da serralharia artística açoriana e que passam a embelezar as edificações locais, como as grades, os portões e as varandas com motivos geométricos e vegetalistas.

Na produção artesanal tradicional, noutros tempos que não conheciam a eletricidade e o plástico, a funilaria portuguesa privilegiava as peças utilitárias como as candeias e as lamparinas para alumiar, almotolias para o azeite, funis para enchidos, enfusas para o vinho ou para o leite, baldes e regadores.

As peças, outrora integradas nos costumes e tarefas diárias, têm agora um cariz eminentemente decorativo.

As matérias-primas do latoeiro eram várias e iam da lata ao estanho, do aço à Folha de Flandres. O trabalho exigia moldá-las com ferramentas tradicionais e envolvia habitualmente muitas horas de labuta, desde passar um molde para a chapa, cortar, enrolar, fazer encaixes, enrolar, cravar, soldar, fazer asas e acabamentos.

Nos Açores, para se iluminarem, os habitantes das ilhas, além de usarem as achas de madeira, também usavam as velas de sebo e de cera e os óleos nas candeias. A partir da segunda metade do século XX, a iluminação passou a ser feita com o uso do petróleo importado, recorrendo a candeeiros de folha de flandres produzidos e comercializados nos principais centros urbanos insulares.



A latoaria também está ligada aos brinquedos. A partir de 1930, o fabrico de vários brinquedos fazia-se, sobretudo, no norte do país. Na época pós-guerra, a indústria portuguesa de brinquedos caracterizou-se pela introdução da Folha de Flandres a partir da reutilização das latas de azeite, de sardinhas e de outras conservas alimentares o que se manteve até aos anos 60, década em que o plástico foi introduzido em Portugal.

Atualmente existem, na ilha Terceira e em São Miguel, dois latoeiros que continuam a desafiar os tempos modernos. Do que antes eram utensílios do dia a dia, fazem agora peças decorativas em Folha de Flandres.



Faz

Palmatória

Latoaria

Palmatória é um termo antigo e desusado para designar uma candeia ou um porta-velas. Nesta proposta, faz uma em Folha de Flandres, usando as tradicionais técnicas de latoaria.

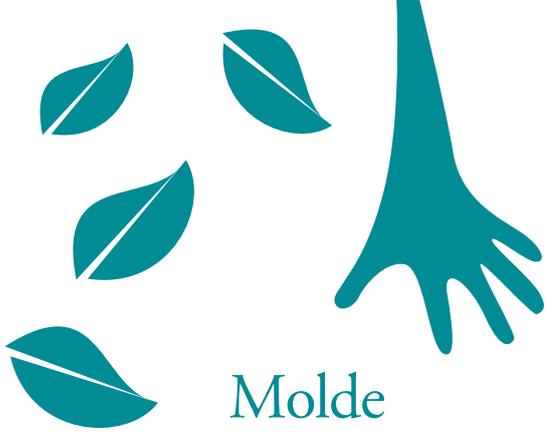
MATERIAL

- Folha de Flandres;
- Caneta de feltro;
- Régua;
- 1 rebite;
- Rebitador
- Martelo de borracha;
- Berbequim;
- Bigorna ou torno de metal;
- Tesoura de corte de metal.

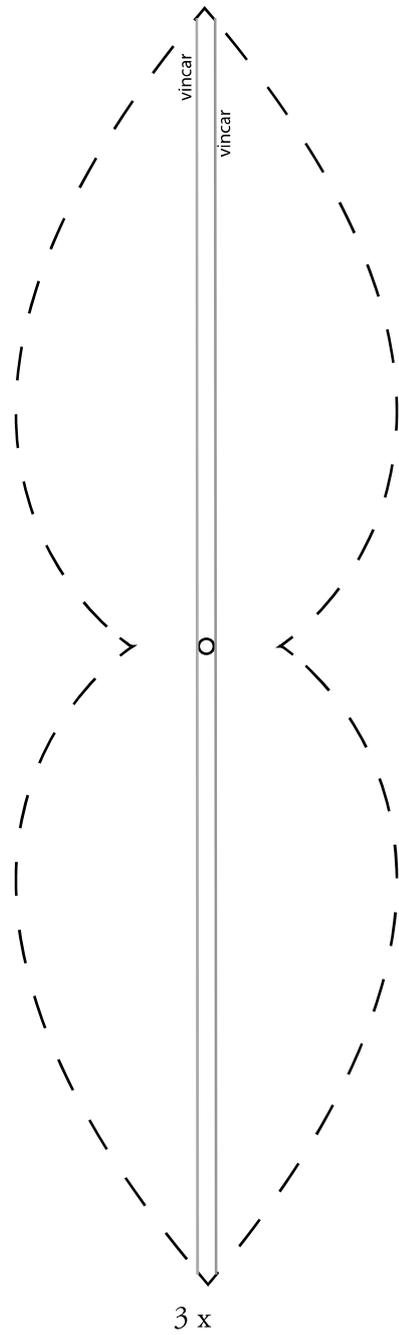
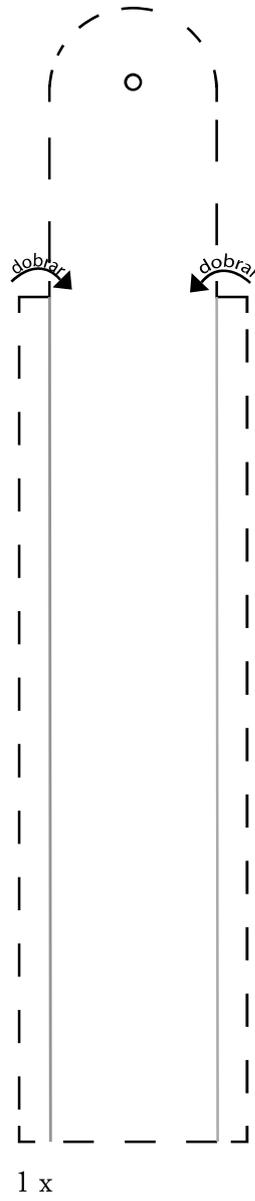
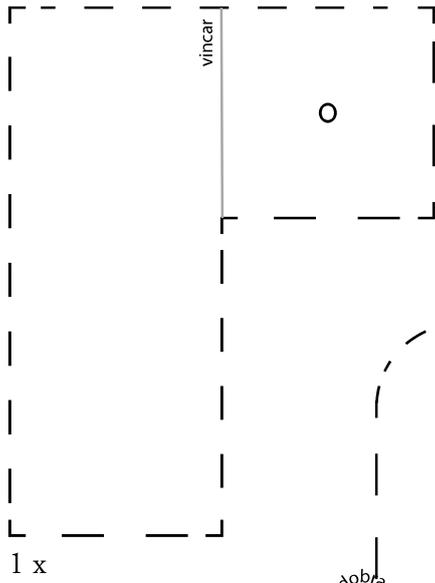
PASSO A PASSO

- Começa por desenhar os moldes com a caneta de feltro na Folha de Flandres e divide ao meio com a régua os moldes em forma de folha;
- Corta com a tesoura de metal as peças e faz os furos marcados nos moldes, com o berbequim;
- De seguida, na bigorna com o auxílio do martelo vais moldar ou quinar as peças das folhas, enrolar o suporte da vela e dobrar as pontas da pega da palmatória, caso não tenhas bigorna, podes utilizar um torno de metal;
- Agora tens tudo pronto para montar e colocar o rebite ao centro, unir todas as peças e fica pronto para colocares a vela.





Molde





Aprende

Terço de Sementes de Sabugueiro

Arte de Trabalhar Arame

Para além das fibras vegetais extraídas das cascas e das folhas de certas plantas, da medula dos ramos e troncos que se transforma em autêntica matéria plástica, as bagas e sementes são igualmente transformadas pela criatividade artesanal.

Aqui, a criação mais representativa está ligada à tradição religiosa micaelense das Romarias Quaresmais que tiveram início no século XVI, após a erupção vulcânica que devastou a principal povoação – Vila Franca do Campo – deixando soterrada grande parte dos seus habitantes.

Desde então, e durante as sete semanas da Quaresma (semanas compreendidas entre as Cinzas e a Páscoa), grupos compostos unicamente por homens em promessa ou simplesmente em meditação, os chamados “irmãos”, de todas as idades, percorrem a pé a Ilha, chefiados por um “mestre”, rezando o terço pelo caminho de forma contínua e entoando cânticos religiosos na estrada e ao entrarem nas igrejas, regressando à povoação de origem oito dias depois. Para a sua jornada, trajam uma indumentária tradicional: xaile, lenço, sacola para alimentos, bordão e terço.

Os “Terços de Romeiro”, obra singela feita com sementes naturais, tornou-se símbolo dessa tradição religiosa local. Para a confeção desta peça artesanal há que selecionar as sementes ou bagas, também conhecidas por Milho de Sabugueiro, originário do Brasil, e moldar o arame com o auxílio de alicates de corte e de pontas, de forma a separar as 59 contas – “as Lágrimas de Maria” – que, por dádiva da natureza, já nascem vidradas e furadas.

Assim, pela facilidade de utilização e pela forte identidade cultural que transportam, tem sido explorado o potencial destas bagas em outras aplicações, como, por exemplo, na bijuteria.





Dezena de Sementes de Sabugueiro

Arte de Trabalhar Arame

Faz uma dezena com sementes de milho de Sabugueiro.

MATERIAL

- 11 Sementes de milho de Sabugueiro;
- Pinça;
- 30 cm de fio encerado fino ou fio de nylon;
- Missangas (facultativo);
- Tesoura.

PASSO A PASSO

- Selecciona 11 sementes e limpa o seu interior, com a ajuda de uma pinça;
- Enfia o fio numa semente e junto dela dá 3 nós (uns em cima dos outros) antes e 3 nós depois (em alternativa aos nós, coloca uma missanga);
- Coloca mais uma semente no fio e torna a dar 3 nós (ou a colocar uma missanga a separar as sementes);
- Repete o processo com mais 8 sementes. Ficaste com 10 sementes no fio separadas por nós ou por missangas;
- Em seguida, junta as duas pontas do fio, dá 3 nós e enfia a última semente; termina com mais 3 nós (lembra-te que podes substituir os nós pelas missangas);
- Prende um crucifixo ou uma medalha da tua preferência, enfiando os dois fios pela frente do furo ou argola;
- Abre o par de fios e enfia pelo meio, de trás para a frente, as pontas dos fios;
- Com as pontas dá dois nós bem apertados atrás e corta o que resta.

OUTRA SUGESTÃO

Também podes fazer as contas em massa de moldar.





Artes e Ofícios de Trabalhar a Pedra



Fichas

Artes e Ofícios de Trabalhar a Pedra

APRENDE FAZ

Trabalho em Basalto Anel em Pedra-Pomes
Porta-Velas em Pedra-Pomes



Aprende



Trabalho em Basalto

Escultura em Pedra/Cantaria

O ofício de mestre canteiro está ligado às primeiras construções do século XVI que se edificaram nos Açores, não sem a ajuda de “mestres lavrantes” do Continente, dado que a prática dos canteiros açorianos apenas lhes ensinara a fazer edifícios modestos e sem pretensões artísticas. Nas habitações e edifícios públicos, a face externa das pedras era apenas endireitada com o malho. Somente nas casas mais ricas, nas igrejas e nos conventos, as cantarias eram aparelhadas de escopro (pedras lavradas).

A nossa pedra vulcânica foi determinante na definição de um conceito de arquitetura regional. Se, por um lado, há que ter em conta a falta de aperfeiçoamento técnico dos mestres locais, por outro, a pedra escura, arestosa e estaladiça do basalto nunca poderia proporcionar a plasticidade, o detalhe ornamental nem o aspeto de filigrana que caracteriza muitas construções históricas no Continente, feitas com mármore ou granito.

A transição para o século XVII foi marcada pela influência dos Jesuítas que ao nível da arquitetura fizeram uma adaptação do estilo Barroco, fazendo-o prevalecer nos Açores até ao século XVIII, pela melhor facilidade técnica e por se adaptar bem ao material da Região. A partir daqui já é possível destacar alguns elementos típicos da cantaria açoriana, sobretudo nos edifícios urbanos, solares e igrejas: o óculo de escada, descrevendo cruzes, quadrifólios e uma série de combinações geométricas recortadas no basalto; a pirâmide quadrangular jesuítica; volutas, conchas de diversas estilizações, relevos em S; portentosas balaustradas.

Nos largos e praças públicas, nos jardins e quintas, a arte de canteiro continua a ser imprescindível na ornamentação de tanques, bancos, nichos e fontenários, valorizando o contraste da pedra escura sobre o branco da cal. Hoje, a imperiosa necessidade de preservar e restaurar o património edificado nos Açores é responsável pela recuperação e valorização do ofício de canteiro.



Utilizando a mesma matéria-prima – o basalto – sublinhando a sua origem vulcânica e a sua marca na arquitetura regional, o artesanato contemporâneo tem apresentado propostas criativas ao nível da bijuteria e até da ourivesaria, transformando estas “pedras de lava” em “pedras preciosas” ou mesmo em “ouro negro”. Numa vertente mais popular e acessível ao mercado turístico, as contas ou pedrinhas de basalto, conjugadas com os mais diversos materiais, são utilizadas em colares, brincos, anéis e alfinetes de peito; mas mais valorizadas ainda ficam, quando associadas a materiais verdadeiramente nobres ou preciosos, como o ouro e até diamantes e, portanto, destinadas a um público mais seletivo.



Anel em Pedra-Pomes

Escultura em Pedra/Cantaria

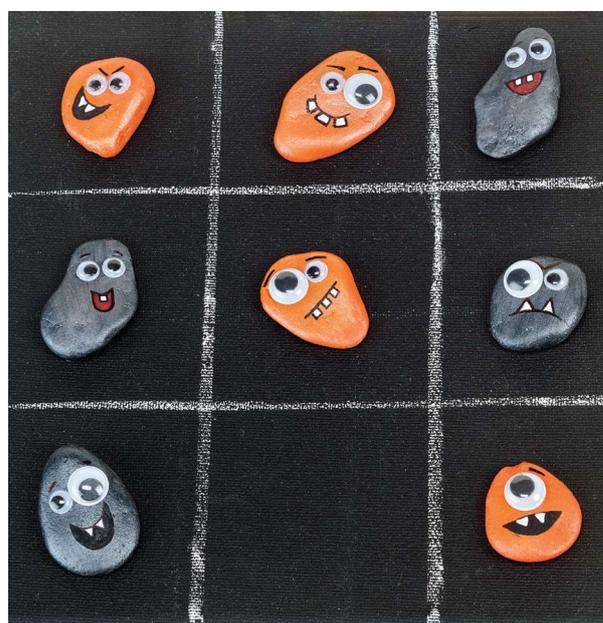
Cria anéis utilizando basalto e/ou pedra-pomes.

MATERIAL

- Pequenas pedras de basalto ou de pedra-pomes com o formato que preferires;
- Tinta acrílica ou em spray da cor da tua preferência (facultativo);
- Um fio de arame fino de 5 a 6 mm;
- Super cola ou cola específica para bijuteria;
- Uma base de anel;
- Missangas, flores ou outros adereços (facultativo).

PASSO A PASSO

- Se pretenderes colorir a pedra, pinta-a com tinta spray ou acrílica; deixa secar;
- Com o arame fino vai dando voltas sobre a pedra de modo aleatório;
- Se pretenderes colocar flores ou missangas, enfia no fio de arame e prende bem;
- Com a cola aplica a pedra decorada no centro da base para anéis; podes também unir a pedra à base do anel, dando várias voltas com o arame.



OUTRA SUGESTÃO

Pinta e decora, do modo como preferires, dois conjuntos diferentes de quatro pedras roladas e forma um jogo do galo. A base pode ser de madeira, ardósia ou tela.



Porta-Velas em Pedra-Pomes

Escultura em Pedra/Cantaria

Faz um Porta-Velas com uma pedra-pomes que podes encontrar na praia e coloca uma vela flutuante de cor a teu gosto.

MATERIAL

- Pedra-pomes;
- Goiva para linóleo ou x-ato;
- Vela flutuante;
- Lápis.

PASSO A PASSO

- Escolhe uma posição estável da pedra para o Porta-Velas, de forma a que a vela não fique inclinada, nem escorra a cera;
- Com o lápis, desenha na pedra o sítio onde vais querer fazer o buraco para colocar a vela;
- Depois, é só ires desbastando a pedra com a goiva ou o x-ato até teres a profundidade suficiente para encaixar a vela.





**Artes e Ofícios
Ligados ao Papel e
Artes Gráficas**



Fichas

Artes e Ofícios ligados ao Papel e às Artes Gráficas

APRENDE FAZ

Recorte de Papel	Festão de Bailarinas
	Mosqueiro
Fabrico de Papel	Papel Reciclado
	Taça / Candeeiro
Artes Gráficas	Visita Ativa Tipografias Artesanais
	Encadernação Manual



Aprende

Recorte de Papel

Arte de Trabalhar Papel

Entre os muitos saberes e técnicas que transpuseram os muros dos claustros, conta-se a arte do papel recortado, ligada à doçaria conventual que, no século XVIII, terá sido trazida de Lisboa por religiosos que se instalaram na Ribeira Grande, em São Miguel. Nessa época, era apanágio das freiras a arte de confeccionar pequenos doces com a mesma minúcia com que os apresentavam nas refeições para delícia dos convidados, os ofereciam a algum benemérito ou os vendiam como fonte de rendimento complementar.

O papel de seda, habilmente recortado, ornamentava as toalhas de mesa bordadas, os pratos de porcelana da Índia e os próprios doces em embalagens inéditas sob a forma de finos guardanapos, flores, plumas e cartuchos feitos de compactos rendilhados, semelhantes a filigrana, de motivos rústicos e vegetais sobre um segundo invólucro de cor vermelha, azul, verde ou amarela, como os saquinhos em forma de coração tradicionalmente cheios de confeitos miúdos. Esta aplicação decorativa do papel recortado na culinária transformou-se emblematicamente em decoração das festas religiosas e populares, principalmente pelos Santos Populares e Espírito Santo, ornamentando as casas, as ruas, os animais, especialmente os carros de bois, e as oferendas.

O tempo encarregou-se de preservar estas duas versões: uma ligada à culinária, com fins decorativos e nítida preocupação estética, que faz do papel de seda branco uma autêntica renda que fragilmente se arma e toma a forma de diversos artefactos miniaturizados, e outra bem ao gosto do povo açoriano, alegre e festiva, em que o mesmo papel, desta vez colorido (amarelo, vermelho, azul, verde e cor-de-rosa), se transforma em elaborados arranjos florais e festões farfalhudos. Uma terceira versão que hoje caiu em desuso prende-se com a singeleza da decoração das casas rurais, onde o papel recortado, em franjas ou outros desenhos, ornamentava



as prateleiras ou, na forma de mosqueiros cónicos e composições diversas, ornamentava o teto.

Tecnicamente simples, mas artisticamente complicada, a arte de recortar o papel exige do artesão a habilidade e a precisão de, com a ponta de uma pequena tesoura e com uma visão parcial do conjunto, fazer nascer um desenho composto por vários motivos geométricos, abstratos ou figurativos, dispostos de forma simétrica, tal como o determina a dobragem do papel.

As flores populares, feitas de papel colorido e conhecidas por “flores de freira”, acusando a sua origem conventual, eram grandes flores de pétalas miúdas enoveladas e encrespadas, amarelas, vermelhas e brancas. Feitas normalmente pelas próprias camponesas, eram o adorno tradicional das cómodas da casa rústica, junto do Registo do Senhor Santo Cristo e do Espírito Santo.



Festão de Bailarinas

Arte de Trabalhar Papel

Com a técnica de recorte de papel, cria um festão de bailarinas.

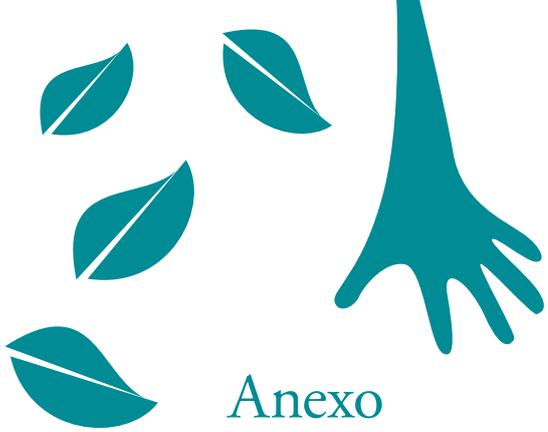
MATERIAL

- Papel de seda nas cores que preferires;
- Papel crepe nas cores que preferires;
- Cartolina da cor da pele;
- Tesoura;
- Cola;
- Fio ou fita;
- Molde de bailarina (modelo em anexo).

PASSO A PASSO

- Imprime na cartolina o molde de bailarina, dobra-o e recorta-o como indicado em anexo;
- Dobra uma folha de papel de seda, seguindo as instruções que se seguem:
- Recorta um quadrado de uma folha A4;
- Dobra o quadrado ao meio, de modo a que ele fique triangular;
- Dobra o triângulo e depois dobra-o novamente;
- Recorta a pontinha desse triângulo, deixando-o como uma fatia de pizza;
- Recorta essa fatia, seguindo as instruções da imagem em anexo, ou cria os teus próprios recortes;
- Repete a dobragem e o recorte anterior numa folha de papel crepe;
- Abre os papéis recortados e terás duas saias para a bailarina;
- Aplica a saia de crepe sobre o corpo de cartolina usando um pouco de cola e por cima a saia de papel de seda;
- Podes, ainda, fazer pequenas flores para aplicar no cabelo ou na cintura da bailarina;
- Repete o processo para fazer o número de bailarinas que desejares;
- Para concluíres, passa uma fita por dentro dos braços das bailarinas, compondo um festão.

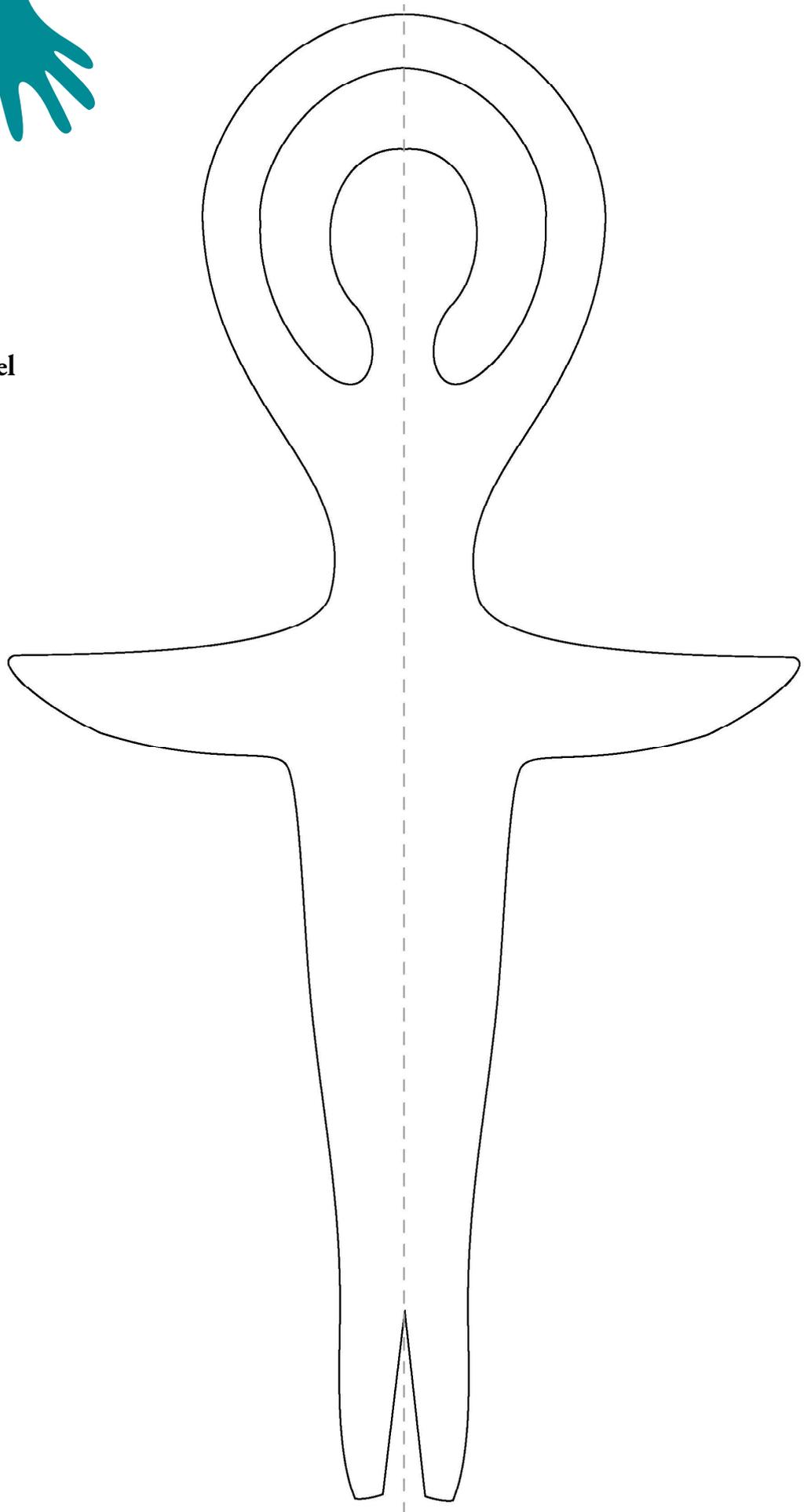


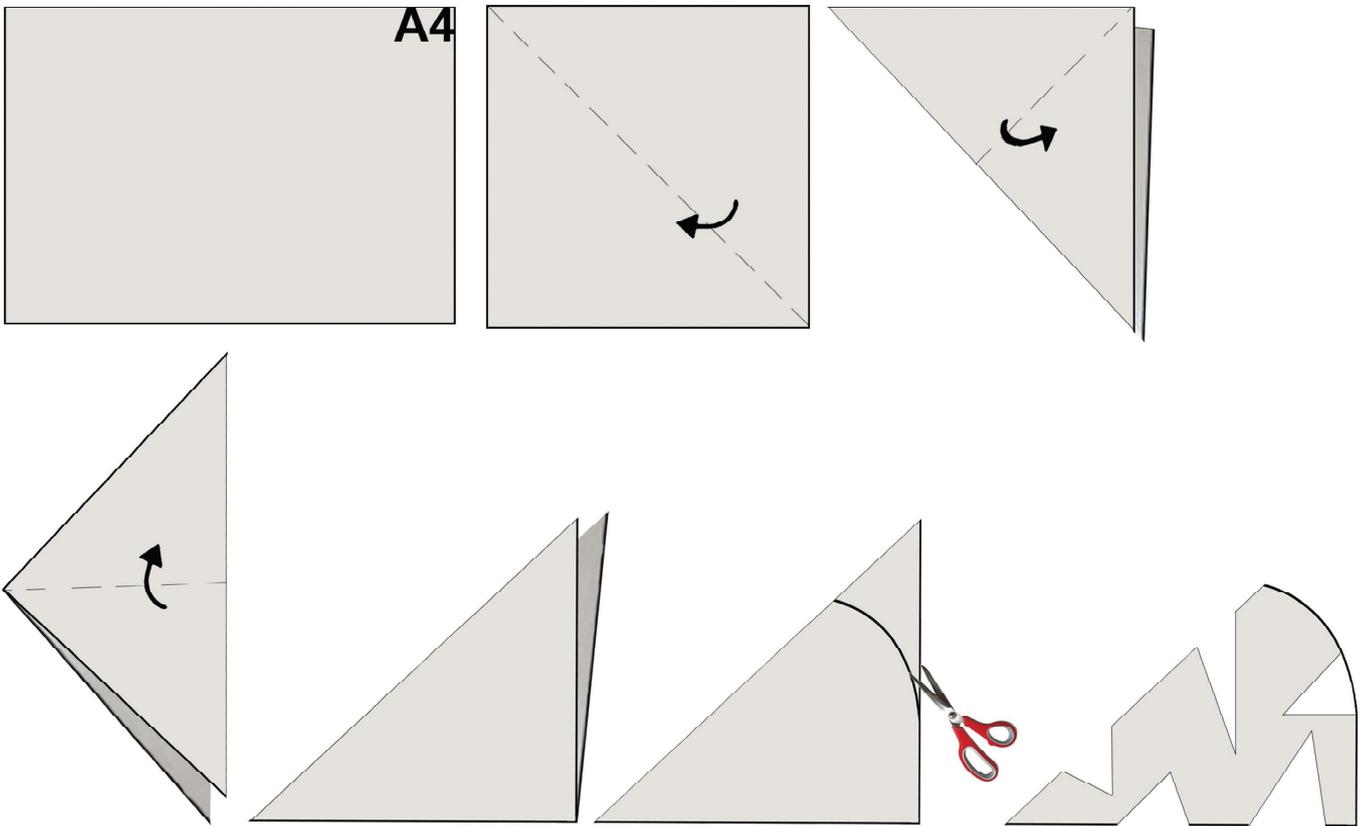
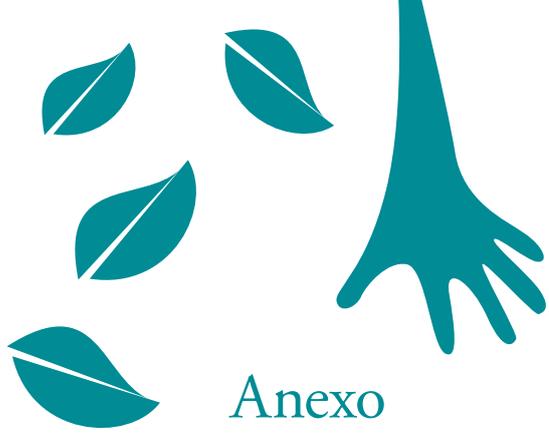


Anexo

Bailarina

Arte de Trabalhar Papel







Mosqueiro

Arte de Trabalhar Papel

Faz um mosqueiro para afastar as moscas dos teus pratos favoritos quando fizeres piqueniques.

MATERIAL

- Papel de seda de várias cores;
- Fio;
- Cartão;
- Tesoura;
- Fio.

PASSO A PASSO

- Começa por dobrar as folhas de papel de seda ao meio; a seguir, novamente ao meio, formado um triângulo;
- Os cortes no papel são feitos de forma desencontrada em ambas as arestas do triângulo, como se vê na figura;
- No final, podes recortar os rebordos com ziguezagues, ou outros desenhos da tua imaginação;
- Coloca um pequeno pedaço de cartão em forma de círculo por dentro, para dar forma ao mosqueiro;
- Faz dois furos nesse cartão e passa por eles o fio com que vais suspender o mosqueiro no teto, ou numa árvore.





Aprende

Fabrico de Papel

Arte de Trabalhar Papel

A palavra papel vem do latim *papyrus*, planta aquática que cresce com abundância nas margens do rio Nilo, no Egito, da qual se extraíam fibras para a fabricação de cordas, barcos e folhas feitas de papiro para a escrita, estas últimas inventadas pelos egípcios cerca de 3000 a.C.

Terá sido no ano 105 d.C., na China, que um alto funcionário da corte imperial fez uma mistura umedecida composta essencialmente de casca de amoreira e fibra de bambu, entre outros produtos fonte de fibras vegetais. Bateu a massa até formar uma pasta, peneirou-a e obteve uma fina camada que foi deixada secar ao sol e que depois de seca deu origem ao papel.

As técnicas de fabrico de papel foram aperfeiçoadas pelos chineses e estenderam-se, depois, à Coreia, tendo chegado ao Japão no ano 610 d.C.. Depois de se espalharem pela Ásia Central, pelo Tibete e pela Índia, chegaram ao povo árabe, aquando da sua expansão para o Oriente. Foram instaladas fábricas de papel em Bagdad, Damasco, Cairo e, depois, em Marrocos, sendo utilizadas matérias-primas como o cânhamo, o linho e o algodão.

A primeira referência a moinhos de papel no continente europeu ocorre na Península Ibérica, na Andaluzia, no século XII, ainda sob o domínio muçulmano. A partir do século XIII, em Itália, o papel tornou-se num produto de alta qualidade, utilizando-se no seu fabrico técnicas de produção cada vez mais aperfeiçoadas e processos cada vez mais inovadores, e ao longo do século XIV verifica-se uma expansão do fabrico de papel por toda a Europa.

Em Portugal, os primórdios do fabrico do papel datam do início do século XV, existindo documentos que testemunham a prática desta atividade na região de Leiria, onde terá sido instalado um engenho de papel junto ao rio Lis. No século XVI há notícia da possível instalação de mais dois engenhos, um em Fervença e um em Alenquer, e do século XVII existem duas referências



documentais: uma petição para produzir papel em Lisboa e um alvará de privilégio para iniciar a produção de papel em Tomar. Data também do século XVII a construção de um engenho de papel em Vila Viçosa.

No século XV, a invenção de Gutenberg dos caracteres móveis que marcavam as folhas de papel – imprensa – e a facilidade de reprodução de textos tornou os livros acessíveis ao grande público, o que resultou na necessidade de produção de maiores quantidades de papel. Este incremento no fabrico de papel a partir do século XVI criou um grave problema de escassez de matéria prima, o que levou à regulamentação do comércio do trapo. Só em meados do século XIX, com a invenção da pasta mecânica de madeira e da pasta química, foi resolvida esta situação.

Até ao final do século XVIII, a fabricação do papel foi uma arte essencialmente artesanal, seguindo a técnica criada na China, altura em que em França foi inventada por Nicholas-Louis Robert a primeira máquina para fazer papel.

Nos Açores, na ilha de São Miguel, inaugurou e iniciou funcionamento a 9 de Novembro de 1958 uma fábrica de transformação do papel, propriedade da Sociedade Produtos Açorianos de Papel, Lda. Ocupava mais ou menos a mesma área que as atuais instalações do A.C. Cymbron, no Parque Diniz da Mota, freguesia de Santa Clara. Era, na realidade, uma unidade de reciclagem de papel, uma vez que a sua matéria-prima principal era papel usado. Os produtos acabados incluíam um tipo de papel de embrulho tosco e uns pacotes do mesmo papel, cor de barro, que serviam para embalar quase tudo o que se vendia a granel, em quase todas as mercearias da ilha. Em finais dos anos 80 a fábrica encerrou.



Papel Reciclado

Arte de Trabalhar Papel

Com papel e cartão usado faz papel novo.

MATERIAL:

- Papel ou cartão reutilizado;
- Cola branca de madeira;
- Trituradora;
- Balde;
- Água;
- Rede tipo mosquiteira;
- Panos.

PASSO A PASSO:

- Começa por rasgar o papel e o cartão em pedaços o mais pequenos possível;
- Coloca-o de molho de um dia para o outro, dentro de um balde coberto com água;
- No dia seguinte, escorre o excesso de água;
- Junta cerca de 125 grs de cola branca por cada meio balde de papel demolido;
- Com a trituradora, rala esta mistura até ficar bem misturada;
- Sobre a rede, estica esta pasta, retirando o excesso de água com o pano; quanto mais pasta utilizares, mais o papel se parecerá com cartão e mais grosso ficará;
- Coloca à sombra a secar, em local seco e arejado.



Taça / Candeeiro

Arte de Trabalhar Papel

Com o papel das caixas de ovos que normalmente vão para o lixo podes fazer um candeeiro ou uma taça.

MATERIAL

- 2 tigelas de plástico;
- Caixas de ovos;
- Água;
- Cola de madeira ou branca;
- Varinha mágica;
- Tesoura;
- Papel de seda colorido;
- Casquilho com cabo para candeeiro.

PASSO A PASSO

- Corta, com a tesoura, as caixas de ovos em pedaços pequenos para uma das tigelas de plástico;
- Em seguida, deita por cima água bem quente, para amolecer o papel;
- Quando o papel estiver desfeito, espreme muito bem, para lhe retirar o excesso de água;
- Com a varinha mágica, tritura o papel até ficar bem moído;
- Adiciona um bocadinho de cola de madeira (ou branca) e amassa bem o papel com a cola;
- Dentro de outra tigela à tua escolha, pressionas a pasta com os dedos até formar uma camada fina e homogénea com a forma do recipiente;
- Deixas secar muito bem durante dois dias, antes de retirar da tigela;
- Para finalizar podes decorar o interior ou o exterior com papel de seda e cola de madeira, e aplicar um casquilho com cabo para candeeiro.





Aprende

Tipografia

A palavra tipografia é formada a partir dos elementos da língua grega τύπος [týpos], que significa “marca impressa”, e -γραφία [-graphía], “escrita”. A tipografia clássica baseia-se em pequenos paralelepípedos de metal com relevos de letras e símbolos — os tipos móveis.

Em meados do século XV, o alemão Johannes Gutenberg desenvolveu tipos móveis em metal e aperfeiçoou a prensa tipográfica. O conceito básico de Gutenberg foi o da reutilização dos tipos para compor diferentes textos. Mostrou-se eficaz e constituiu a base da imprensa durante muitos séculos, tendo-se mantido até aos nossos dias

Em Portugal a tipografia foi introduzida pelos Judeus 3 a 4 décadas mais tarde, impulsionada pelas encomendas do clero e da alta nobreza. Em 1768, com a criação da Impressão Régia, também chamada Régia Oficina Tipográfica e, a partir de 1833, Imprensa Nacional, o número de tipografias nunca foi muito expressivo. Em 1821 existiam 12 oficinas em Lisboa e 4 no resto do país. Só com a industrialização da produção houve um aumento exponencial das oficinas, que em 1863 já eram 43 em Lisboa e 113 no resto do território e ilhas.

Nos Açores, a 14 de fevereiro de 1829, aportou em Angra a galera americana James-Cropper, vinda de Plymouth. Trazia materiais adquiridos num leilão em Inglaterra necessários para a montagem da primeira tipografia nas ilhas, por ordem do Marquês de Palmela, para uso da Junta Provisória, em nome da rainha D. Maria II.

A evolução da tipografia foi implacável e o processo de impressão offset, que se generalizou a partir da segunda metade do século XX, mais rápido e eficiente, impôs-se, pelo que atualmente são poucas as oficinas tipográficas que ainda têm como base da sua produção a tipografia de caracteres móveis e que tentam resistir fazendo blocos de faturas, cartões de visita, calendários e outros pequenos trabalhos.



Nos últimos anos tem-se assistido ao despertar do interesse pela tipografia de caracteres móveis junto de um público que já não a conheceu enquanto técnica hegemónica da impressão comercial. Inviável atualmente para uma produção em grande escala, a técnica tem vindo a renascer ao ser adotada por um número crescente de autores e editores. Recuperando e utilizando antigas máquinas e tipos de letra, ou trabalhando com as poucas oficinas tipográficas que ainda subsistem, tem sido muito e estimulante o trabalho surgido nos últimos anos entre nós.



Faz

Visita Ativa às Tipografias Micaelenses

O que te propomos é fazeres um roteiro no qual irás percorrer alguns dos locais de referência da atividade tipográfica da ilha de São Miguel, desde aquele onde a tipografia tradicional ainda é corretamente utilizada, até aos de cariz museológico onde o material tipográfico é preservado e apresentado ao público. Em quase todos eles podes aprender e ver as máquinas em funcionamento e os mestres tipógrafos a trabalhar.

Gráfica do Norte

Em 1999, a Gráfica do Norte inicia atividade na cidade de Ribeira Grande. Começou por funcionar apenas com tipografia de caracteres móveis, equipada com três minervas e operada por dois mestres tipógrafos, Edmundo Lopes e Luis Rates. O último tinha sido aprendiz na tipografia da Papelaria Neves. Edmundo Lopes, o proprietário, foi aprendiz na tipografia da Instituição «Lar para Jovens» com o mestre Eugénio. Começou com apenas 9 anos a limpar linhas. Tem cinco cavaletes, que somam cerca de 86 famílias tipográficas. Em 2005, Edmundo adquire uma máquina digital RISO HC 5500 e desde então trabalham sobretudo com máquinas digitais, embora ainda façam pequenos trabalhos em tipografia de caracteres móveis.

Empresa Gráfica dos Açores (EGA)

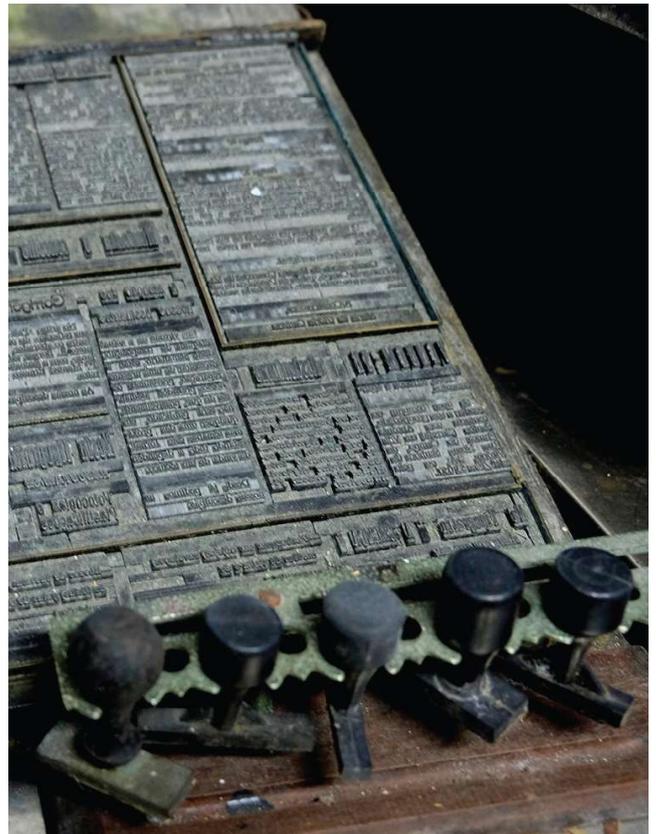
A EGA, apesar de nunca ter trabalhado com tipografia por ser uma gráfica recente, adquiriu e restaurou parte do espólio da tipografia da Fábrica de Tabaco Micaelense, tipografia essa que servia para imprimir os seus próprios rótulos e embalagens. Assim, a EGA tem em exposição material tipográfico de interesse que pode ser apreciado tanto por clientes, como por visitantes.

Tipografia Micaelense

Talvez a oficina com o maior espólio em funcionamento da ilha de São Miguel, a Micaelense está aberta desde 1957. Os proprietários atuais, Dinis Botelho e Eduardo Furtado, estão na casa desde 1996. Dinis Botelho, o mestre tipógrafo, começou em 1974, aos 14 anos, como aprendiz e, desde então, já trabalhou em muitas oficinas tipográficas da ilha. Eduardo Furtado encarrega-se da pré-impressão e dos acabamentos. A Micaelense ainda trabalha regularmente em tipografia. Recebem, ainda, residências de artistas, entre outros trabalhos com tipografia tradicional. Com centenas de famílias tipográficas, esta oficina tem 17 cavaletes, uma Heidelberg de pinças A4, uma minerva semi-automática A3, uma minerva de bancada A5 e um prelo de provas.

Tipografia A Crença

A Tipografia A Crença foi fundada em 1930 em Vila Franca do Campo pelos padres João Melo de Bulhões e Manuel Ernesto Ferreira, com o principal intuito de imprimir o semanário paroquial com o mesmo nome. Desde 1915 que o jornal era impresso em Ponta Delgada, na tipografia Aníbal. Em 1986, José Vicente entra n'A Crença como aprendiz dos mestres António Rodrigues e Roberto Ferreira. José Vicente é o atual impressor d'A Crença e participou na transição da tipografia para o offset, tendo chegado a operar uma Linotype.



Tipografia Esperança

Situada na cidade de Lagoa, a Esperança tem duas Heidelberg de pinças, no formato A3 e A4, uma minerva de braço que parece de brincar por ser tão pequena e cinco cavaletes com 25 gavetas cheias de caracteres tipográficos. Delmiro Luz é o mestre tipógrafo, tendo entrado como aprendiz há mais de 30 anos. Apesar de atualmente só imprimir em offset, as máquinas tipográficas ainda são usadas para corte e vinco. A funcionar à época perto do Porto dos Carneiros, em 1972 a oficina muda-se definitivamente para o lugar onde está agora. Até 2001, a Esperança imprimia apenas em tipografia de caracteres móveis.

Museu de Tabaco da Maia

A Fábrica de Tabaco da Maia, considerada uma das mais antigas da ilha, laborou na freguesia da Maia entre 1871 e 1988. A fábrica estava organizada por secções, englobava os espaços de cultivo, a secagem e prensagem das folhas de tabaco, zona de manufatura onde se produziam cigarros, cigarrilhas e rapé e a zona da tipografia onde se imprimiam as diferentes embalagens de tabaco. Podemos encontrar no museu, entre outras máquinas, uma Heidelberg que veio da Alemanha para a fábrica em 1950 e uma coleção de gravuras de rótulos e embalagens dos maços de tabaco.





Encadernação Manual

Arte de Trabalhar Papel

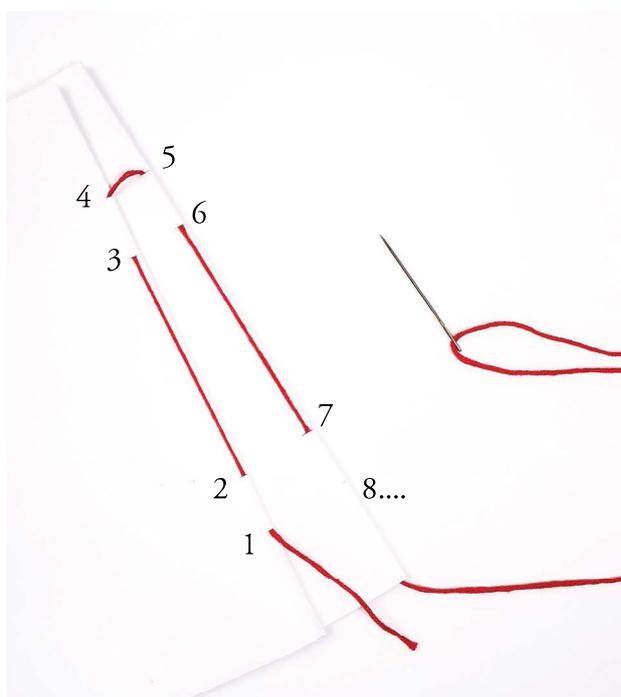
MATERIAL

- 8 folhas de papel A3;
- Agulha e linha;
- Vela;
- 2 cartolinas ou cartão de tamanho A5;
- Serrote;
- Molas para papel, ou prensa;
- Cola Branca e pincel;
- Tira de tecido da largura da lombada;
- X-ato.

PASSO A PASSO

Para fazer um livro com 64 páginas / 32 folhas.

- Dobra um conjunto de 2 folhas ao meio e depois em 4 de maneira a fazer um A5 (a este conjunto dá-se o nome de caderno, os vários cadernos formam o livro); repete com as oito folhas o mesmo processo, juntando sempre duas a duas; no final um livro de 64 páginas ficará composto por 4 cadernos de 16 páginas cada um;
- Junta os 4 cadernos com uma mola ou uma prensa e com o serrote serra o local onde vão ser cosidos;
- Encera a linha que vais usar para coser os cadernos passando-a pela cera da vela;
- Enfia a agulha e cose conforme a sequência da figura;
- No final une os 4 cadernos;
- Pincela a lombada com cola branca e cola a tira de tecido;
- Pincela agora com cola a primeira e a última folhas e cola em cima as cartolinas ou cartões que servirão de capas;
- Deixa secar a cola, aplicando as molas na lombada e colocando um peso por cima das capas, pelo menos um dia, até se poder manusear;
- Depois, corta as folhas com o x-ato e abre o caderno.





**Artes e Ofícios
Ligados à Construção
Tradicional**



Fichas

Artes e Ofícios Ligados à Construção Tradicional

APRENDE FAZ

Telha Antiga Telha de Canudo
Muros de Pedra Seca Caminhada Ativa aos Muros de Pedra Seca



Aprende

Telha Antiga

Cerâmica de Construção

O uso da telha em barro surgiu, no arquipélago, a partir da segunda metade do século XVI, em substituição dos telhados em colmo ou palha de trigo.

A produção tradicional de telhas despontou em todas as ilhas, como forma de responder ao mercado local, mas destacam-se alguns centros produtores que chegaram a ter alguma capacidade de exportação, abastecendo pelo menos as ilhas mais próximas, como é o caso de Santa Maria, que foi até ao século XIX o principal centro de produção e exportação de telha de barro dos Açores.

Em meados do século XIX, nas ilhas de São Miguel e da Terceira há um grande crescimento do número de telhais. Na Terceira existiam muitas “tendas” na Rua da Guarita, em Angra do Heroísmo, que fabricavam a telha com o barro local e em São Miguel surgiram as fábricas da Lagoa e da Pranchinha. Entretanto, a Vila da Praia, na ilha Graciosa, tornou-se o centro de produção de telha e abastecimento de muitas ilhas do grupo central.

A partir da década de 60 do século XX começa a esgotar-se a capacidade de competir com a quantidade e a qualidade das telhas do continente e a produção de telha vai diminuindo no arquipélago, até estar praticamente em risco de extinção.

O fabrico da telha e do tijolo era marcado pelo ritmo sazonal e, do ponto de vista técnico, era um trabalho menos exigente do que o do fabrico da louça. Desde sempre guiados pelo saber empírico transmitido entre gerações, os mestres dos telhais identificavam a camada de argila pretendida pela sua cor (o barro escuro abaixo do barro vermelho) e, logo ali, o barro era extraído e limpo das principais impurezas. Depois de amassado, o barro era colocado em moldes e as telhas deixadas a secar durante duas a três semanas, para de seguida irem para o forno, muitos de lenha. Geralmente, durante o



inverno fabricava-se a telha que ia secando até ao verão, altura em que era exposta ao sol para depois cozer, chegando a produzir-se cerca de 100.000 telhas por temporada.

Tipologia:

Meia telha, telha de meia-cana ou telha de canudo – é uma telha de secção curva bastante acentuada e é utilizada tradicionalmente na cobertura das casas rurais e urbanas.

Telha de calha – mais larga e menos curva que a telha de canudo, de forma a facilitar o escoamento das águas, esta telha achatada ficou conhecida por “telha tipo Lagoa”.

Telhão, cumes ou telha de cumeeira – vértice da cobertura das casas.

Telha pombinha – aplicada no vértice ou canto dos beirais, em forma lanceolada.



Faz

Telha de Canudo

Cerâmica de Construção

Faz uma telha de canudo utilizando o processo antigo de construção ou, se preferires, transforma uma telha de beiral numa mais curta e fecha-a nas extremidades, tornando-se, assim, numa telha de bacalhau ou recipiente para assar peixe ou carne.

MATERIAL:

- Barro ou pasta cerâmica;
- Areia lavada;
- Molde de madeira aberto em forma de trapézio;
- Secção de cano PVC;
- Mufla ou forno cerâmico;
- Ripa de madeira.

PASSO A PASSO:

- Para dar início à construção da telha, colocas numa mesa o molde de madeira e dentro dele espalhas uniformemente um pouco de areia;
- De seguida, colocas um pedaço de barro limpo e já amassado dentro do molde e espalhas muito bem, batendo para não ficar com bolhas de ar;
- Raspas o excedente de barro com uma ripa de madeira até ficar ao mesmo nível do molde;
- Ao lado do molde, num nível um pouco abaixo, colocas o pedaço de tubo PVC e depois arrastas (não podes levantar) o molde com o barro para cima do tubo;
- Agora a tua telha está pronta para secar;
- Depois de secar uns dias leva a telha à mufla a cozer.

NOTA: A curva de queima (o tempo que a peça estará no forno) depende do tamanho do forno, da sua taxa de ocupação, da pasta cerâmica empregada e da espessura e forma das peças presentes no interior do forno. Respeita as características dos sistemas de controlo e medição de temperatura do forno utilizado.





Aprende

Muros de Pedra Seca

Arte de Pedreiro

O muro de pedra de basalto é um elemento constante que compõe a paisagem insular, criando uma geometria singular entre o verde e o negro.

No processo de colonização das ilhas, foi necessário o desbravamento e desbaste do denso arvoredo e para a demarcação das terras recorreu-se à pedra, que existia em abundância. Deste modo, as construções em pedra seca desempenharam um papel central nos processos de exploração dos recursos naturais do arquipélago, produzindo soluções adequadas às diferentes condições geomorfológicas e climáticas de cada ilha.

Na construção dos muros, a pedra é selecionada e recolhida no próprio local, tendo em conta dimensões manuseáveis. Para a edificação a pedra não sofre transformação, não são utilizadas argamassas, nem se incorporam outros materiais, daí designar-se muro de pedra seca.

Encontram-se documentados nos inventários do património rural, desde 1508, muros de pedra solta e sobreposta. Formam-se, então, os primeiros limites das propriedades que, dada a tamanha abundância de pedra, dividiram os terrenos em múltiplas parcelas, dando origem aos chamados cerrados, compartimentos com a função de proteger as culturas dos ventos e da maresia, abrigando, igualmente, o gado.

Os muros altos reportam-nos também para o ciclo da laranja, nos séculos XVIII e XIX, época em que atingiam os três metros e meio de altura e tinham a função de proteger as árvores de fruto. Até então, os muros, devido às plantações e aos cultivos, não necessitavam de ser muito altos, rondavam o metro e meio.

Numa evolução dos cerrados, surgiram os currais que, à semelhança dos cerrados, são porções de muro de basalto, só que possuem dimensões muito menores e têm como função proteger a vinha dos fortes ventos e do rossio do mar.



Área de Paisagem Protegida da Vinha do Pico



Na ilha do Pico, toda a Paisagem Protegida da Cultura da Vinha é marcada por reticulados de muros negros, construídos a partir de pedra seca solta. O carácter único e universal destes currais originou a classificação desta Paisagem, em 2004, como Património Mundial da UNESCO.



Muro das Nove Janelas - Ponta Delgada

Caminhada Ativa aos Muros de Pedra Seca

Arte de Pedreiro

MATERIAL

- Roupa confortável;
- Calçado confortável;
- Máquina fotográfica.

Os muros de pedra seca podem ser apreciados em vários locais por todo o arquipélago. Ficam aqui 4 sugestões de caminhadas ativas, em diferentes ilhas, em que podes fazer o registo fotográfico da técnica de construção secular destes muros.

Apesar de os muros de pedra seca serem um marco da recortada paisagem açoriana, são já poucas as pessoas que sabem como construí-los ou repará-los. É no sentido de tentar combater esse esquecimento e de transmitir a riqueza e o potencial destas técnicas de construção que propomos esta atividade.

VISITAR O MUSEU DO VINHO DOS BISCOITOS, ILHA TERCEIRA

Este Museu, instalado numa adega, mostra a história do vinho na região e na ilha, e a importância da casta Verdelha ao longo dos séculos.

O percurso do museu apresenta as diversas fases de produção do vinho, desde as videiras envoltas pelas curraletas até ao lagar e à armazenagem em pipas de madeira.

Alberga também a Adega do Vinho Verdelho, a Destilaria, a Sala de provas, a Sala de engarrafamento e a sede da Confraria do Vinho Verdelho dos Biscoitos.

PASSEIO PELAS VINHAS DA CRIAÇÃO VELHA, ILHA DO PICO

Este trilho desenvolve-se quase na sua totalidade na área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha, uma das mais emblemáticas da ilha e Património Mundial pela UNESCO desde 2004, compreendendo uma grande área vitícola ativa, onde o reticulado de muros se encontra em perfeito estado de conservação.

PERCORRER O MURO DAS NOVE JANELAS E O MURO DO CARVÃO, ILHA DE SÃO MIGUEL

Perto da Serra Devassa, na freguesia das Sete Cidades, está o Muro das Nove Janelas, um aqueduto construído entre os séculos XVII e XVIII, que veio dar resposta à escassez de água que, então, se fazia sentir em Ponta Delgada.

Com uma extensão de mais de uma dezena de quilómetros, atualmente só restam 250 metros. No seu seguimento está o Muro do Carvão, um troço em alvenaria de pedra, com uma extensão de aproximadamente 150 metros.

DESCER O TRILHO DE SANTO ESPÍRITO À MAIA, ILHA DE SANTA MARIA

Neste trilho, além da cascata e piscina natural, também vais encontrar uma descida para a freguesia da Maia, que se desenrola por arriba rochosa aproveitada para a cultura de vinha em quartéis ou socalcos, com muretes de pedra seca, parte relevante da cultura mariense.



Produção e Confeção
Artesanal de Bens
Alimentares



The image features a wooden surface with various baking ingredients and tools. At the top, a wooden spoon holds a small amount of white salt. To its right are several cracked eggshells. Below the spoon is a pile of white flour, and in the center, a cracked egg with a bright orange yolk. At the bottom left, there is a small glass oil dispenser containing yellow oil. To its right are three whole white eggs. At the bottom right, a wooden rolling pin is positioned diagonally across the frame.



Fichas

Produção e Confeção Artesanal de Bens Alimentares

APRENDE FAZ

Alfenim	Figuras em Pasta
Bolo Lêvedo	Bolos Lêvedos
Queijadas dos Açores	Queijadas de Queijo Fresco
Biscoitos de Orelha	Biscoitos
Espécies	Espécies
Chá	Filtro Infusor de Chá em Cana



Aprende

Alfenim

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

Para a mais fina doçaria regional contribuíram os conventos açorianos que, tal como em toda a Europa, foram polos dinamizadores da economia local e da cultura nacional. A influência da doçaria conventual reflete-se claramente na confeção de doces únicos na Região e específicos de uma localidade, como as queijadas de Vila Franca do Campo, em São Miguel, e na confeção de iguarias tão populares e comuns a todo o Arquipélago, como os suspiros. Neste contexto, o açúcar continua a ser fonte de inspiração para uma doçaria mais artística, mais popular e, ao mesmo tempo, mais devota, como o Alfenim, uma produção que se tornou bem característica da ilha Terceira.

As festas do Espírito Santo, que tão bem simbolizam a cultura religiosa do povo açoriano, são igualmente responsáveis por uma boa parte da produção artesanal de doces e pão, comuns a todas as ilhas, não obstante pequenas variantes, como é o caso da massa sovada e de uma grande variedade de pão. Mas, no caso do Alfenim, a tradição cruza-se com um ritual antigo, proveniente do Continente, em que as figuras modeladas em açúcar são oferecidas como promessas religiosas, no nosso caso ao Divino Espírito Santo, tomando a forma de figuras antropomórficas (braços, pernas, mãos), mas também de flores e animais, corações, argolas e pombas do Espírito Santo. No Continente estas figuras são conhecidas por “ex-votos” e são reproduzidas em cera.

Por outro lado, esta tradição de modelar o açúcar é referida também como uma receita oriental que remonta ao século XV e foi transformada em ritual cristão (“al-fenid”), sustentado pela plantação da cana-de-açúcar no Algarve e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores e até no Brasil.





Figuras em Pasta

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

Molda, em pasta branca de secar ao ar ou em pasta de açúcar, as formas humanas típicas deste doce.

MATERIAL

- Pasta de moldar branca ou pasta de açúcar branca;
- Palito;
- Água;
- Imagens de produtos tradicionais feitos em alfenim.

PASSO A PASSO

- Amassa bem a pasta de modo a ficar uniforme;
- Molda, com as mãos, a base do corpo (cabeça e pernas);
- Retira um pouco mais de pasta e, numa superfície lisa, com as palmas das mãos, efetua movimentos de vaivém para fazer dois rolinhos da mesma espessura para os braços;
- Achata uma das extremidades em cada rolo e marca os dedos com um palito;
- Humedece, com um pouco de água nos dedos, a base do corpo onde irás unir os braços, e coloca-os pressionando um pouco e alisando com os dedos;
- Com a pasta, faz vários rolinhos muito finos e da mesma espessura;
- Com os rolinhos humedecidos, decora a peça como vês nas figuras de referência.

OUTRA SUGESTÃO

Tendo como referência imagens de postais ou revistas deste doce, molda outras formas, como, por exemplo, a coroa e a pomba do Espírito Santo.

Podes fazer também argolas semelhantes às Espécies, doces tradicionais da ilha de São Jorge.





Bolo Lêvedo

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

O Bolo Lêvedo começou a ser comercializado nas Furnas em meados do século XX, onde se enraizou, ganhando tanto prestígio que se tornou produto identitário desta localidade e da ilha de São Miguel. Até aí, estava confinado ao consumo doméstico.

Apesar da dificuldade em atribuir com precisão um lar de nascimento ao bolo e, por conseguinte, uma filiação certa, o seu prestígio está intimamente ligado à ação de Maria Correia, às suas sobrinhas Maria Isabel Tavares de Oliveira e Maria do Carmo Tavares de Oliveira e a Rosa Quental.

Maria Manuela, filha de Maria do Carmo, garante que sempre viu a sua mãe confeccionar Bolos Lêvedos para abastecer o Hotel Terra Nostra e as famílias que frequentavam as Furnas como lugar de veraneio. A casa de Maria do Carmo Oliveira tornou-se um local de paragem obrigatória nas Furnas. Era local de comercialização do bolo, mas também escola de aprendizagem para as mais novas.

Rosa da Conceição Quental deu continuidade a esta confeitura, tendo sido a primeira empresária de Bolo Lêvedo no Vale das Furnas. O seu filho, Luís Quental, seguiu as suas pegadas, mantendo a comercialização.

Muitos afirmam que foi hábito consumir o Bolo Lêvedo em datas excecionais, como as festas do 15 de agosto, data em que outrora se comemorava o meio do ano agrícola e se celebrava a Terra e a Natureza. A sua importância no meio rural fez com que a Igreja Católica a agregasse ao culto de Maria que tem, neste dia, o maior número de celebrações em sua honra.

Atualmente, o Bolo Lêvedo não lembra a festa, pois encontra-se em qualquer dia e em várias superfícies comerciais, não só de São Miguel.



Não é a designação de Bolo que lhe confere o seu carácter açucarado, pois, na cultura açoriana, o bolo nem sempre é doce. O Bolo Lêvedo das Furnas é um pequeno pão de forma cilíndrica, ligeiramente adocicado, com uma massa porosa e a crosta ligeiramente tostada, cozido sobre sertá ou chapa metálica polvilhada com farinha.

Do Bolo Lêvedo constam ingredientes como farinha de trigo, ovos, manteiga, leite, açúcar, fermento e sal. A massa resultante desta mistura não difere de qualquer outra trabalhada a partir dos mesmos ingredientes. Porém, o processo, a forma e o tamanho dão-lhe um aspeto peculiar e apetecível. Redondo e baixo, com sensivelmente doze centímetros de diâmetro e três de altura, é macio, fofo e suficientemente doce para que o seu paladar se distinga e se distancie do pão corrente.



Bolos Lêvedos

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

Os Bolos Lêvedos podem fazer as delícias de qualquer refeição, servindo-se com manteiga, queijo fresco ou doce.

INGREDIENTES

- 550 g de farinha de trigo tipo 65 sem fermento;
- 125 g de açúcar;
- 125 g de manteiga;
- 20 g de fermento de padeiro;
- 2 ovos;
- 200 ml de leite;
- 1 colher de chá de sal.

UTENSÍLIOS

- Alguidar (tijela grande);
- Sertã (frigideira anti-aderente);
- Espátula.

PASSO A PASSO

- Coloca a farinha num alguidar e faz uma cova no meio, onde deitas o açúcar e o fermento previamente dissolvido no leite morno.
- Envolve bem, juntando, depois, a manteiga derretida, os ovos e, por fim, o sal.
- Amassa até que a massa praticamente se descole das tuas mãos. Se for mais fácil, retira a massa do alguidar para uma bancada polvilhada com farinha e trabalha-a aí.
- Forma uma bola com a massa, coloca-a no alguidar novamente, polvilha-a com farinha e cobre o alguidar com um pano limpo, deixando-a levedar até dobrar de volume.
- Tende a massa, formando pequenas bolas do tamanho de uma laranja, moldando-as à medida que vais virando as bordas para dentro.



- Dispõe as bolas sobre uma superfície enfarinhada, colocando o remate da massa virado para baixo e deixando um espaço entre elas.
- Polvilha-as com farinha, cobre-as com um pano limpo e deixa a levedar novamente, até duplicarem o volume.
- Aquece ligeiramente uma sertã (frigideira anti-aderente) e polvilha-a com farinha.
- Espalma as bolas de massa com as mãos ou com a ajuda de um prato, de modo a ficarem com a forma de um disco.
- Leva a cozer em lume brando, até obteres bolos dourados e fofos; não te esqueças de os virar na sertã, de forma a dourarem dos dois lados.



Aprende

Queijadas dos Açores

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

Os bolos e doces, apesar de não estarem entre os essenciais à nutrição humana, tornaram-se indispensáveis no convívio em sociedade, ocupando grande importância nas relações sociais, sejam religiosas, familiares ou populares, mas quase sempre festivas.

Este importante legado da cultura açoriana está associado às festas religiosas e populares mais características de toda a etnologia insular, pois a doçaria regional faz parte das festas comuns a todas as ilhas — Bodo do Espírito Santo, festas de São João, casamentos, batizados e comunhões.

O alargamento dos benefícios da certificação dos produtos artesanais à doçaria regional permitiu distinguir algumas produções de cariz tradicional das várias ilhas do arquipélago dos Açores, que se tornaram emblemáticas dos seus locais de origem, designadamente as Queijadas da Vila, os bolos Dona Amélia e as Queijadas da Graciosa.

De tradição secular, as Queijadas da Vila são um doce originário do Convento de Santo André, edificado em 1533, e o primeiro dos Açores da 1ª Regra de Santa Clara, em Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel. Nos fins do século XVIII vieram para o convento da Vila freiras de origem holandesa e espanhola que confeccionavam as queijadas de acordo com uma receita secular. É uma queijada macia, suculenta e doce, à base de gemas e leite, com larga tradição e de grande qualidade.

Apesar de a doçaria terceirense ser muito rica, são as Donas Amélias os doces mais divulgados e os mais procurados. Intimamente ligados à visita régia de D. Carlos e Dona Amélia à cidade de Angra do Heroísmo, em 1901, estes bolos ficaram assim batizados por terem sido oferecidos à Rainha. Da



confeção das Donas Amélias constam farinha de milho e de trigo, açúcar, ovos, canela, mel de cana, manteiga, açúcar confeiteiro, corintos ou sultanas, noz-moscada, óleo vegetal e várias especiarias, o que lhes imprime um sabor muito peculiar.

Quando na Graciosa se fala em doces, o mais conhecido e apreciado é a Queijada da Graciosa, outrora designada de covilhetes de leite. Presença habitual em todos os lares e festas da ilha, tem uma cor brilhante de mel e um sabor peculiar. A massa exterior é muito fina e estaladiça, de forma a fazer o contraste gustativo com o recheio de leite e açúcar, ao qual se juntam as gemas e a manteiga.



Queijadas de Queijo Fresco

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

INGREDIENTES

- 900 g de Queijo Fresco;
- 750 g Açúcar;
- 10 Gemas;
- 120 g Farinha;
- 10 g Canela em pó;
- Massa quebrada

PASSO A PASSO

- Coloca todos os ingredientes num recipiente e rala com a varinha;
- Verte o preparado nas formas untadas com manteiga e forra com massa quebrada;
- Leva ao forno a cozer durante 20 a 30 minutos.





Biscoitos de Orelha

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

Do ponto de vista histórico e geográfico, a produção do biscoito de orelha circunscreve-se à ilha de Santa Maria, constituindo um produto de referência da gastronomia mariense.

Este biscoito era presença habitual nos lares marienses nas ocasiões festivas, como por exemplo, na matança do porco, casamentos, festividades do Espírito Santo e pelo Natal, ocasião pela qual era tradição os padrinhos oferecerem aos afilhados um biscoito de orelha, de formato genuíno, mas com a particularidade de apresentar uma dimensão muito maior do que a habitual. Desta forma, o biscoito de orelha transporta consigo memórias cujas reminiscências se transmitiram de pais para filhos e de padrinhos para afilhados, e estão simbolicamente associados aos elos parentais. Embora hoje já ninguém receba o biscoito como prenda principal dos padrinhos, sabem que ele desempenhou este papel e associam-no às relações familiares.

Hoje o biscoito de orelha faz-se com frequência, independentemente da época. Caracteriza-o a forma aparentemente triangular, a primazia de um dos ingredientes, que é o fermento caseiro ou crescente, a sua decoração, o uso do canivete para recortar as orelhas e a função que desempenha nos casamentos e festas.

A simplicidade dos ingredientes usados contrasta com a complexidade da moldagem. O biscoito de orelha é feito com os ingredientes mínimos da doçaria caseira, que apenas exige produtos de fácil acesso. Predominam os ovos, a banha, a manteiga e o açúcar que, adicionados à farinha e ao fermento caseiro, se transformam numa massa doce e maleável.



A moldagem do Biscoito é exclusivamente manual e requer grande destreza, particularmente no enrolar da massa sobre os dedos da mão esquerda e no corte das orelhas, para lhe conferir o formato triangular, original e característico, que só as exímias doceiras de Santa Maria conseguem fazer.



Biscoitos

INGREDIENTES

- 130 g Manteiga;
- 100 g Açúcar;
- 100 g Açúcar amarelo;
- Umas gotas Baunilha;
- 230 g Farinha;
- 1/2 Colher Chá bicarbonato;
- 1/2 Colher Chá fermento;
- 1 Pitada Sal;
- 1 Ovo;
- 160 g Chocolate em pedaços (Opcional)

Preparação:

- Na batedeira, coloca a manteiga, o açúcar amarelo, a baunilha e o ovo e bate bem;
- Adiciona o sal, o fermento, o bicarbonato e a farinha e amassa; por fim, adiciona o chocolate e envolve devagar;
- Forra um tabuleiro com papel vegetal e leva ao forno até alourar;
- Faz os biscoitos com formas a teu gosto: usando moldes, usando a técnica do rolinho ou ainda imitando o formato do biscoito de orelha.





Espécies

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

As Espécies são o principal ícone gastronómico da ilha de São Jorge. Um doce tradicional quase em forma de ferradura, de massa de hóstias, transversalmente golpeada na parte superior, deixando entrever o recheio castanho achocolatado.

Esta iguaria, hoje ao alcance de todos, ia à mesa em dias de festa, como o Espírito Santo, os casamentos e os batizados. Nestes dias, as Espécies apareciam lado a lado com as rosquilhas brancas, os suspiros, os esquecidos, os bolos de véspera, as cavacas e as queijadas de leite, de coco ou de feijão, outros doces típicos de São Jorge.

As Espécies têm um lento e rigoroso processo de elaboração. Noutros tempos, as mestras das funções é que tinham a mão certa para as deixarem de forma a não envergonhar ninguém. Muitas raparigas ajudavam a fazer os rolinhos interiores, também chamados bichas ou bicharocos, mas o toque final e o jeito que era preciso dar com a carreta na massa que envolvia o recheio, pertenciam às especialistas.

A carreta ou carretilha nasce da invenção e da criatividade que, por necessidade, transforma uma moeda numa roda dentada e um cabo pequeno que serve para cortar o rendilhado da massa das espécies.

Antigamente as Espécies eram denominadas por “bichos doces”, mas, agora, chamam-se Espécies ou, melhor, Espécies de São Jorge, nas quais predominam as especiarias como a pimenta, a canela, a erva-doce, o cravinho e a noz moscada.





Faz

Espécies

Fabrico de Bolos Doçaria e Confeitos

De preparação fácil, este doce tradicional de São Jorge deve o seu nome às especiarias que o compõem. Podes experimentar outras a teu gosto, personalizando as tuas espécies.

INGREDIENTES PARA O RECHEIO

- ½ colher (café) de pimenta-da-jamaica;
- 200 ml de água;
- 25 g de canela;
- 25 g de manteiga;
- 250 g de pão torrado ralado;
- 30 g de erva-doce moída;
- 500 g de açúcar;
- raspa de 1 limão (grande).

INGREDIENTES PARA A “CAPA” (MASSA BRANCA OU TENRA)

- 1 colher de sopa de azeite;
- 1 colher de sopa de banha ou manteiga;
- 250 g de farinha de trigo;
- 1 pitada de sal;
- 150 ml de água.

UTENSÍLIOS

- Tacho ou panela;
- Colher de pau;
- Alguidar (tijela grande);
- Prato;
- Tijela;
- Rolo da massa;
- Carretilha (cortador de massas).

PASSO A PASSO

Preparação do Recheio (na véspera)

- Leva o açúcar ao lume com a água e deixa ferver até fazer ponto de fio (a calda adere levemente à colher e, ao retirar um pouco, forma-se um fio com o qual se conseguem fazer formas sobre uma superfície lisa);
- Junta o pão torrado ralado, seguido dos restantes ingredientes; mexe bem e deixa cozer até o preparado ficar consistente;
- Deixa arrefecer o recheio e depois coloca-o em repouso noutro recipiente de um dia para o outro;

Preparação da “capa” (massa branca ou tenra)

- Num alguidar, coloca a farinha e junta-lhe a banha derretida, o azeite e a água morna, onde já dissolveu o sal;
- Trabalha os ingredientes rapidamente e bate a massa muito bem sobre uma superfície lisa e fria;
- Coloca a massa sobre um prato polvilhado com farinha e cobre com uma tigela aquecida com água a ferver, já enxuta;
- Deixa a massa descansar durante 1 hora;
- Estende a massa com o rolo e um pouco de farinha, até ficar com uma espessura fina.

Finalização das Espécies

- Com a massa tenra já pronta, corta a massa em tiras de 4 a 5 cm de largura com a carretilha e o comprimento da forma que te agradar;
- Depois, marca o meio da massa no sentido longitudinal e aplica pequenos golpes horizontais numa das metades;
- De seguida, sobre a parte da massa inteira, coloca um rolinho de recheio da espécie, cobrindo-o com a parte da massa cortada para obter um rolo fechado, molhando as pontas da massa;
- Com estes rolinhos, faz a espécie na forma tradicional (ferradura) ou em formas diferentes (letras, meias-luas, argolas etc);
- Leva ao forno a 160 graus, durante 20 minutos, para cozer.



Chá

Preparação de Ervas Aromáticas e Medicinais

Sabe-se da existência da planta do chá desde finais do século XVIII, na ilha Terceira, desconhecendo-se, porém, como chegou até ali.

Em São Miguel, por volta de 1820, Jacinto Leite, Comandante da Guarda Real de D. João V, terá trazido sementes da *Camellia sinensis* do Brasil e semeado na sua propriedade, na Calheta.

Contudo, o grande impulso da cultura do chá surgiu com o declínio dos laranjais, a partir de 1872 e o seu interesse cresceu a tal ponto que se mandaram vir de Macau dois mestres chineses para ensinarem a arte e técnica da cultura do chá.

Através da Sociedade Promotora de Agricultura Micaelense, estes dois peritos chineses, Lau-a-Pan e Lau-a-Teng, trouxeram consigo sementes da *Camellia sinensis* e utensílios para a transformação da planta em chá e começaram logo a trabalhar na plantação de chá de José do Canto, pioneiro nesta área.

No início do século XX já havia um total de 48 cultivadores de chá por todo o arquipélago. Entretanto, entre os anos 60 e 80 as fábricas foram fechando devido à emigração, sobrevivendo apenas a Fábrica de Chá da Gorreana e tendo, entretanto, reaberto a Fábrica de Chá do Porto Formoso, em 2001.

Todo o processo, do cultivo à embalagem, que atualmente continua a ser o mesmo, é feito essencialmente à mão. Nos anos 60 e 70, o trabalho da apanha do chá era feito essencialmente por mulheres, que se dividiam em ranchos. Havia três ranchos, cada um com cerca de 50 mulheres e crianças, três rapazes matalotes (robustos), e um homem, o capataz. As mulheres e as crianças apanhavam as folhas do chá à mão e iam-nas colocando em cestos, os rapazes acartavam água, para saciar a sede das mulheres,



e também iam levando as folhas colhidas em sacas de fardo para a fábrica, onde depois eram pesadas. Só depois do 15 de abril de 1974, sobretudo quando se mecanizou a cultura do chá, o trabalho passou a ser distribuído por um número menor de trabalhadores, passando a ser tarefa de homens.

Atualmente, os Açores são a única região da Europa que produz chá.

A Fábrica de Chá da Gorreana, a mais antiga fábrica de chá da Europa, produz cerca de 40 toneladas de chá anuais, podendo chegar às 45 toneladas, e a apanha e transformação do chá decorre de março e setembro. Durante todo o ano pode visitar-se a fábrica e ficar a conhecer todo o processo de produção do chá.

Ideal pela sua qualidade e pela fidelidade ao processo natural e livre de aditivos, nos Açores produz-se Chá Preto *Orange Pekoe* (primeira folha), *Pekoe* (segunda folha), *Broken Leaf* (terceira folha) e Chá Verde *Hysson* (feito a partir das três folhas), atualmente o mais procurado devido às suas propriedades antioxidantes.



Filtro Infusor de Chá em Cana

Preparação de Ervas Aromáticas e Medicinais

Com um pequeno pedaço de cana de bambu ou da Índia faz um filtro para a infusão do chá.

MATERIAL

- Cana de bambu ou da Índia;
- Lixa para madeira (grossa e fina);
- Berbequim;
- Serrote de madeira;
- Rede alimentar;
- Fio de ráfia.

PASSO A PASSO

- Para fazeres o infusor vais precisar de 2 tipos de cana: um fino para a pega e um largo para o filtro;
- Para cortar a cana, usa um serrote de madeira e para fazeres os furos de encaixe da pega, usa o berbequim, exatamente na mesma direção;
- Podes fazer o filtro de duas formas: utilizando o nó da cana e já ficas com o fundo feito, depois é só fazeres buracos pequeninos com o berbequim; utilizando o meio da cana e ficas com uma argola à qual tens de aplicar um pedacinho de rede que atas com ráfia;
- Como acabamento, lixas tudo muito bem usando primeiro a lixa mais grossa e depois a mais fina.



A vibrant collage of various craft materials. The top left features clusters of white, yellow, and red paper flowers with small gold beads. The top right is dominated by intricate, light-colored dried moss. In the center, there are several seashells, including a prominent white one with a blue flower-like detail. The bottom half of the image is filled with a dense arrangement of colorful paper petals in shades of purple, pink, red, orange, yellow, and blue. A semi-transparent teal banner with white text is overlaid across the middle.

Outras Artes e Ofícios



Fichas

Outras Artes e Ofícios

APRENDE FAZ

Arte de Trabalhar Escamas de Peixe
Fabrico de Brinquedos

Fabrico de Registos
do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Presépios de Lapinha
Figurado de Madeira
Osso e Dente de cachalote
Viola da Terra

Sabão
Arte de Bonecreiro
Flores Artificiais

Flores de Escama
Bola de Farelo
Boneco de Trapos
Cagarro Articulado
Pombinha
Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Lapinha
Escultura Criativa em Madeira
Trabalho Artístico em Gesso e Basalto
Cabaça de Ritmos
Visita Ativa – Viola da Terra
Sabão de Azeite
Fantoches de Sombra
Flores de Dragoeiro
Flores em Folha de Milho
Flores de Papel



Aprende

Arte de Trabalhar Escamas de Peixe

A Arte de trabalhar a Escama de Peixe

A arte de trabalhar a escama de peixe faz parte da nossa condição arquipelágica e da importância da pesca.

As escamas de peixe começaram a ser aproveitadas pelas mulheres açorianas, com maior incidência a partir do século XVIII, no âmbito das artes manuais decorativas conventuais.

As flores de escama de peixe constituem o elemento de maior relevo, sendo tradicionalmente aplicadas em arranjos florais, quadros, redomas, palmitos ou registos de santos. A partir da década de 80 do século XX, ao nível do artesanato contemporâneo, surgiram muitas propostas para a aplicação das escamas de peixe, quer ao nível da decoração de interiores, quer ao nível da moda e acessórios.

O desenho que caracteriza os trabalhos de escama de peixe é formado essencialmente por elementos vegetalistas, consoante o tipo de escama usada. As rosas, os cravos e a avenca são muito comuns nas composições artesanais, embora atualmente haja uma tendência mais minimalista somente com as pétalas e folhas.

As escamas, além de serem um subproduto da pesca de fácil obtenção, possuem muita versatilidade e resistência, originando peças artesanais amigas do ambiente.

A veja é, sem dúvida, a espécie de peixe mais procurada para quem trabalha as escamas, por serem grandes e mais versáteis. Mas há outras espécies cujas escamas são utilizadas, como a tainha, o sargo, a corvina, o goraz e o pargo.

O processo de preparação da escama para o trabalho artesanal passa por várias fases. As escamas são coradas em várias águas durante cerca de um mês, tingidas com papel de seda ou anilina para de seguida serem recortadas com tesoura ou usadas inteiras.

Na montagem do produto é muito comum o uso do canutilho de prata ou ouro, pois não só ajuda a moldar a forma, mas também confere brilho.





Faz

Flores de Escama

Cria flores com escamas de peixe.

MATERIAL

- Escamas de peixe;
- Tesoura;
- Cola quente ou cola tudo;
- Búzio pequeno ou missanga;
- Pau de espetadas.

PASSO A PASSO

- Na ponta do pau de espetada, cola um pequeno búzio ou uma missanga que será o centro da flor (ver anexo Flores de Escama);
- Coloca uma gota de cola na base de uma escama e cola-a no búzio ou na missanga;
- Cola do outro lado outra escama e aperta na base, próximo do pau;
- Não te esqueças de usar as escamas sempre com a base para baixo e a parte mais ondulada e brilhante para cima;
- Repete o processo até teres formado várias camadas de escamas, compondo uma flor.

NOTA: Em anexo tens as instruções para a preparação das escamas e as espécies de peixe mais indicadas.

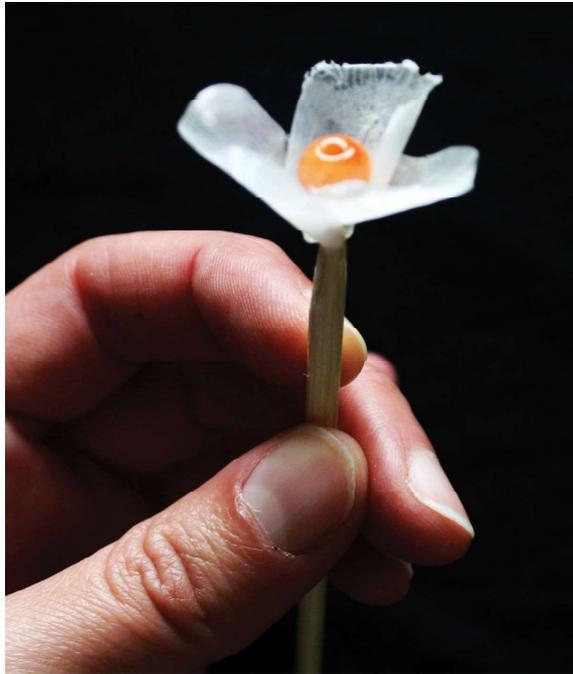
OUTRA SUGESTÃO

Podes montar a flor sem ter a base do pau. Tens apenas de fazer um rolinho com a primeira escama. Nas outras terás de pôr cola e apertar mais na base, para fazer uma espécie de botão. Vai colando em volta as escamas seguintes, formando várias camadas. Com as flores podes criar anéis, pregadeiras (alfinetes), compor quadros decorativos, etc.





Flores de Escama





Faz

Preparação de Escamas de Peixe

Prepara escamas de peixe para depois criares as tuas flores ou aplicares as escamas na decoração de peças ou em bijuteria.

MATERIAL

- Escamas de peixe;
- Sabão da roupa em pó;
- Água fria;
- Anilinas, corante da roupa, chás ou infusões de produtos naturais (opcional).

Passo a Passo

A preparação das escamas envolve três etapas: a lavagem, a secagem e o tingimento.

1 – Coloca as escamas de peixe de molho, durante cerca de 20 dias, em água abundante com sabão da roupa em pó; muda a água e o sabão todos os dias, até que fiquem devidamente limpas e brancas; no final, passa as escamas por várias águas de modo a eliminar todos os resíduos de sabão.

2 – Escorre as escamas e coloca-as a secar sobre uma toalha, protegidas do sol e do calor, durante cerca de três dias. Depois de secas, guarda-as em sacos fechados, para as proteger do ar.

3 – Para tingir as escamas usa anilinas, pós de tingir a roupa, chás e produtos naturais, como o açafraão e a casca da noqueira, entre outros; coloca num recipiente água fria e dissolve nela o corante, acrescentando vinagre e sal; mexe bem e mergulha as escamas, que devem ficar de molho de um dia para o outro, no caso das anilinas e dos corantes, ou durante cerca de 3 dias, no caso de chás e infusões de produtos naturais.

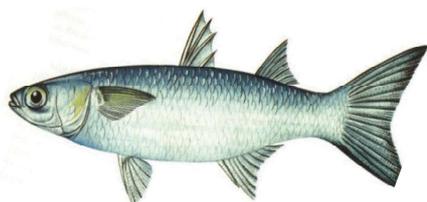
NOTA: No tratamento das escamas não se pode utilizar água quente nem lixívia ou produtos similares.



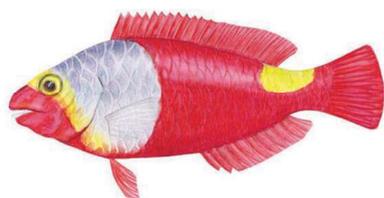


Anexo

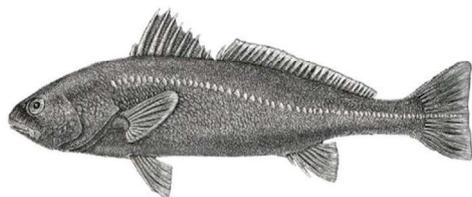
Espécies de Peixe para Trabalhar as Escamas



TAINHA – É o peixe que apresenta as escamas mais brancas e com maior brilho, usadas preferencialmente para fazer arranjos de comunhão, registos, cachos de uvas, etc.

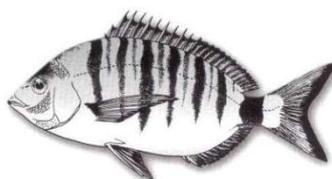


Veja



Corvina

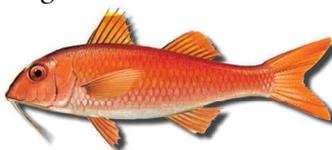
VEJA – Espécie muito apreciada para este tipo de trabalhos, pois apresenta as maiores escamas. São as preferidas para fazer as folhas da vinha e para as rosas com pétala grande. (O peixe corvina tem escama semelhante à da veja.)



SARGO – Peixe que tem escamas muito pequenas e recortadas. São as ideais para fazer as avencas e as miniaturas de flores.



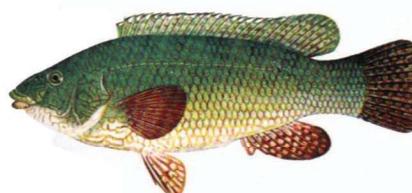
Pargo



Salmonete



Goraz



Bodião

PARGO, SALMONETE, GORAZ e BODIÃO – São espécies que apresentam escamas de tamanho médio. Servem para fazer qualquer arranjo floral.



Fabrico de Brinquedos

As artes e ofícios tradicionais, desde os primórdios do povoamento, determinavam os materiais e as técnicas de construção do brinquedo. Na maior parte das vezes, os brinquedos eram a representação em miniatura das peças reais de barro, madeira e tecidos, na sua forma mais rudimentar. Por outro lado, deram origem ao emprego da imaginação e criatividade no aproveitamento dos mais diversos materiais para entretenimento dos mais novos. O que atualmente seria considerado um bom exemplo de reciclagem era, ainda na primeira metade do século XX, uma atitude de economia e de sobrevivência: nada se desperdiça, tudo se transforma.

Tal como por todo o país, os brinquedos tradicionais açorianos têm origem rural e refletem o gosto bem popular em que a cor e a imaginação se sobrepõem à pobreza dos materiais, tornando-os alegres e apelativos ao gosto infantil, numa época em que a produção industrial do brinquedo dava ainda os primeiros passos.

Desta produção caseira de brinquedos populares, muitas vezes elaborados pelas próprias crianças, resultaram as bonecas de trapo, o carro de bois feito com maçarocas de milho, o arco de vimes, o barco de lata, a fisga e outros que, como estes, eram os poucos brinquedos ao alcance das crianças, que aproveitavam desperdícios ou os próprios recursos naturais.

Mãos artesãs deram um destino comercial a alguns exemplares, valorizando as matérias-primas – a madeira e o barro –, a simplicidade das formas, a genuinidade das cores e das técnicas, e passaram a marcar presença nas vendas dos antigos arraiais das principais festas religiosas, como a do Senhor Santo Cristo dos Milagres: as miniaturas da “Louça da Vila”, que incluem os apitos de água, as carroças de madeira, os piões e as bolas de serradura ou as bolas de farelo.



Estas últimas, as bolas de farelo, tal como são designadas localmente, são um exemplo do aproveitamento de serradura das antigas carpintarias e marcenarias, que era enrolada em forma de esfera em brilhantes papéis de prata, inicialmente talvez de chocolates oriundos de destinos da emigração açoriana. Um elástico envolvia essa composição, transformando-a numa versão de ioió, fazendo, assim, a alegria dos mais pequenos.



Bola de Farelo

Fabrico de Brinquedos

Faz uma bola de farelo, brinquedo artesanal feito de aparas de madeira e papel de prata.

MATERIAL

- Farelo de madeira;
- 25 cm de película aderente;
- Cola branca diluída num pouco de água;
- Cerca de 20 cm de papel de prata;
- Cerca de 15 cm de papel de prata colorido;
- 50 cm de fio de algodão;
- 35 cm de elástico fino de rolinho.

PASSO A PASSO

- Coloca o farelo num saco de plástico e humedece com água e cola branca; mistura bem e vai dando a forma de bola;
- Estende numa mesa cerca de 25 cm de película aderente e coloca a porção de farelo;
- Enrola bem a película com o farelo, de modo a formar uma bola que caiba mais ou menos na tua mão;
- Recorta cerca de 20 cm de papel de prata e forra a bola;
- Recorta uma tira de papel de prata colorido do diâmetro aproximado da bola e dois círculos, com cerca de 3 ou 4 cm de diâmetro;
- Decora a bola, colando a tira de papel e os círculos, como se vê na figura;
- Coloca o fio, torcendo-o na parte inferior da bola e rematando na parte superior com dois nós;
- Coloca o elástico, dando um nó no fio; apara as pontas;
- Deixa o restante elástico solto, faz uma argola na ponta, com um nó, de forma a conseguires dar o movimento de ioiô à bola.





Faz

Boneco de Trapos

Fabrico de Brinquedos

Faz um boneco articulado de capuchinhos utilizando trapos que podes cortar de roupa velha.

MATERIAL

- Restos de tecido;
- Tesoura;
- Agulha;
- Linha de costura;
- Linha de renda;
- Lã para o pompom;
- Cartolina.

PASSO A PASSO

- Para fazeres os capuchinhos tens moldes de dois tamanhos em anexo, é só escolheres o tamanho que quiseres; com o molde, cortas os vários retalhos e coses os capuchinhos;
- De seguida, para montares o boneco, basta, com agulha e linha, ires enfiando os capuchinhos na linha; podes fazer os braços, as pernas e o tronco em separado e depois unir com nós;
- Para a cabeça, faz um pompom com lã usando um molde em cartolina e seguindo as instruções que também estão na imagem;
- Podes optar por fazer outra cabeça enchendo um capuchinho com algodão e desenhando um rosto.

NOTA: Vê o Anexo dos Capuchinhos no Separador dos Têxteis.



Pompom



Cagarro Articulado

Fabrico de Brinquedos

Faz um Cagarro a bater as asas.

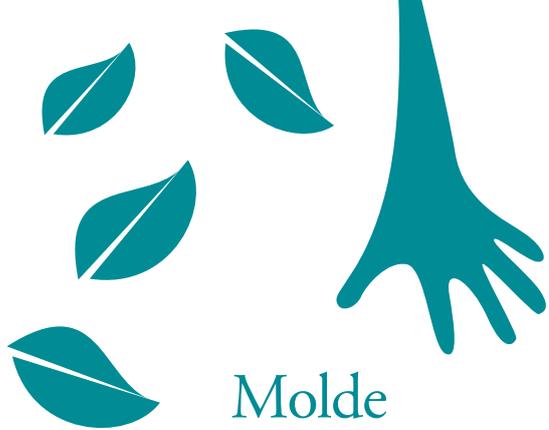
MATERIAL

- Cartão grosso canelado;
- Tesoura;
- X-ato;
- Fio de Algodão;
- Um pauzinho chinês.

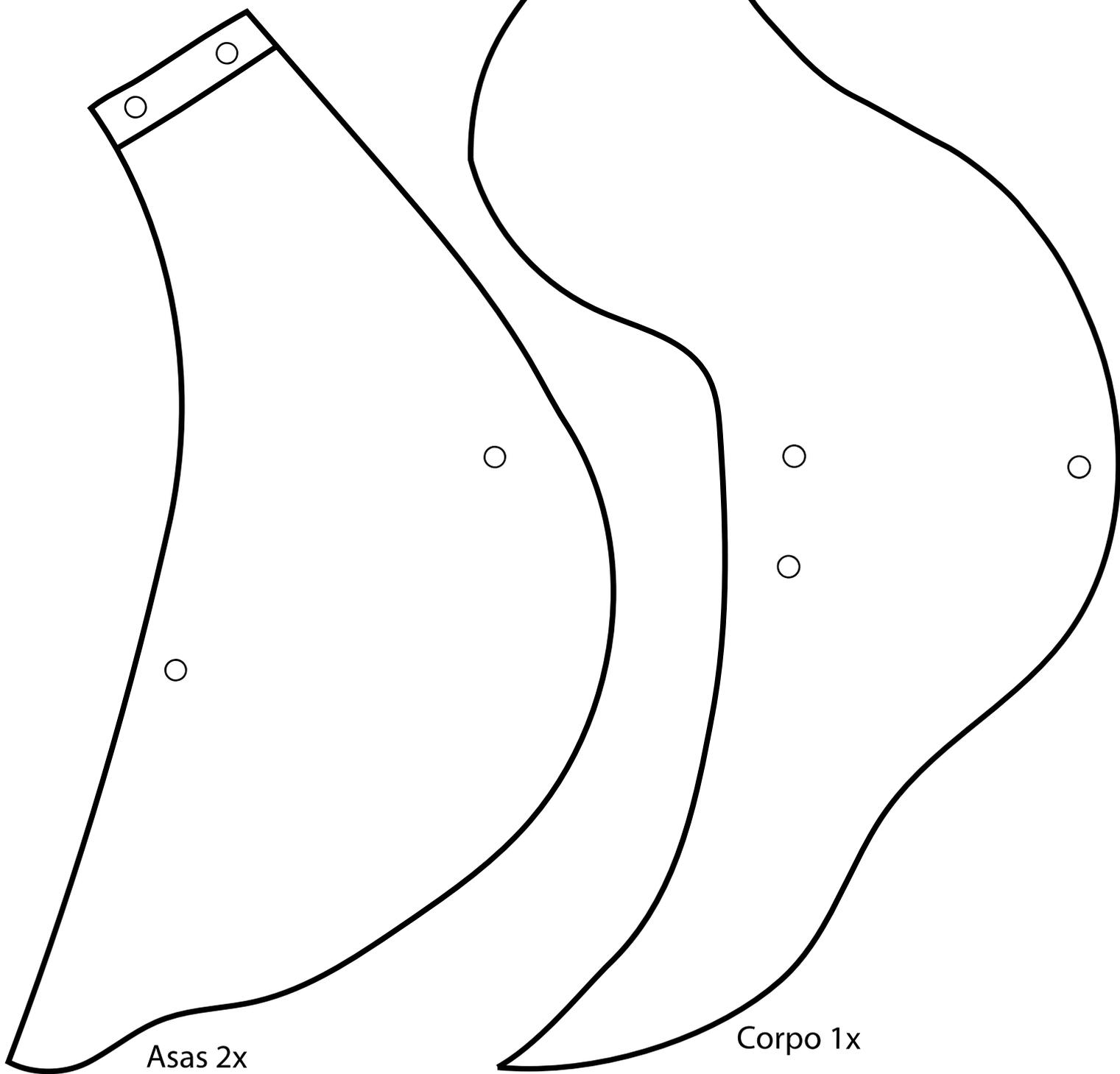
PASSO A PASSO

- Passa o molde para o cartão e recorta as peças na quantidade indicada;
- Faz os furos;
- Prende as asas ao corpo do cagarro com um pedaço pequeno de fio, dobrando na ponta para fazer uma espécie de dobradiça;
- Corta mais um pedaço de fio para fazer as duas pernas; enfia-o no corpo do cagarro e coloca as duas patas na extremidade deste fio;
- Corta dois fios com o mesmo tamanho e enfia-os nas asas: à extremidade destes dois fios – um de cada asa – atam-se as extremidades do pauzinho chinês;
- No final, amarras os fios ao pauzinho e puxas as patas para o cagarro bater as asas.





Molde



Asas 2x

Corpo 1x

Patas 2x



Faz

Pombinha Andarilho

Fabrico de Brinquedos

Constrói um andarilho em madeira com a forma de uma pomba. No final, quando empurrares o andarilho, a pomba vai bater as asas.

MATERIAL

- Placa de madeira, MDF ou contraplacado (espessura máxima de 1,5 cm);
- Pau de madeira para a pega;
- 2 dobradiças pequenas e respetivos parafusos e chave de fendas;
- Arame para o mecanismo;
- Pau redondo para servir de eixo (5 cm de comprimento mais a medida da largura das 2 rodas);
- 4 camarões pequenos para madeira;
- Alicates;
- Serra tico-tico ou de recorte;
- Berbequim;
- Cola branca de madeira;
- Tintas a gosto para pintar as peças.

PASSO A PASSO

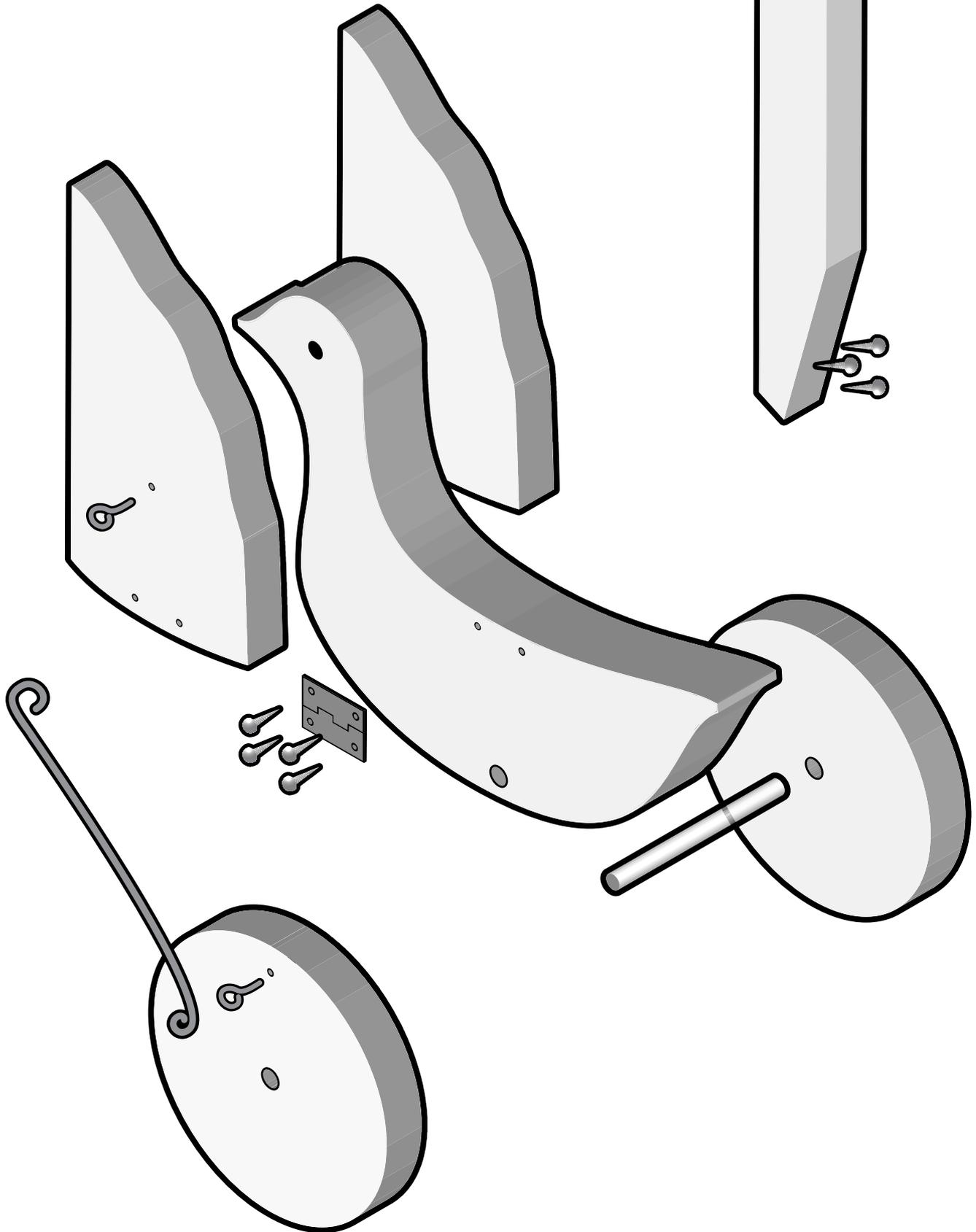
- Imprime a página com os moldes das peças, recorta e passa os desenhos para a placa de madeira;
 - Recorta o corpo, as 2 asas e as 2 rodas e perfura nos sítios indicados, com o berbequim;
 - Esculpe e lixa a cabeça e o corpo (opcional);
 - Pinta as peças a teu gosto e deixa secar;
 - Com as dobradiças, fixa as asas no corpo;
 - Coloca os camarões para a madeira nos sítios indicados;
- Importante: os camarões onde o arame vai ser preso têm de ficar na mesma posição, para as asas funcionarem em sintonia.

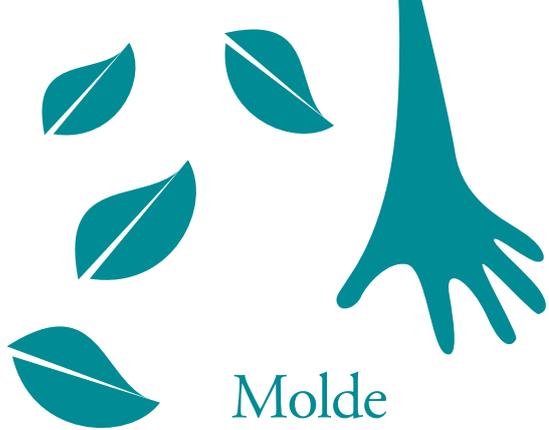


- Monta o eixo, passando o pau pelas 2 rodas e pela pomba e aplica cola só nas rodas;
- De seguida corta e dobra o arame com o alicate e verifica se o mecanismo funciona; ajusta, se for preciso;
- Esculpe o fim do cabo de forma a assentar na base da pombinha e aparafusa-o; atenção ao ângulo, porque a pombinha vai ser empurrada com o cabo.

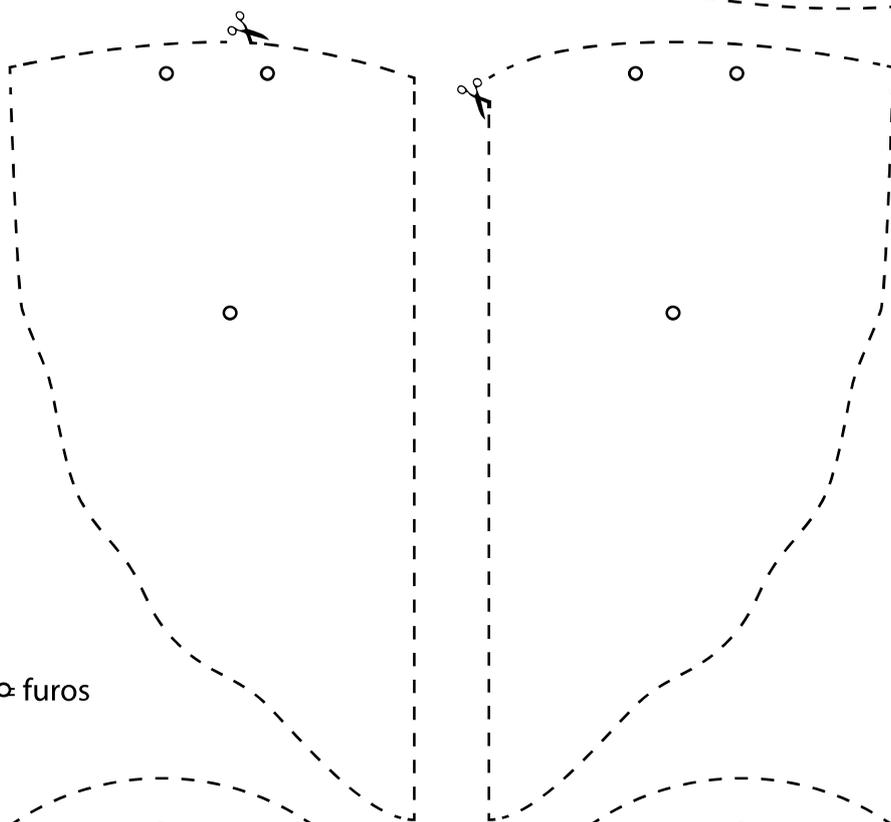
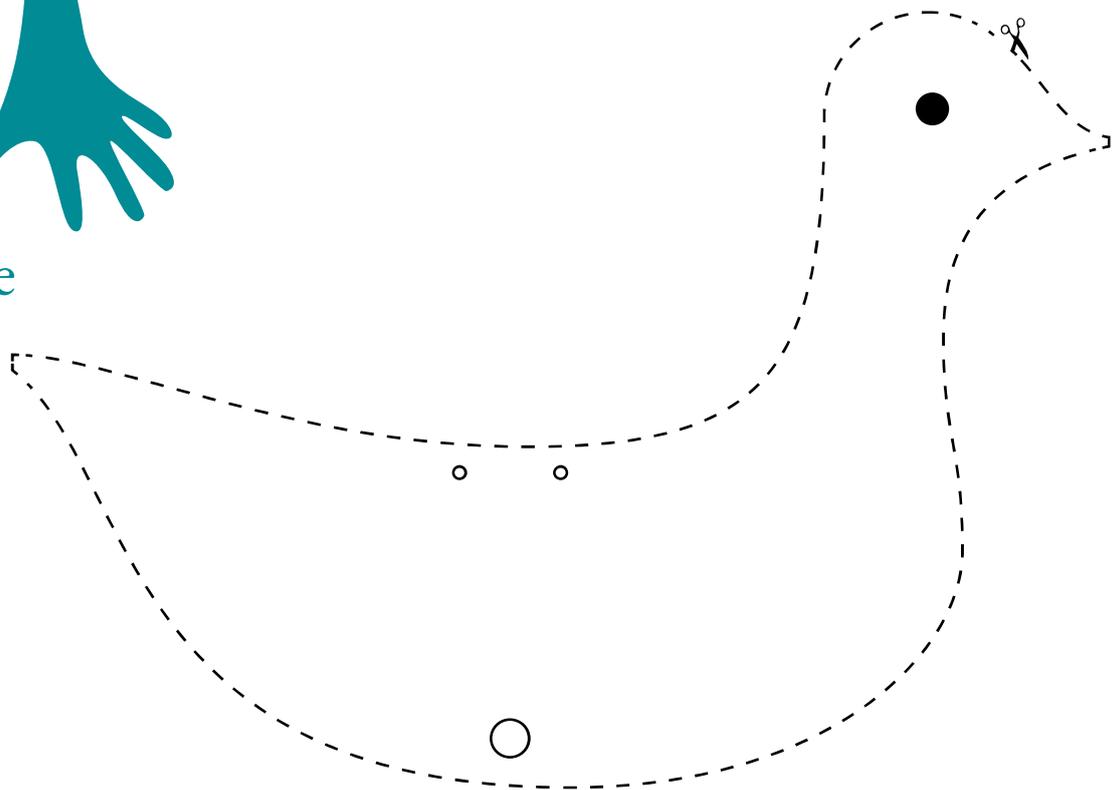


Anexo

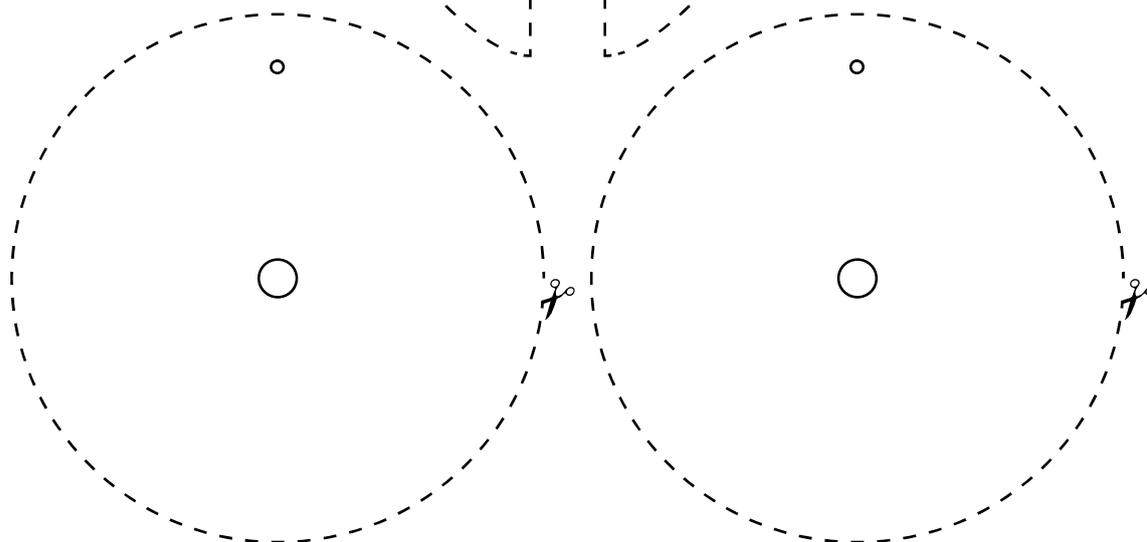




Molde



○ = furos





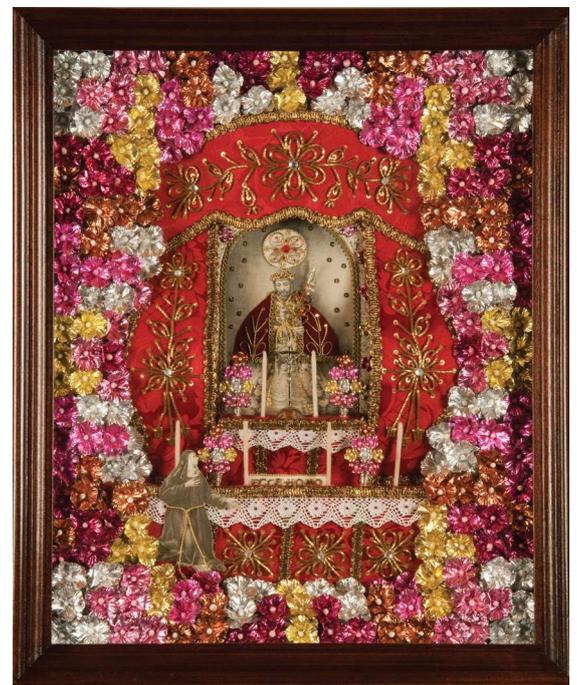
Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Sinal da religiosidade popular, estes artefactos exigem uma minúcia e devoção que só um povo isolado pelo mar e castigado pela natureza sabe valorizar. Têm um carácter sagrado e decorativo, bem como um trabalho técnico minucioso e criativo proveniente de uma tradição conventual, ligada a outros trabalhos artesanais, como é o caso das flores artificiais. Utilizando materiais diversos, os Registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres constituem composições policromadas e miniaturizadas, bem marcadas pela devoção e pelo gosto popular.

Os Registos representam a homenagem do povo micalense ao seu santo padroeiro; sob a forma de quadro que tradicionalmente decorava a parede, por cima da cómoda do quarto principal da casa rústica, esta peça de artesanato tem a sua origem na ilha de São Miguel, onde nasceu o culto do Senhor Santo Cristo, ainda em princípios do século XVI. Atualmente, esta tradição generalizou-se a outras ilhas e às comunidades de emigrantes açorianos, sobretudo os radicados no Continente Americano, sendo este um mercado significativo para os produtos artesanais, designadamente os Registos do Senhor Santo Cristo.

A imagem do Senhor Santo Cristo constitui a centralidade de toda a composição e a técnica do bordado a ouro adquire neste caso especial relevância, na medida em que é aplicada na ornamentação da capa e do altar. Em termos museográficos, o espólio do Convento da Esperança, onde estão integradas as capas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, guarda o melhor acervo deste bordado de origem medieval e religiosa em que o tecido de eleição para o fio de ouro é o Damasco (tecido de seda de uma só cor, com motivos vegetais estilizados).

Partindo de uma simples estampa da imagem sagrada, desenhada a preto, com a figura ajoelhada da



Madre Teresa da Anunciada (litografia concebida no início do século XIX), o artesão reconstituiu o altar do Senhor Santo Cristo dos Milagres, envolvendo-o num mar de pequenas flores coloridas, feitas de penas, de papel e de seda, incluindo frutos de cera. A disposição destes ornatos é feita como se de um arranjo floral se tratasse: com preocupação estética e alguma simetria.

Citando o etnógrafo açoriano, Luís Bernardo Leite de Ataíde, este quadro tradicional é “o representante das arcaicas formas decorativas que se revelavam nos antigos altares seiscentistas, armados em diversos pontos da cidade (de Ponta Delgada) por onde seguia a procissão dos Passos”, cuja ornamentação estava a cargo da Santa Casa em que nobres e oficiais mecânicos colaboravam com o mesmo empenho e igual devoção.



Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres

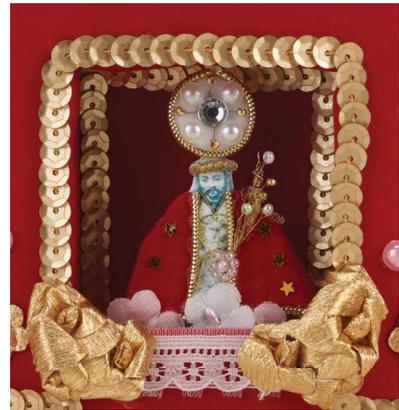
Faz o teu registo da imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres reutilizando uma caixa de fósforos.

MATERIAL

- Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres;
- Papel de veludo autocolante vermelho (ou outro);
- Cartolina vermelha;
- Tesoura;
- Cola;
- Fitas de lantejoulas ou galões dourados;
- Flores de papel;
- Caixa de fósforos (7,5 cm de comprimento e 5,5 cm de largura);
- Molde da moldura (modelo em anexo para o tamanho da caixa 7,5 cm por 5,5 cm).

PASSO A PASSO

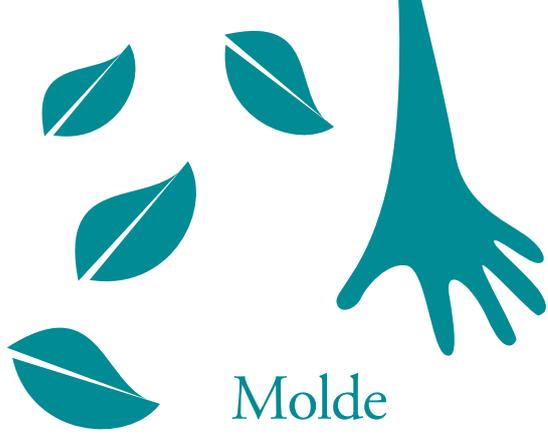
- Forra a parte interior da caixinha de fósforos com papel autocolante de veludo ou outro da tua preferência (podes igualmente pintar a caixa em vez de forrar);
- Escolhe uma imagem de um postal (em alternativa, podes desenhá-la numa cartolina ou moldar a figura); não te esqueças de que a imagem deverá caber na caixinha;
- Recorta a imagem deixando uma margem com cerca de 1 cm na parte inferior;
- Decora a imagem aplicando com a cola fios, missangas, lantejoulas, pedacinhos de papel ou tecido;
- Dobra a margem inferior da imagem para trás;
- Aplica cola na base da imagem e pressiona para a fixar no interior da caixa;
- Desenha a moldura (em anexo) numa cartolina vermelha e outra em papel de veludo; usa a criatividade e explora outras possibilidades;
- Recorta as molduras e cola a de veludo sobre a de cartolina;



- Recorta o quadrado central;
- Na parte de trás da moldura, aplica cola em volta da abertura;
- Posiciona a caixa rapidamente sobre a cola e pressiona;
- Contorna a moldura, colando uma fita de lantejoulas para dar um ar mais cuidado ao trabalho;
- Decora a frente da moldura a teu gosto, usando fitas douradas, pérolas, missangas, flores... tinta de relevo ou glitter.

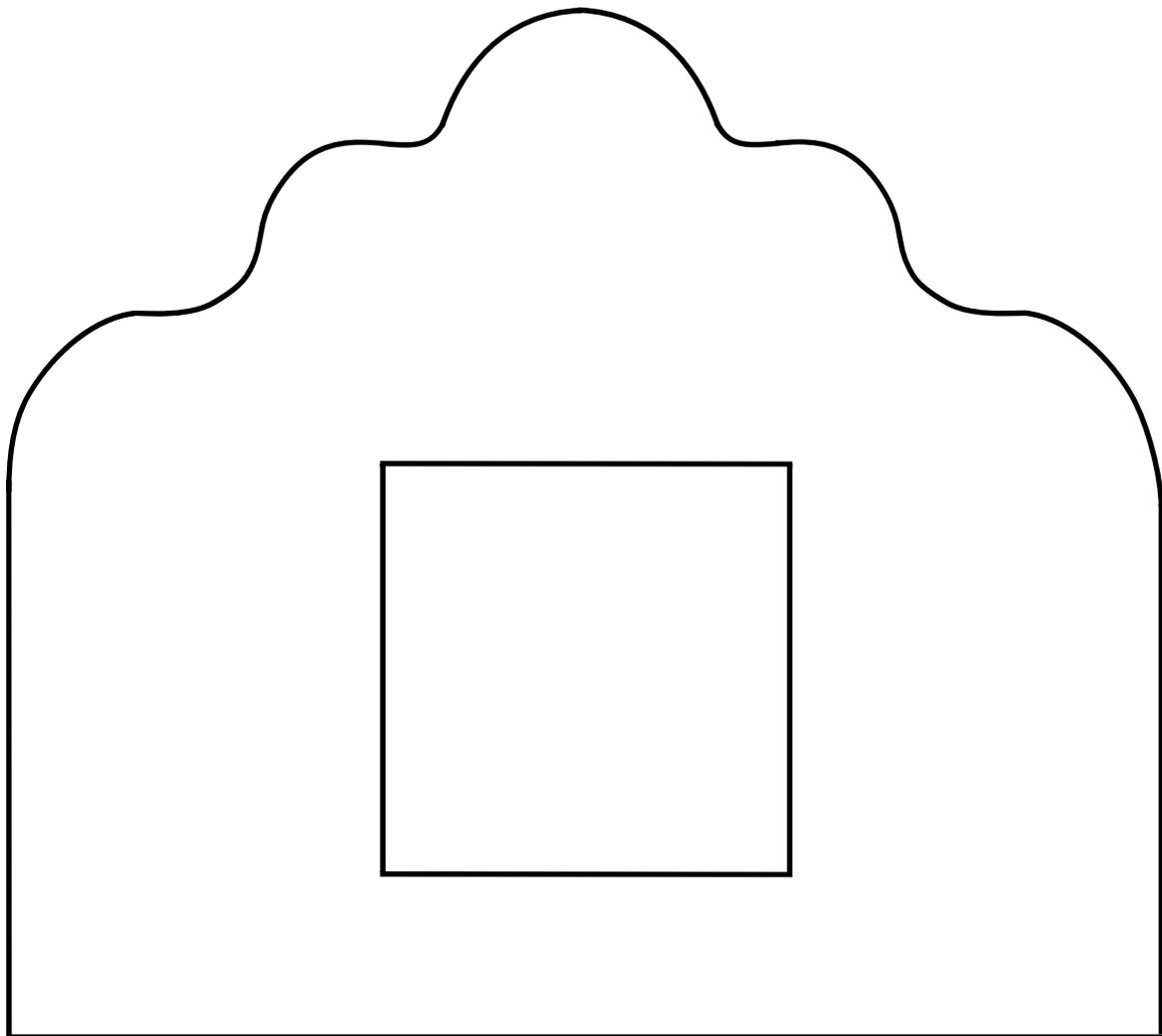
OUTRA SUGESTÃO

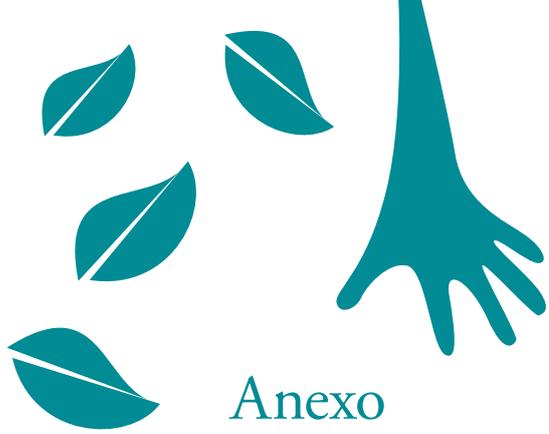
Podes fazer registos com caixas de madeira ou reciclar embalagens de plástico. As imagens podem ser tridimensionais, desenhadas ou recortadas. Tens exemplos em anexo.



Molde

Molde do Registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres





Anexo

Outras Sugestões





Presépios de Lapinha

As Lapinhas são autênticos presépios em miniatura, como se o artesão quisesse perpetuar a natividade de Cristo, lembrando que o espírito natalício deve estar sempre presente. A sua origem situa-se entre finais do século XVIII e início do século XIX.

As Lapinhas fazem parte de uma tradição conventual ligada a outros trabalhos artesanais, como é o caso das flores artificiais. Utilizando materiais diversos, constituem composições policromadas e miniaturizadas de cenas religiosas, bem marcadas pela devoção e gosto popular, passando a ser uma presença tradicional na casa açoriana, sob a forma de quadro ou de caixa de vidro que se colocava sobre a cómoda ou sobre uma mesa.

Tal como no presépio tradicional açoriano, as cenas bíblicas misturam-se com as cenas do quotidiano popular, dando lugar à integração de uma série de miniaturas figuradas em cerâmica pintada num suporte natural de pedras ou fragmentos de rochas, de musgos e plantas, de flores minúsculas e muitas conchas marinhas, o que veio reforçar, em termos de senso comum, a designação de lapinha aplicada a este presépio miniaturizado.

Todo este trabalho minucioso se desenvolve em torno do tema central: a gruta, que está na base da designação “Lapinha”, e que abriga a Sagrada Família, feita de pedra, musgo e tufo. Esta designação aplica-se igualmente aos pequenos nichos e capelas, muito em moda no século XIX, abertos nas paredes dos jardins e decorados com grande quantidade de conchas, búzios, cacos de diversas faianças, pedras de diferentes cores e vidros policrómicos dispostos em formas fantasistas, geométricas ou vegetalistas, fixados por meio de uma argamassa.

Poderíamos também encontrar a sua origem no Arcano Místico, na Ribeira Grande, em São Miguel. Foi executado pela Madre Maria Isabel do Apocalipse, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX e é constituído por 94 conjuntos alusivos ao Novo e ao Velho Testamento, mas também a acontecimentos



civis, que integram mais de 3.000 figuras. O corpo foi moldado com massa à base de miolo de vidro, farinhas, e goma-arábica, sobre o qual se colocaram roupas feitas com a mesma massa e se adicionaram pigmentos naturais. Os relevos são constituídos por suportes de madeira, cortiça, esponja e também se utilizaram cascas de árvores, musgos e uma profusão de conchas. Esta obra encontra-se num armário de vidro com cerca de dois metros de altura por dois metros de largura e integra um museu que lhe foi instituído pelo município – Museu Casa do Arcano.



Lapinha

Cria o teu Presépio de Lapinha utilizando materiais que encontras na natureza e outros que podes reutilizar.

MATERIAL

- Rolo de cartão;
- Conchinhas da areia (peneiradas da areia da praia);
- Conchas de lapas, búzios...;
- Cola branca;
- Cola quente ou cola tudo;
- Pasta de moldar de secagem ao ar;
- Tintas acrílicas (várias cores);
- Pincéis;
- Base de madeira, cartão ou cortiça;
- Musgo, pedras e gravetos;
- Flores secas, artificiais ou de papel.

PASSO A PASSO

Cabana da Sagrada Família:

- Recorta no rolo de cartão uma abertura generosa que será a entrada da gruta;
- Amachuca a parte de cima do rolo, tornando-o mais ou menos plano;
- Espalha cola branca na parte de dentro do rolo e cobre com as conchinhas peneiradas da praia; sacode o excesso, sem tocar com as mãos;
- Depois de seca a parte interna do rolo, reveste do mesmo modo a parte exterior;
- Decora com pequenas conchas de búzios e lapas, flores, musgo, pedrinhas e gravetos, auxiliando-te da cola tudo ou da cola quente;
- Cola a gruta numa base de cartão, madeira ou cortiça, que igualmente podes decorar.

SAGRADA FAMÍLIA

- Molda as figuras principais do presépio (podes ainda moldar animais, anjos e estrelas);
- Deixa as peças secarem ao ar e depois pinta-as a teu gosto;
- Compõe a tua “Lapinha”, colando as figuras dentro e fora da gruta que montaste.

OUTRA SUGESTÃO

Podes utilizar outros suportes para o teu presépio, como cabaças, latas, oásis, etc.





Aprende

Figurado em Madeira

Fabrico de Miniaturas

Os primeiros povoadores encontraram estas ilhas dos Açores cobertas de denso arvoredo; uma paisagem naturalmente agreste e intacta. O desbravamento das terras permitiu aos recém-chegados dispor de grande variedade e quantidade de madeiras que seriam utilizadas na construção das primeiras habitações e do respetivo mobiliário, na construção naval, numa diversidade de pequenos utensílios e mesmo no comércio com o exterior.

Nesta vegetação endémica predominava o Cedro, sendo a matéria-prima de eleição para a execução de determinados trabalhos, mesmo quando, a partir do século XVI, às madeiras endógenas se juntaram madeiras exóticas que as caravelas e naus portuguesas da Carreira da Índia traziam a estas paragens.

Exemplares do artesanato tradicional açoriano, as miniaturas em madeira possuem elevado valor cultural, na medida em que reconstituem segmentos importantes da cultura popular açoriana. Genericamente, representam instrumentos e cenários da vida rural que ainda permanecem na memória coletiva, como a popularmente conhecida carroça de madeira, sempre presente nas vendas de rua das principais festas da ilha de São Miguel. São também pequenas esculturas que se conjugam numa composição etnográfica que recria cenas do trabalho agrícola, da pesca, da vida doméstica e religiosa, como, por exemplo, as alfaias agrícolas tradicionais, a cozinha, a “matança do porco”, as romarias, etc.

Tal como acontece com as pequenas figuras de cerâmica que integram os presépios de Natal, esta tendência extravasa o âmbito da reconstituição histórico-etnográfica, quando as peças se destinam a coleção e decoração, ou até quando se transformam em brinquedos. A criatividade produtiva artesanal estava diretamente ligada a uma economia de subsistência, pelo aproveitamento dos desperdícios na confecção desses brinquedos, e de todos os outros trabalhos figurativos em madeira.

O fabrico artesanal, com fins comerciais, parece mais enraizado na ilha Terceira, chegando a atingir algum requinte ornamental, com motivos de gosto popular entalhados (o sino-saimão, a cruz de Malta e rosáceas), como é o caso da ornamentação do carro de



bois e das cangas, a confecção das gaiolas de touros, de alguns elementos do traje tradicional, como as galochas, entre outros.

Em virtude do progresso tecnológico, esta produção artesanal adquire estatuto patrimonial em coleções particulares e nos museus da Região, sendo objeto de reprodução em miniatura, e amplamente divulgada no mercado turístico e no vulgarmente designado mercado da saude.



Escultura Criativa em Madeira

Fabrico de Miniaturas

Cria peças artísticas temáticas com aparas e restos de madeira.

MATERIAL

- Aparas, serradura e restos de madeira;
- Cola branca de madeira;
- Lixa (opcional);
- Tintas (opcional).

PASSO A PASSO

- Pede numa carpintaria restos e aparas de madeira;
- Cria esculturas de animais, monstros, objetos, etc., colando, com cola branca, pedaços de madeira uns nos outros, dando-lhes a forma pretendida;
- Para teres um acabamento mais perfeito das peças, podes alisar alguns dos pedaços de madeira com auxílio de uma lixa;
- Se considerares necessário, poderás decorar a tua peça pintando pormenores ou colando serradura, aparas de madeira ou outros materiais.

OUTRA SUGESTÃO

Faz miniaturas de objetos, como por exemplo, a burra de milho, carroças e bonecos, com palitos, paus de gelado, bolas de madeira, entre outros materiais.





Aprende

Osso e Dente de Cachalote

Arte de Trabalhar Osso, Chifre e Similares

A arte de trabalhar o osso e o marfim, também designada por scrimshaw, compreende duas técnicas bem distintas: a escultura e a gravação. A sua origem reporta-nos às frotas baleeiras que percorriam o Pacífico, o Ártico e a Gronelândia, em finais do século XVIII, em especial as da Nova Inglaterra, que frequentemente se aproximavam das ilhas do Grupo Ocidental para fazerem aguada e mesmo para recrutarem elementos para as suas tripulações.

Se a aprendizagem da técnica de trabalhar o marfim marinho foi feita por influência estrangeira, o mesmo já não se poderá dizer da matéria-prima que era obtida e passou a ser trabalhada por baleeiros locais que, em frágeis embarcações, se entregavam à aventura da caça ao cachalote.

Ao primeiro grupo, o da escultura, pertence uma diversidade de objetos decorativos, esculpidos em osso de cachalote, composta essencialmente por miniaturas, utilitários como as cacheiras de bengala, os agulheiros e furadores para bordados, as agulhas para tricotar, as caixas de costura, as roldanas de tear e ainda objetos de adorno como os botões de punho, brincos, colares, anéis, medalhas, entre outros.

As peças gravadas são, na sua maioria, dentes de cachalote. Depois de arrancado da mandíbula, eram deixados a secar durante algumas semanas para depois serem raspados com uma lâmina de vidro ou de aço e polidos com pó de pedra-pomes e cinza peneirada. A gravação era feita com uma navalha ou um buril, a traços lineares ou ponteados, uns grossos e outros finos, esboçados no papel ou no próprio dente a lápis. As incisões eram realçadas com “negro de fumo” fixado com o óleo da própria baleia. Embora menos comuns, também existem trabalhos policromados a partir de corantes vegetais ou de anilinas. Depois de a tinta penetrar nas incisões com o auxílio de uma esponja ou dos próprios dedos, limpa-se a superfície polida com um material macio, como, por exemplo, um pano.



Os imperativos do mercado turístico deram origem a uma certa divisão entre os artesãos que se dedicam à arte do scrimshaw. De um lado, os antigos baleeiros que tentam preservar as técnicas e as temáticas tradicionais da “escola baleeira americana” do século XIX, em que predominavam os temas clássicos de paisagens marinhas e, do outro, uma geração mais nova, não necessariamente ligada à vida marítima, que procura satisfazer um mercado de *souvenir*. Empregando técnicas e utensílios modernos, como as punções de várias dimensões e a tinta da China, introduzem novos motivos na gravação, ligados à vida rural e à divulgação do património histórico dos Açores.

A proibição da caça à baleia afetou uma importante atividade económica, resultante do aproveitamento integral do corpo destes mamíferos e, designadamente, a produção destes artefactos que presentemente está condicionada aos stocks limitados existentes, mas legalmente reconhecida através de regulamentação europeia.



Trabalho Artístico em Gesso e Basalto

Arte de Trabalhar Osso, Chifre e Similares

Imita a técnica do scrimshaw numa pedra de basalto.

MATERIAL

- Pedra rolada de basalto;
- Gesso;
- Água;
- Cola branca;
- Espátula fina (ou um prego grande para raspar).

PASSO A PASSO

- Prepara uma porção de gesso com a água e um pouco de cola;
- Cobre a pedra com o gesso pastoso, com a ajuda de uma espátula;
- Deixa secar umas horas;
- Depois de seco, risca a lápis um desenho que represente a arte baleeira;
- Com auxílio de uma espátula fina de metal ou com um prego, subtrai o gesso por cima do risco, até se ver a cor da pedra;
- Poderás colar, com cola quente, outra pedra por trás do teu trabalho para servir de suporte.

OUTRA SUGESTÃO

Podes usar a mesma técnica noutros suportes, como por exemplo, vasos de cerâmica e painéis de madeira.





Aprende

Viola da Terra

Fabrico de Instrumentos Musicais de Cordas

A viola tradicional dos Açores é a Viola da Terra, também designada por Viola de arames, Viola de dois corações, e Viola de doze cordas. É considerado o instrumento popular mais antigo do Arquipélago e terá acompanhado os primeiros povoadores do século XVI, a comprovar pelas referências do historiador Gaspar Frutuoso, na sua obra Saudades da Terra.

Do ponto de vista técnico, distinguem-se dois tipos de violas da terra: a micalense e a terceirense. Genericamente, estas violas regionais compõem-se pela caixa de ressonância, braço e cravelhas de afino, escala e cavalete. No tampo superior, estão recortados dois corações centrais e unidos, simbolizando a saudade, o afeto, enfim... a expressão dos sentimentos do povo açoriano.

É um instrumento construído nos moldes clássicos das técnicas tradicionais, totalmente manuais, excetuando as cordas que são de fabrico industrial. As madeiras utilizadas são endémicas, como a Acácia e o Cedro-do-mato. Alguns pormenores de acabamento e ornamentação poderão empregar madeiras exóticas como a sucupira. Arma com doze cordas, divididas em cinco grupos: os três primeiros duplos e os dois seguintes triplos (agudo/grave).

São características ímpares, forjadas ao longo dos séculos no isolamento das ilhas, que diferenciam este instrumento tradicional dos seus congéneres continentais e madeirenses: a madeira utilizada, a técnica de execução, as cordas e a afinação.

O Padre Ernesto Ferreira, na sua obra, A Alma do Povo Micalense, faz-nos a melhor exultação da viola da terra: (...)aparece em todas as manifestações de regozijo. Levam-na os ranchos, que vão às grandes festas tradicionais. Com o seu acompanhamento se canta o fado, a saudade, a sapateia, o pezinho, a belaurora, a chamarrita e outras modinhas.





Faz

Visita Ativa – Viola da Terra

Fabrico de Instrumentos Musicais de Cordas

A Viola da Terra é o instrumento que sempre representou a união dos Açorianos. A união pelo convívio em balhos animados noite adentro, depois de dias duros de trabalho. A união pela partilha musical, entre familiares e vizinhos, em modas de linda execução, ponteada ou rasgada. A união pela saudade, pela ligação à terra, por parte de todos os que se viram forçados a partir em busca de um melhor futuro.

O tanger e o construir da Viola continua vivo, rico e diversificado nas nossas ilhas e merece ser constantemente revisitado.

EQUIPAMENTO

Mente aberta e curiosidade.

VISITAR O CONSTRUTOR DE VIOLAS DA TERRA JOSÉ AGOSTINHO SERPA, NA ILHA DAS FLORES

A arte da construção de instrumentos tem a sua perícia e os seus segredos. Descendo a Costa do Lajido, na ilha das Flores, poderão encontrar a oficina de José Agostinho Serpa, onde este se dedica à construção de diversos instrumentos musicais de entre os quais a nossa Viola da Terra. Também poderão admirar-se com os moldes de instrumentos inventados por esse construtor! Por fim, poderão sempre desafiá-lo a tocar e a cantar as dezenas de modas que ele bem conhece.

BALHAR UMA “CHAMARRITA”, NA ILHA DO PICO

A chamarrita dança-se na ilha do Pico em eventos ao longo de todo o ano. Começando sempre com o toque rasgado da Viola da Terra a que se segue o pontear da melodia pelo bandolim ou violino, todos



são convidados a participar e a “dar um pé de dança”. É muito importante estar atento ao mandador, que vai dando as orientações, sempre diferentes em cada momento, de acordo com o que lhe vai na alma! Mas deve ser tudo vivido sempre em alegria e, no final, “vão todos à praia”: o momento de se refrescarem com os licores caseiros! Não se fique por aí: fale com os tocadores, conheça as suas histórias, pergunte pelos “Canarinhos”, pelo mítico “Ti Ramona” e tantos outros que merecem que as suas histórias sejam conhecidas.

VISITAR A EXPOSIÇÃO DE VIOLAS NO MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DO CAMPO

Se passar por São Miguel é importante passar pelo Solar Viscondes do Botelho, em Vila Franca do Campo, onde encontrará uma rica exposição de violas da terra e ainda de outros instrumentos de cordas. No mesmo espaço apresenta-se uma importante e minuciosa exposição da “Arte do Violeiro”, onde pode conhecer as várias fases de construção da viola. Se ainda não estiver satisfeito e esclarecido, visite a oficina do jovem construtor de instrumentos

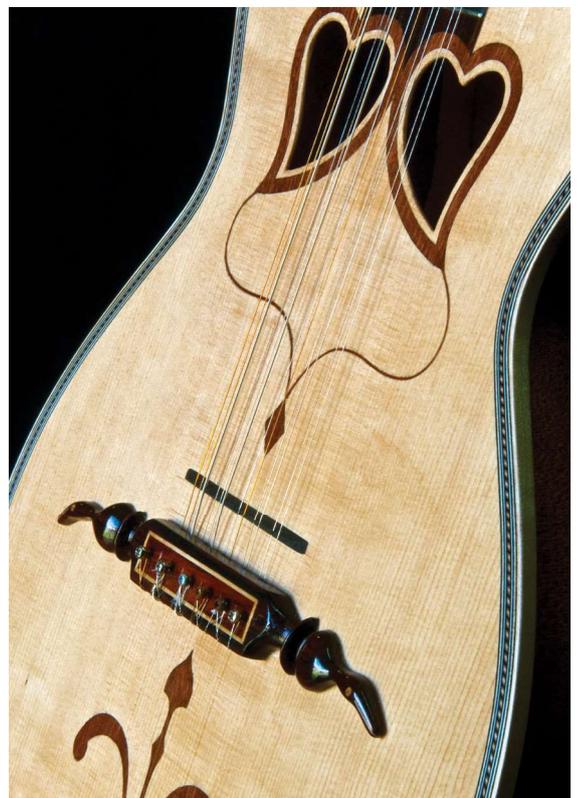
Hugo Raposo, em Ponta Delgada, muito perto do Mercado da Graça, na antiga barbearia do seu avô, Libório Raposo, grande tangedor de Viola da Terra. Pergunte ainda pela classe de violas da terra do Conservatório Regional de Ponta Delgada ou pela Escola de Violas da Relva. Saiba que eventos poderão estar a decorrer com a nossa viola de dois corações.

PARTICIPAR NUM BAILE DE RODA EM SÃO JORGE OU NA GRACIOSA

Nas ilhas Graciosa ou de São Jorge há muitos bailes de roda, com modas normalmente mais lentas, em que os tocadores de Viola da Terra, violão, bandolim ou violino também entram na roda. É também frequente ser o tocador de viola o mandador. Se estiver numa dessas ilhas tente saber onde vai decorrer um baile de roda e não tenha medo de participar no mesmo. Por São Jorge aproveite para passar pelo Topo e conhecer a oficina do construtor de Violas da Terra Raimundo Leonardes. Pela Graciosa, pode tentar conhecer a oficina do construtor Hélder Eiró ou do Serafim Silva. Tente conhecer os muitos tocadores que essas ilhas continuam a ter, da velha à nova geração.

OUVIR UMAS “VELHAS”, UMA “CANTORIA” OU UM “PEZINHO” NA ILHA TERCEIRA

Passando pela ilha Terceira nada como ouvir os seus poetas populares em improvisos. Procure saber onde poderá estar a decorrer um serão de “cantigas ao desafio”, comuns a várias ilhas dos Açores e que, na ilha Terceira, costuma finalizar com as divertidas “velhas”, sempre em ambiente de inspiração espontânea. Também é típico desta ilha o chamado “pezinho dos bezerros”, especialmente na época das festividades do Divino Espírito Santo. Tente ainda conhecer os construtores da viola de 15 cordas, como António Mota ou Nuno Nunes, bem como os muitos tocadores especialistas na arte de dedilhar esta “viola terceirense”.





Cabaça de Ritmos

Fabrico de Instrumentos Musicais de Cordas

Com materiais naturais, como sementes de Sabugueiro e uma cabaça oca, constrói um instrumento musical de percussão. Serão as sementes presas à cabaça que farão o som, quando a rodarem.

MATERIAL

- Cabaça seca;
- Sementes de Sabugueiro;
- Fio de nylon (6mm);
- 50 cm de arame fino (6 mm);
- Tesoura;
- Alicate.

PASSO A PASSO

- Com a ajuda de um adulto faz um orifício na parte superior da cabaça e retira as sementes secas;
- Faz um círculo com o arame à volta da parte mais fina da cabaça; não o deixes muito apertado;
- Faz outro círculo, mais pequeno, para a parte inferior da cabaça;
- Com o fio de nylon une com nós o círculo de arame preso à cabaça na parte superior ao de baixo que ainda está solto;
- Repete o processo com mais três fios de modo a tornar a estrutura bem segura;
- Com um duplo nó, prende um fio de nylon com cerca de 30 cm ao círculo de arame superior;
- Enfia as sementes no fio até baixo. Amarra o fio ao círculo de arame inferior, dando vários nós;
- Repete o processo anterior até teres completado um número de fios que permita dar o som pretendido (pelo menos 12);
- Podes ainda preencher fios com sementes e prendê-los na horizontal, ou mesmo fazer uma trama ou rede.



OUTRA SUGESTÃO

Com materiais naturais (canas, areias, pedrinhas...) e reutilizáveis (rolos de cartão, colheres, recipientes...), reinventa outros instrumentos musicais.



Aprende

Sabão

Fabrico de Sabões e Outros Produtos de Higiene e Cosmética

Em Portugal, o monopólio régio do sabão estendeu-se desde o século XV ao século XVIII. Na época, a lei punia a produção doméstica de sabonetes. A Real Fábrica do Sabão, na vila de Belver, em Portalegre, foi uma indústria artesanal de grande importância económica e social desde a segunda metade do século XVI. Começou por funcionar em regime de monopólio régio, até que se deu a Revolta dos Saboeiros em 1858. A Revolta aconteceu porque, para além de comprarem toda a matéria-prima e produzirem o sabão, os saboeiros tinham de partilhar o lucro das suas vendas com a Coroa, pagando um imposto pela produção do sabão. Os saboeiros belverenses lutaram contra a injusta lei do Monopólio Régio e ela foi extinta.

Nos Açores existiram várias indústrias de sabão que, à época, utilizavam métodos essencialmente artesanais de produção. Destacamos três de que encontramos registo e que laboraram em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX:

Fábrica de Sabão Michaelense, de João Chaves – Fundada em 1879, esta fábrica produzia anualmente cerca de 16 toneladas de sabão branco, amarelo e preto. Todo o trabalho de produção do sabão era desempenhado pelo proprietário e por dois operários e os instrumentos de trabalho reduziam-se a uma pequena caldeira de ferro fundido e algumas formas de madeira. A matéria prima que compunha o sabão era a soda cáustica, o carbonato de soda refinado seco (sal de soda) de origem inglesa, o óleo concreto de palma procedente de África, o sebo cozido de vaca, cabra e carneiro, obtido localmente e a resina colofónia (resina vegetal de espécies da família das Pinaceae), parte de origem nacional e parte procedente dos Estados Unidos da América. Esta informação chega-nos através de um Inquérito Industrial realizado em 1881 que refere, ainda, a existência de uma fábrica de sabão na ilha Graciosa.

A **Saboaria União Fabril Terceirense**, de João Bello de Moraes – Fundada em 1893, esta fábrica laborou na Ladeira Branca até cerca de 1930. Fabricava várias qualidades de sabão e sabonetes medicinais e exportava sabão e sabonetes para as ilhas vizinhas. Em 1906 esta fábrica anunciava o seu sabão exclusivo Açoreano Fino.

Fábrica Ideal, de Afonso Miranda – Em 1932 esta fábrica publicitava na revista Insula a sua nova criação: o Sabonete da Ladeira Velha. Este sabonete era anunciado como o verdadeiro sabonete das crianças e o preferido para uso nas enfermarias. O seu ingrediente nobre era a água termal da Ladeira Velha (Porto Formoso), combinado com branco de baleia (espermacete – substância cerosa de cor clara produzida pelos cachalotes), azeite de oliveira, olicerina (glicerina) e carbonatos sódicos. O anúncio dizia que a soda cáustica não fazia parte da sua composição para que a água termal mantivesse as suas propriedades benéficas.

A principal matéria prima do sabão, nomeadamente em Portugal continental, era o azeite, ao qual eram adicionadas cinza e cal. Nos Açores, utilizava-se a gordura animal, como a banha de porco, fervida em água coada de cinzas de madeira, produzindo-se o chamado sabão de cinzas. Quando a madeira é queimada, os sais minerais nela presentes permanecem nas cinzas. Alguns desses sais são solúveis em água, nomeadamente o carbonato de sódio e o carbonato de potássio. A água coada das cinzas é, por isso, alcalina e ideal para a fabricação do sabão.

Hoje em dia, na produção artesanal do sabão, é privilegiado o azeite, que é misturado com sódio, de forma a tornar o sabão sólido. Os outros ingredientes são escolhidos de acordo com as matérias-primas disponíveis em cada região.

São cada vez mais os artesãos mestres em saboaria e muitas as pessoas interessadas em comprar sabão artesanal e em aprender a arte. A produção artesanal de sabão é uma atividade que promove a sustentabilidade e a saúde das pessoas e do ambiente e isso é cada vez mais valorizado. São utilizados produtos naturais benéficos para a pele e que não prejudicam a natureza, as embalagens são, muitas vezes, biodegradáveis ou reutilizáveis e a produção é feita em pequena escala, respeitando os recursos naturais e a sua sustentabilidade.





Sabão de Azeite

Fabrico de Sabões e Outros Produtos de Higiene e Cosmética

Sabão extremamente suave, ideal para peles sensíveis.

INDUMENTÁRIA ADEQUADA

- Luvas de borracha/látex;
- Roupa de manga e calça comprida;
- Calçado fechado;
- Avental;
- Máscara;
- Óculos de proteção.

MATERIAL

- Balança digital (precisão grama a grama);
- Recipiente de vidro, inox ou plástico, resistente ao calor;
- 2 Copos de vidro ou plástico;
- Espátulas de silicone;
- Varinha mágica;
- Conta-gotas;
- Copos ou colheres medidas;
- Formas de madeira, plástico ou silicone;
- Película aderente;
- Papel vegetal.

INGREDIENTES:

- 500 g azeite;
- 62 g Soda Cáustica;
- 145 g água destilada;
- Óleos essenciais de plantas a gosto;
- Corantes próprios para sabão, argilas naturais, especiarias (como a curcuma) a gosto.

PASSO A PASSO (num espaço ventilado)

- Pesa o azeite num recipiente de vidro, inox ou plástico, resistente ao calor;
- Coloca luvas, máscara e óculos;
- Pesa a água num recipiente resistente ao calor;
- Pesa a soda cáustica num copo;
- Verte a soda cáustica na água, mexe com uma colher de silicone até dissolveres os cristais e reserva;
- Pesa os aditivos num copo (óleos essenciais e corantes);
- Verte a solução cáustica no azeite;
- Mistura, com a varinha mágica ou com a espátula,



- até obteres um traço leve (quando a massa apresenta o primeiro sinal de emulsificação – o azeite e a soda estão tão bem misturados que já não se separam mas ainda está bastante líquida);
- Adiciona os aditivos e mistura até obteres um traço médio (quando a massa já apresenta uma consistência de pudim);
- Verte para a forma;
- Limpa a área;
- Guarda o sabão durante 24 horas num local seco e fresco antes de o desenformares;
- Depois de desenformares o sabão, corta a barra em fatias;
- Guarda as fatias de sabão a “curar” num local fresco e seco pelo menos durante seis semanas; vai verificando o seu peso e a sua consistência;

NOTA: Durante o processo de cura acontecem três coisas: termina a saponificação (reação química que origina o sabão), evapora o excesso de água (o sabão perde peso, encolhe um pouco, aumenta a sua dureza e torna-se menos solúvel em água) e desenvolve-se a estrutura cristalina (cristais sólidos que constituem o sabão). Quando verificares que o peso do sabão se mantém de um dia para o outro, então o teu sabão estará pronto a usar.



Aprende

Arte de Bonecreiro

A expansão da Commedia dell'Arte para além das fronteiras de Itália e a consequente disseminação de comediantes e bonecreiros itinerantes pela Europa constitui o fator determinante do surgimento dos heróis populares. Neste contexto, em Portugal, surge a presença dos fantoches nos atos religiosos, designados por “Bonifrates” e durante vários séculos estas representações são ainda popularmente conhecidas por “presépios”.

Entretanto, devido à perseguição por parte da Inquisição, o Teatro de Fantoches é praticamente extinto em Portugal, restando somente os fantocheiros de rua.

Em Portugal, o herói popular chega aos nossos dias com o nome de Dom Roberto e, até meados do século XX, era comum encontrarem-se Robertos e as suas coloridas barracas nas ruas, praças, jardins e praias de todo o país. De carácter essencialmente popular, o repertório do Teatro de Robertos era composto por textos de tradição oral, de sabor popular, e muito improvisado.

Uma das características peculiares do Teatro Dom Roberto é o facto de, ao contrário de todos os outros teatros tradicionais europeus, todos os personagens falarem com “voz de palheta”. Por isso, o seu vocabulário baseia-se num conjunto de “palavras-chave” que contém o som mágico da voz dos “robertos”, o “rrr”: porra, rapaz, carolada, touro, truca-truca, arroz, bruto; além de todos os nomes de mulheres, Rosa, Rata e Rita e de um grande número de estranhas onomatopeias, brrr, prrrri, turrrututu, quirrrri...

Verdadeiros empresários de teatro atravessavam o país de norte a sul, sobretudo durante o verão, com os seus pavilhões ambulantes, onde apresentavam espetáculos com marionetas de luva e de fios, tendo chegado também, ao arquipélago dos Açores.

A par do Teatro Dom Roberto estão os Bonecos de Santo Aleixo, que também são uma das referências da marioneta portuguesa. Oriundos da aldeia que lhes



deu o nome, de composição essencialmente rural, percorriam o Alto Alentejo apresentando os seus espetáculos, havendo registos da sua existência já no século XVIII. Manipuladas por cima, através de vara, as marionetas são extremamente simples e de dimensões reduzidas.

O repertório compreende peças de tradição secular e outras de teor mais especificamente religioso, bem como textos pertencentes à chamada literatura de cordel. As suas personagens carismáticas são o Padre Chancas (representante da autoridade eclesiástica) e o Mestre Salas (mestre-decerimónias), que por tradição ou abraça ou castiga o Padre com uma moça, enquanto este prega.

De outra origem e mais recente em Portugal é o teatro de sombras. É no Oriente, em particular no sudeste asiático, na Índia e em outras partes da Ásia, que o teatro de sombras tem raízes mais profundas, mantendo-se uma tradição bem viva ainda hoje e classificada pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade.



Fantoches de sombra

Arte de Bonecreiro

Nesta proposta, escolhemos uma lenda da ilha de Santa Maria para criar os fantoches de sombra. E ainda acrescentámos outra da ilha das Flores, para poderes dar largas à tua imaginação.

São lendas pouco conhecidas, mas que fazem parte do nosso património cultural, sobretudo da tradição oral.

MATERIAL:

- Cartolina preta;
- Lápis branco;
- Tesoura;
- Papel celofane de várias cores;
- Cola;
- Fita cola;
- X-ato;
- Paus de espetada.

PASSO A PASSO

- Primeiro, lê a lenda com atenção;
- Em seguida, desenha na cartolina preta, com o lápis branco, as personagens e os elementos do cenário mais significativos, para poderes contar a história;
- Com a tesoura recorta as figuras que desenhaste e com o x-ato podes fazer alguns pormenores;
- Depois, cola papel celofane nas partes que queres que apareçam com cor na projeção;
- Com fita cola, coloca um pau em todas as figuras;
- Por fim, monta o teu cenário para a projeção do teu teatro de sombras; podes utilizar um pano branco fino com uma luz por trás e as imagens projetam-se no pano, ou podes usar simplesmente um projetor de luz.





Anexo

AS SETE CALDEIRAS DAS FLORES

Havia um homem da ilha das Flores que tinha um filho de nome João. O rapaz era muito sonhador, simples e bom, como tinha fama de ser toda a gente das Flores.

Um certo dia o João ia pelo caminho fora, carregado com bilhas de água. Tinha-a ido buscar longe para ser usada em casa. Ia sozinho e a sonhar, um pé na terra e outro na lua, como é natural m todos os rapazes e crianças da sua idade. Encontrou, a certa altura, uma poça de água no caminho e disse, em voz alta, para si mesmo:

– Dizem que noutros lugares há lagoas e caldeiras muito lindas. Aqui na minha ilha não há. Vou mas é fazê-las!

Pegou numa das bilhas de barro que trazia cheias de água e despejou-a no chão. Com a facilidade com que tinha sonhado em fazer as lagoas, logo se formou a primeira caldeira.

O rapaz deu pulos de alegria e pensou: “Sempre que encontrar poças de água, vou fazer o mesmo!”

Ali à esquerda estava outra poça mais funda e o rapaz, com confiança, vazou outra bilha de água. Formou-se outra vez uma lagoa, muito, muito funda.

Teve de ir de novo encher as bilhas. Levado pelo sonho, foi andando, andando, pela ilha, tendo encontrado ao todo sete poças de água, onde foi deitando água.

Assim se foram formando as caldeiras da ilha das Flores, pequenas, mas algumas muito fundas, como é o caso da Caldeira Funda das Lajes, onde poderia flutuar um grande pacote. Há outras mais baixas, como a Caldeira Rasa, cujas margens são muito lodosas e perigosas. As restantes lagoas que o rapaz foi formando ao encontrar as poças de água são as Caldeira Branca, a Seca, a Comprida, a Funda e a da Lomba.

A SEREIA DA PRAIA

No lugar da Praia, em Santa Maria, muito próximo do mar, vivia um pescador que tinha um filho já homem. Nas noites de lua cheia costumavam sentar-se fora da porta, viam o mar e ouviam, às vezes, uma voz muito bonita. O pai, questionado pelo filho, dizia-lhe que aquela linda voz era das sereias, mas que era preciso fugir delas porque costumavam enfeitiçar os homens com o seu canto e levá-los para o fundo do mar. Quanto mais o pai o avisava, mais o jovem sonhava com as sereias.

Numa noite de lua cheia, não prestando atenção aos rogos do pai, o jovem caminhou para ouvir o canto das sereias de perto. A noite estava calma e a claridade de prata dava coragem ao jovem pescador, que se escondeu por detrás de um alto penedo, à espera que as sereias se aproximassem da praia.

As horas foram passando sem que nenhuma aparecesse, mas o seu doce cantar ouvia-se ao longe. Já cansado da espera, o pescador fez um esconjuro, dizendo:

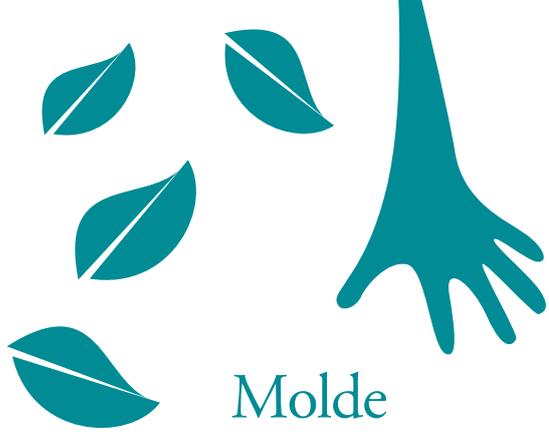
– Sereias de má ventura, já me estais a arreliar!...

Ainda não tinha acabado de dizer estas palavras e já corpos alvos e lindos se começaram a aproximar da praia. Eram raparigas metade peixe metade mulher, com cabelos ruivos, muito belos.

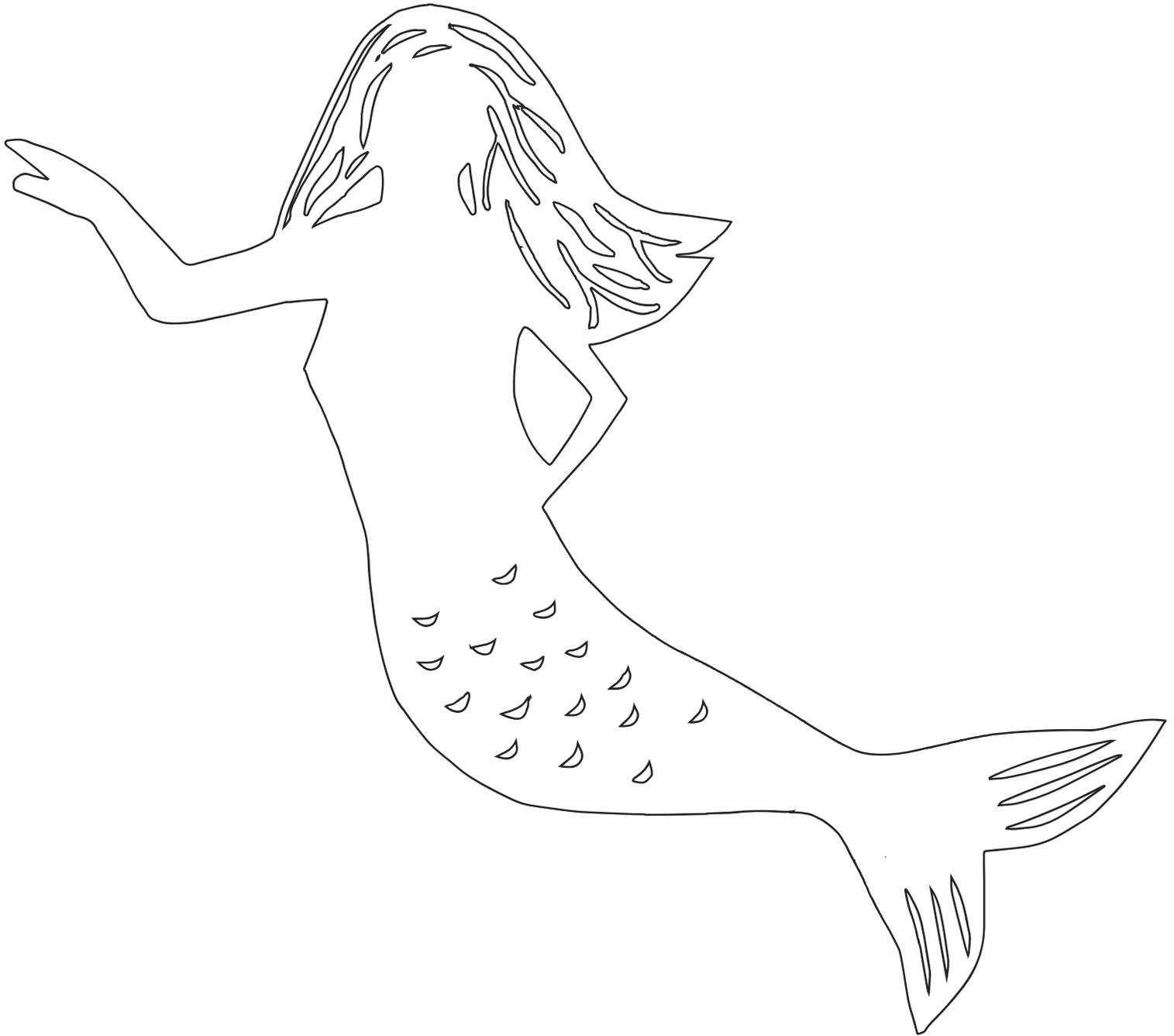
A sua beleza e o cantar suave, assim como os gestos harmoniosos do seu dançar encantaram o jovem. Sem se poder conter, saiu do esconderijo e correu pela praia para apanhar alguma sereia. Mas elas, vendo um homem, fugiram com ligeireza e atiraram-se ao mar. Na confusão da corrida, uma deixou-se apanhar e, medrosa, começou a chorar e a espernear para se libertar.

O pescador, desorientado, lançou um esconjuro e deu uma pancada na nuca da sereia para que sossegasse. Ela deixou cair as guelras e, quebrado o encanto, transformou-se numa linda mulher.

O jovem não podia acreditar naquilo que os seus olhos viam e logo se apaixonou. Levou-a consigo. Passado pouco tempo, casou com a Sereia da Praia e foi viver para a Almagreira. Ainda hoje em Santa Maria vivem muitas pessoas da família da sereia, principalmente as lindas raparigas de cabelo vermelho da Almagreira.



Molde





Flores Artificiais

A arte de confeccionar flores artificiais, tal como outras artes e ofícios tradicionais dos Açores, foi implementada por religiosos vindos do continente, sendo desde logo acolhida nos conventos, onde floresceu graças à dedicação e minúcia das freiras que cultivavam o trabalho manual.

A primeira referência histórica remonta ao século XVII, altura em que, no convento de Santo André, na ilha de São Miguel, se podiam apreciar as primeiras flores artificiais feitas com penas brancas de patos reais.

A produção de flores artificiais destinava-se principalmente à Igreja, para ornamentação de andores e altares.

Os materiais utilizados na confeção das flores eram dos mais comuns como a lã, o tecido, a seda, o papel e a folha de milho, aos menos vulgares como a cera, as conchas, o miolo de figueira, as penas, as escamas de peixe e até cabelo.

Luis Bernardo de Leite Ataíde, um estudioso da etnografia açoriana, distinguiu quatro tipos de flores artificiais:

– As flores populares, feitas de papel colorido e conhecidas como “flores de freira”, acusando a sua origem conventual, mas que eram geralmente o adorno tradicional das cómodas da casa rústica, junto ao Registo do Santo Cristo.

– Flores feitas de tecidos como a cassa, o veludo e a seda, dos quais resultavam originais cabazes de flores e frutos.

– Composições florais de miolo de figueira, sobretudo de rosas, cravos, heras, amores-perfeitos, espigas de trigo e folhas de parreira.

– As flores feitas de penas, reproduzindo fielmente o rainúnculo, o cravo a sécia e outras flores cultivadas na Região, em composições coloridas.



Atualmente ainda se fazem flores de folha de milho, palhinha de trigo, escama de peixe, miolo de figueira, sendo que as de penas são hoje uma raridade que urge recuperar.

As flores continuam a cumprir a sua função decorativa nas casas e nas igrejas, mas também são empregues nos registos do Senhor Santo Cristo dos Milagres, nos palmitos e nos adornos pessoais femininos.

As flores de dragoeiro são uma derivação mais recente, sobretudo na ilha do Pico. A folha de dragoeiro é utilizada geralmente nos capachos, mas o seu uso origina flores de grande originalidade.



Flores de Dragoeiro

Faz uma variedade de flores com as folhas de dragoeiro. Podes fazer as duas variedades que se apresentam, como podes fazer só uma. Fica à tua escolha.

MATERIAL

- Folhas de dragoeiro secas;
- Fio de ráfia castanho;
- Tesoura;
- Cola.

PASSO A PASSO

- Para qualquer das flores é preciso cortar as pontas mais coloridas, que é o que dá beleza à flor; corta várias para cada flor, pelo menos umas seis, e separa;
- Se quiseres a flor desfiada, basta fazer cortes com a tesoura nas pontas coloridas;
- Se quiseres a flor com o centro em bicos, basta cortares as pontas inferiores da folha de dragoeiro;
- Se quiseres a flor com o centro arredondado, desfia bem fino umas folhas e separa;
- Depois, para montares qualquer uma das flores que escolheste, basta juntar os molhinhos e atar com a ráfia, primeiro o centro e depois as folhas inteiras;
- Para terminar o caule, enrolas o fio de ráfia.





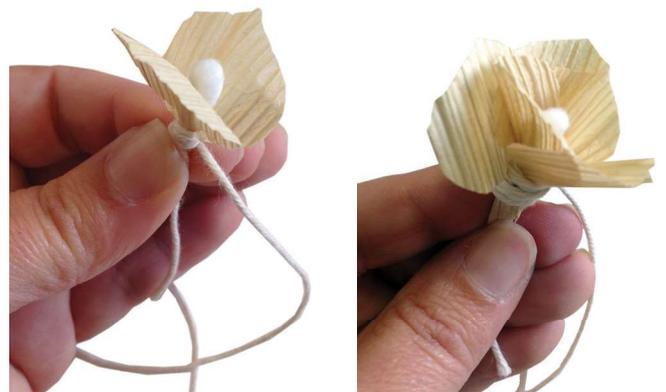
Flores em Folha de Milho

MATERIAL

- Folhas de milho;
- Tesoura;
- Linha de algodão;
- Flores secas, arame fino ou cotonete.

PASSO A PASSO

- Faz um molde de uma pétala em cartão e recorta-o;
- Dobra uma folha de milho ao meio e com o molde recorta cerca de 10 pétalas, como se vê na imagem;
- Compõe o centro da flor, usando flores secas, um arame fino ou um cotonete;
- Junto ao centro da flor, encosta uma pétala e prende-a, dando várias voltas com a linha; repete o mesmo procedimento com mais três pétalas e termina com um nó;
- Com as restantes 6 pétalas, compõe uma segunda camada ligeiramente abaixo das primeiras; termina com um nó bem apertado.



Flores de Papel

MATERIAL

- Papel crepe verde, rosa e amarelo;
- Tesoura;
- Cola;
- Arame;
- Fita floral adesiva;
- Alicates;
- Fio barbante;
- Linha.

PASSO A PASSO

CAULE E ESTAMES

- Forra o arame com fita floral adesiva;
- Forma uma pequena argola aberta na ponta do arame;
- Passa pela argola o pedaço de fio barbante;
- Com ajuda da linha, aperta o fio terminando num nó;
- Apara a linha e o fio;
- Corta com a tesoura pequeníssimos quadradinhos de papel amarelo;
- Pega nos vários bocadinhos e coloca-os na palma da tua mão esquerda;
- Esfrega com a outra mão os bocadinhos de forma a ficarem mais finos;
- Esfiapa o fio com os dedos e coloca um pouco de cola na ponta;
- Mergulha o fio com a cola nos bocadinhos de papel amarelo e obténs os estames da flor.

FOLHAS

- Recorta dois retângulos de papel crepe verde com cerca de 8 cm de comprimento e 4 cm de largura;
- Dobra cada pedaço de papel ao meio duas vezes;
- Recorta o papel em forma de folha para obteres quatro folhas duplas para a flor;
- Forra dois arames de verde para colocar duas folhas em cada;
- No meio da folha cola um estame de arame forrado de verde. Por cima volta a colar uma folha;
- Repete o processo nas restantes três folhas.



FLOR

- Recorta, com a tesoura, dois retângulos de papel crepe cor de rosa com cerca de 12 cm de comprimento por 6 cm de altura de papel crepe cor de rosa;
- Dobra cada retângulo ao meio, formando um quadrado; dobra-os mais duas vezes do mesmo modo;
- Com as dobras viradas para o teu lado esquerdo, e segurando na ponta fechada, recorta o papel em forma arredondada, semelhante a uma pétala, da direita para esquerda;
- Abre os papéis e terás quatro pedaços que serão as pétalas da flor;
- Na zona inferior do fio, até à linha, coloca um pouco de cola;
- No caule de arame, coloca um pouco de cola na zona abaixo do fio e enfia uma a uma as pétalas; aperta junto ao centro, dando o formato de flor; podes colocar a quantidade de pétalas que desejares;
- Anexa a cada flor as folhas que quiseres, enrolando os arames uns nos outros.



Bibliografia





Bibliografia

Afonso, João Dias, *Mimos das Ilhas – Alfenim a apoteose do açúcar in Panorama*, Revista Portuguesa de Arte e Turismo, nº 17. IV Série, Março de 1966

Amador, José Maria, *A arte de entalhar a madeira em Portugal*, in *As Idades da Madeira*, IEFP, 1997

Amorim, Norberta; Correia, Alberto; Perdigão, Teresa, *Rendas dos Açores- Ilhas do Pico e Faial*, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Porto, 2004

Andrade, Alexandra, *Bordados dos Açores*, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Porto, 2008

Andrade, Alexandra, *Cerâmica dos Açores*, Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial - Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Ponta Delgada, 2014

Arquivo dos Açores, volume VII, Ponta Delgada, 1885

As idades do brinquedo – formas e memórias do brinquedo manufaturado em Portugal, Catálogo da Feira Internacional de Artesanato de 2007, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Lisboa, 2007

Ataíde, Luís Bernardo Leite de, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1973

A viola da Terra, catálogo de exposição, Direção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo, 2001

Barnden, Betty, *Guia essencial de bordados*, Lisma, 2006

Camacho, Beatriz Cidade Medeiros, *Vila Conceição: Proposta de reabilitação para turismo em Espaço rural*, ESAD, 2015

Costa, Francisco Carreiro da, *Etnologia dos Açores*, volume 2, Lagoa, Câmara Municipal de Lagoa, 1991

Costa, Manuel Paulino Soares Ribeiro da, *Muros de basalto negro: um repositório da geodiversidade, da biodiversidade e da história da ilha do Pico*, in *Douro e Pico, Paisagens Culturais Património Mundial*, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2019

Cunha, Regina de Azevedo Pires Toste Tristão da, *Da Tecelagem ao Trajo – Aspectos da Vida Jorgense*, BLU Edições, Angra do Heroísmo, 2000

- Dias, José Teixeira, *Registos do Senhor*, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Ponta Delgada, 2012
- Duarte, Luiz Fagundes, *O Carnaval na ilha Terceira*, Comunicação e Cultura, n.º10, 2010, pp. 87-100
- Fechaduras de madeira do Corvo*, edição do Centro Regional de Apoio ao Artesanato e da Associação para o desenvolvimento local de Ilha dos Açores – Adeliçor, Horta, 2008
- Fernandes, Isabel Maria, *Cerâmica*, in *Enciclopédia Açoriana*, Direção Regional da Cultura, 2001
- Ferreira, Ernesto (Padre), *A alma do povo micalense*, Ponta Delgada Ofic. Artes Gráficas 1927
- Fiadeiro, José Miguel F. P., *O Tingimento de Materiais Têxteis: De Arte a Ciência, Oração de Sapiência*, Universidade da Beira Interior, 30 de abril de 1993
- Furtado-Brum, Ângela, *Açores, lendas e outras histórias*, Ribeiro & Caravana Editores, 1999
- Gomes, Maria Teresa Cavaco, *A (re) invenção do papel in As Idades do Brinquedo*, IIEFP, 2007
- Idades Entrelaçadas, Formas e Memórias das Artes de Trabalhar Fibras Vegetais*, Instituto Emprego e Formação Profissional, Lisboa, Junho de 2013
- Inquérito Industrial de 1881*, 2.ª parte, Liv. II, p. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, pp. 285 e 312
- Lalanda, Mafalda, *O Museu do Sabão e a preservação da memória dos saboeiros de Portugal*, entrevista a António Severino, vice-presidente do Museu do Sabão em Belver, in <https://gerador.eu/>
- Martins, Rui de Sousa, *Arquipélago dos Açores: objetos singulares em casas insulares*, in *Artes da Casa – Ambientes singulares*, IIEFP, 2011
- Medeiros, Sofia de, *Retábulos Barrocos Micaelense: estilo nacional e joanino. Primeira abordagem à construção de um itinerário*, Editora Artes e Letras, 2012
- Parry-Jones, Maria, *Guia essencial de tricô*, Lisma, 2006
- Perdigão, Teresa, *Tesouros do Artesanato Português*, I Volume, Editorial Verbo, Lisboa, 2001
- Perdigão, Teresa, *Doçaria açoriana- da história que os gestos contam*, Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial-Centro Regional de Apoio o Artesanato, 2016
- Pomar, Rosa, *Malhas portuguesas*, Civilização Editora, 2013
- Ribeiro, Luís da Silva, *Obras*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1982
- Riley, Carlos Guilherme, *As cavalladas, Raizes Medievais e Evolução Histórica (Contribuição Para o Estudo da Festa nos Açores)*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994
- Rosa, Catarina Dias da, *Chavão: marcador de pão e de histórias*, SREC/DRAC/MLF, 2018

Rosa, Catarina Dias da, Fonseca, Guida, *Cores da terra: a tinturaria nas ilhas*, Presidência do Governo Regional dos Açores, DRAC/ Museu Francisco Lacerda, 2019

Ruas, João, *Notícias sobre a história do papel em Portugal*, Cultura [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 06 abril 2016, consultado a 4 setembro 2020. URL: <https://doi.org/10.4000/cultura.2344>

Silva, Ana Isabel Mateus da, *As percepções e as práticas das Famílias face às competências e ao Desenvolvimento das Crianças – Um estudo na região dos Açores e do Continente*, Universidade Aberta, Lisboa, 2008

Silveira e Sousa, Paulo, *As Actividades Industriais no distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910: um mundo de possibilidades escassas*, in *Arquipélago – História*, 2ª série, vol. 4, nº 2, pp. 127-186, Universidade dos Açores, 2000

Tecelagem Antiga dos Açores – catálogo, Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Ponta Delgada, 2004

Vários, *Trevo de Quatro Folhas: Lã, linha e agulhas*, volume 6, Vertice Editores, 1992

Vários, *Caminhos do Chá*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 2015

Vieira, João A. Gomes, *Família Dabney – memória de um legado*, Edição Intermezzo – Audiovisuais, Lda, Lisboa, 2005

Vieira, João A. Gomes, *O homem e o mar – artistas portugueses do marfim e do osso dos cetáceos – Açores e Madeira – vidas e obra*, Edição Intermezzo – Audiovisuais, Lda, Lisboa, 2003

Silveira e Sousa, Paulo, *As Actividades Industriais no distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910: um mundo de possibilidades escassas*, in *Arquipélago – História*, 2ª série, vol. 4, nº 2, pp. 127-186, Universidade dos Açores, 2000

Páginas da Internet consultadas:

bagosdeuva.blogspot.com

celpa.pt, *História do papel*

ctic.pt, *História do curtume*

hstoriadosacores.tumblr.com

museudamarioneta.pt, *Coleções/Marionetas/Portugal*

perinijournal.it, *Fabriano: uma folha de papel...ao longo de 750 anos*

siaram.azores.gov.pt, *Aquedutos de São Miguel*

pt.wikipedia.org, *Santa_Luzia (Angra_do_Heroísmo)*

pt.wikipedia.org, *Papiro*



GOVERNO
DOS AÇORES

SECRETARIA REGIONAL DA
JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO
PROFISSIONAL E EMPREGO



CENTRO DE ARTESANATO
E DESIGN DOS AÇORES

